



## Habitação de interesse social em São Gonçalo: a moradia como meio de promoção da independência para mulheres





# Habitação de interesse social em São Gonçalo: a moradia como meio de promoção da independência para mulheres

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação 2

Thayná Fernandes Faial Santos | DRE: 116059733

**Orientador 1:** Luciana Figueiredo

**Orientador 2:** Thiago Grabois

Rio de Janeiro, 2021.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me permitir ingressar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, e por me sustentar ao longo de toda graduação.

Agradeço ao meu esposo, Vitor Hugo, por ser meu maior apoiador desde o início, por suportar os momentos de estresse durante cada período letivo e, principalmente, durante o TFG.

Agradeço à minha família e amigos por todo o suporte, e pela compreensão sobre a minha ausência em muitos momentos devido à dedicação aos meus estudos.

Agradeço, também, às minhas amigas de graduação, Camilla, Talita, Rafaela, Samara e Brenda, pelo nosso companheirismo que me deu forças para dar continuidade.

Gostaria de agradecer, aos professores, pela contribuição para a minha formação profissional, especialmente, aos meus orientadores, Luciana e Thiago, por terem aceitado me direcionar ao longo de todo o Trabalho Final.

Por fim, agradeço à banca, por contribuir para a execução deste trabalho.



## RESUMO

O trabalho consiste em produzir Habitação de Interesse Social em São Gonçalo, com o objetivo de que a moradia se torne um meio de promoção de independência para mulheres, bem como para contribuir com a diminuição do alto déficit habitacional existente no município, levando em consideração a sustentabilidade social, questões sanitárias levantadas a partir da Pandemia do COVID-19 e as questões projetuais específicas de gênero.

# SUMÁRIO

■	1.	Apresentação e justificativa do tema	07
		1.1. Sustentabilidade social	07
		1.2. A relação entre a mulher e a moradia	08
		1.3. A escolha da cidade de São Gonçalo como local de intervenção	11
■	2.	Objetivo	13
		Objetivo geral	13
		Objetivos específicos	13
■	3.	Metodologia	14
■	4.	Objeto e campo de atuação	16
■	5.	Definição das diretrizes do projeto	18

6.	Escolha do local de intervenção	20	10.	Considerações finais	64
6.1.	Definição do eixo urbano para a escolha do terreno	20			
6.2.	Escolha do terreno	23			
6.3.	Análise do terreno escolhido	32			
7.	Definição do público a ser atendido	40	11.	Referências bibliográficas	66
7.1.	Definição do público alvo	40			
7.2.	A escolha do nome para o conjunto	42			
8.	Definição do programa de necessidades	44	12.	Anexos	69
8.1.	Definição do método construtivo	44			
8.2.	Definição do programa de necessidades	46			
9.	Desenvolvimento do projeto	48			
9.1.	Desenvolvimento da implantação	48			
9.2.	Desenvolvimento das unidades habitacionais	50			
9.3.	Desenvolvimento dos espaços administrativos e de comércio	61			
9.4.	Perspectivas do projeto	63			



# 1. Apresentação e justificativa do tema

## 1.1. Sustentabilidade social

A palavra “sustentabilidade” deriva do latim “sustentare” que significa sustentar, conservar e apoiar. O conceito de sustentabilidade, na política nacional e internacional, dá ênfase, sobretudo, aos âmbitos social, ambiental e econômico (SERAFIN, 2017).

Para um dos principais teóricos da sustentabilidade, Ignacy Sachs, a sustentabilidade social está relacionada a uma melhor distribuição de renda com redução das diferenças sociais, com participação e organização popular, e melhoria na qualidade de vida das pessoas (SAUGO, MARTINS, 2012). Já para os autores Robert Chambers e Gordon Conway, a ideia está na capacidade de previsão, adaptação e aproveitamento de mudanças no ambiente físico, social e econômico (SICHE et al., 2007).

O conceito de sustentabilidade social deve direcionar o desenvolvimento urbano para contribuir com a erradicação da pobreza e com a inclusão social, como podemos observar em um dos compromissos transformadores para o desenvolvimento urbano elencados pela da Nova Agenda Urbana da Organização das Nações Unidas (ONU):

**Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Reconhecemos também que a crescente desigualdade e a persistência de múltiplas dimensões da pobreza, incluindo o número crescente de moradores de favelas e assentamentos informais, estão afetando tanto países desenvolvidos quanto em desenvolvimento e que a organização espacial, a acessibilidade e o desenho do espaço urbano, bem como a infraestrutura e a prestação de serviços básicos, em conjunto com políticas de desenvolvimento, podem promover ou dificultar a coesão social, a igualdade e a inclusão. (ONU, 2017)**

Nesse sentido, o conceito de sustentabilidade social está diretamente relacionado à produção de habitação de interesse social, visto que, segundo Saugo e Martins (2012), a qualidade de vida decorre, sobretudo, das condições do local onde se vive.

# 1. Apresentação e justificativa do tema

Em relação à arquitetura, a sustentabilidade social inclui indicadores como acessibilidade, qualidade arquitetônica, flexibilidade da edificação, ambiente interno e adequação ao entorno (SILVA, 2007 apud REIS; LAY, 2010).

Reis e Lay (2010) afirmam que os aspectos físico-espaciais e aspectos de projeto possuem um importante papel na qualidade da habitação social, e no que diz respeito à sustentabilidade social, pois tais elementos influenciam na satisfação dos usuários desses conjuntos.

Dentre os indicadores da sustentabilidade social na arquitetura, podemos destacar a flexibilidade como uma das principais premissas para a realização do presente trabalho, uma vez que, de acordo com Souza (2008), atender às necessidades dos usuários, em todas as fases da sua vida e nos diferentes contextos sociais, econômicos e culturais são fatores essenciais para a qualificação de uma moradia considerada como “digna” ou “adequada”.

Saugo e Martins (2012), ressaltam a longevidade da utilização da construção como resultado da flexibilidade, pois as características de diferentes modos de vida familiar determinam o desempenho de todo o sistema de habitação familiar, e a possibilidade de alterações na estrutura interna das edificações precisa se adaptar às necessidades dos usuários que estão em constante mudança.

Portanto, como recomendado por Souza (2008), a possibilidade de alterações na estrutura física e funcional das unidades habitacionais, estará prevista na realização do projeto proposto por esse presente trabalho como garantia do direito básico à moradia, oferecendo condições de uso adequado ao longo do tempo.

## 1.2. A relação entre a mulher e a moradia

**O direito à moradia, como tal, não se limita à provisão de unidades habitacionais dentro dos padrões que se têm considerado satisfatórios, mas deve contemplar outros aspectos inerentes às especificidades e necessidades dos seus usuários e às interações desses com o ambiente construído, objetivando a crescente elevação da qualidade de vida. (SOUZA, 2008)**

A questão habitacional não pode ser solucionada através da criação de edificações que promovam somente abrigo às pessoas. De acordo com o autor, o direito à moradia envolve atender às necessidades dos moradores em esferas culturais, econômicas e sociais.

Em relação às mulheres, a moradia também possui uma importância política, ao se tornar um instrumento para o alcance de sua autonomia. Para Sales e Torres (2014), ao se inserir nos movimentos por melhores condições de moradia, a mulher transpõe os limites do espaço doméstico e se estabelece como sujeito político. Conseqüentemente, há uma mudança nas relações sociais, pois passa-se a questionar as relações de poder entre os gêneros.

Segundo Zerbinato, Avelar e Gonçalves (2020), as relações sociais de gênero contribuíram para que a mulher fosse a figura principal na luta por moradia, visto que a feminilidade sempre foi relacionada à atividades reprodutivas como cuidar, limpar, educar, servir, geralmente ligadas a trabalhos domésticos, criando um vínculo entre as mulheres e a casa. Portanto, é possível que esse seja um dos principais motivos para a participação feminina predominante nos movimentos por habitação.

**“A aquisição da moradia também significa ganhos de autonomia e de empoderamento, já que possibilitam que as mulheres saiam de relações violentas e autoritárias com seus respectivos parceiros.” (TOZZI, 2020)**

O Movimento de Mulheres por Moradia Orquídea (MMMMO), da cidade de Manaus, que foi criado com o objetivo de auxiliar mulheres em situação de violência doméstica, notou que a falta de moradia era um dos fatores mais desfavoráveis à saída de mulheres do ambiente agressor.

Vale ressaltar também, que durante o isolamento social, devido à Pandemia do Coronavírus, houve um aumento significativo nos casos de violência doméstica. De acordo com dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH) apresentados na Figura 1, o número de chamadas ao Ligue 180 que recebe denúncias de violência contra a mulher aumentou 14,1% nos primeiros quatro meses de 2020. (GOVERNO FEDERAL, 2020) Além disso, os casos de feminicídio aumentaram 22,2% nos estados brasileiros entre os meses de março e abril de 2020, conforme a Figura 2 (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).



# 1. Apresentação e justificativa do tema

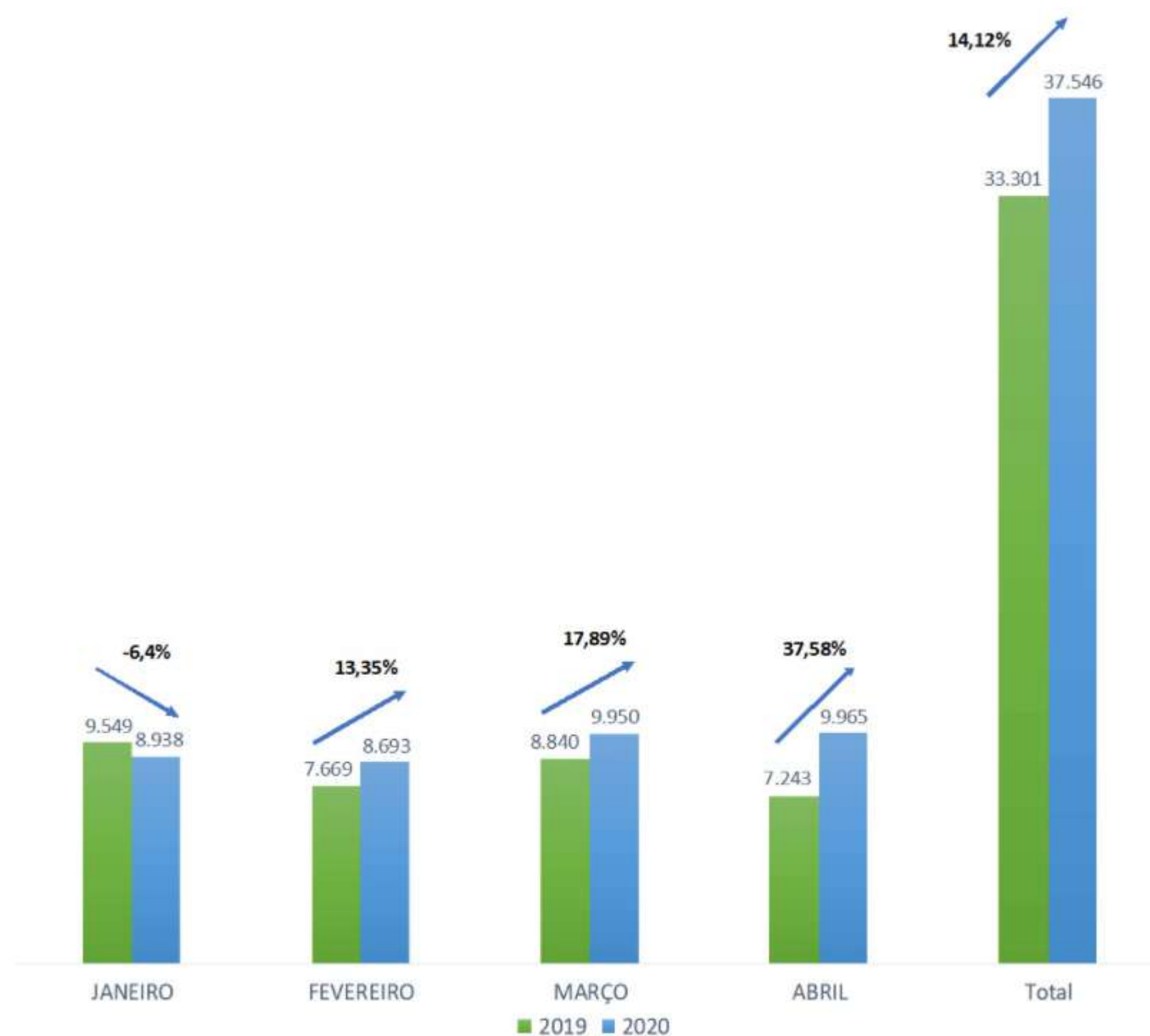


Fig. 1: Número de ligações ao 180 em 2019 e 2020  
Fonte: Governo Federal, 2020

Nesse sentido, as mulheres ao tomarem a decisão de participar de um movimento, quase sempre são acompanhadas da resistência de seus companheiros homens e dos filhos, que vêem nessa decisão à quebra do cotidiano familiar, além dos padrões morais que são acordados no âmbito da família e da comunidade. Na medida em que as mulheres saem do privado para o público elas começam a ter acesso a novas informações e conhecimentos, passando a redefinir as relações estabelecidas na esfera privada (com seus companheiros, pais e familiares) e no âmbito público quando começam a ocupar múltiplas posições nas relações formais (vizinhos e amigos). (PINTO, 1992).



Fig. 2: Feminicídio no Brasil

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020

A partir do momento em que a mulher decide participar dos movimentos de luta por moradia, ela recebe resistência em seus relacionamentos, como observado nos depoimentos a seguir. No primeiro, a fala de Roseane Queiroz uma moradora do Conjunto Habitacional Paulo Freire:

*Esse prédio aqui, foi surpresa, a mudança desse prédio. Ficou todo mundo rindo. Todo mundo tinha marido. Mas quando o caminhão de mudança chegou, chegou só as mulheres e os filhos. Então, assim, foram descobertas né, Diana? E essas mulheres que hoje, passaram por isso, elas que dão continuidade no movimento. Acompanham os mutirões, observam a mulher... Nós temos um outro olhar. (HABITAÇÃO...2019)*

E em seguida, o depoimento de uma Coordenadora do MSTs para o artigo “A Casa como conquista da cidadania: A luta de mulheres por habitação”:

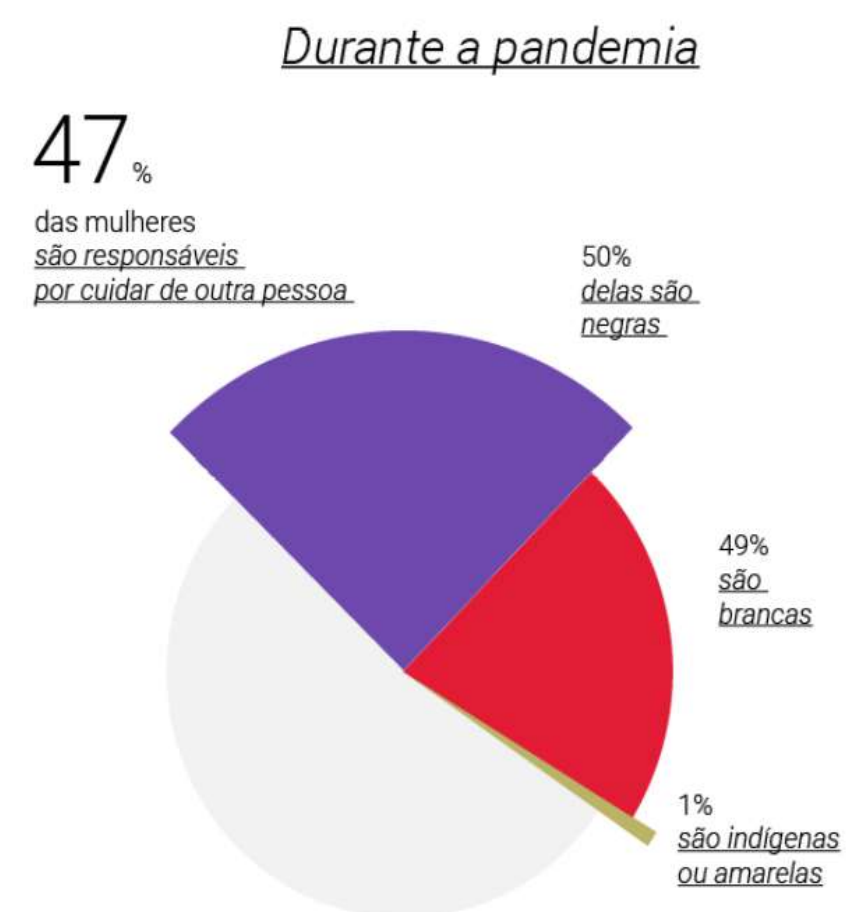
*O fato da mulher casada chegar no movimento, a tendência é elas avançarem cada vez mais, e terem uma ação mais aguerrida e se destacarem. Não significa que dentro de casa a relação melhorou. Uma liderança, por exemplo, que tem destaque dentro do movimento, passa por essa situação, quando ela chega em casa, o fato dela estar destacando mais, incomoda o marido, porque isso mexe com a relação dentro de casa, porque se antes ela ouvia ele dizer pare e ela parava, hoje ele diz pare e ela questiona porque parar? (TOZZI, 2020).*

# 1. Apresentação e justificativa do tema

Outro fator que impede a retirada de mulheres do ambiente violento é a dependência econômica em relação aos seus parceiros. Cerca de 36% das mulheres entrevistadas para a pesquisa do Senado Federal, feita pelo DataSenado (2015), responderam que um dos motivos que levam a mulher a não denunciar a agressão é a dependência econômica em relação ao parceiro.

Soma-se a isso a questão da Pandemia do Covid 19, em que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo IBGE, o número de mulheres que deixaram seus postos de trabalho no início da pandemia supera em 2 milhões o número de homens na mesma situação (totalizando cerca de 7 milhões de mulheres) (COMOLI E CANTO, 2020).

Em relação às mulheres que conseguiram se manter empregadas, elas que antes mesmo da pandemia, já possuíam uma carga de trabalho doméstico quase duas vezes maior que a dos homens, como demonstra a Figura 4 (IBGE, 2019), se sentiram ainda mais sobrecarregadas no período de isolamento social. No ano de 2020, destaca-se que quase 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia, e 41% das que seguiram trabalhando, afirmaram trabalhar mais, segundo a Figura 5 (GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA, 2020).

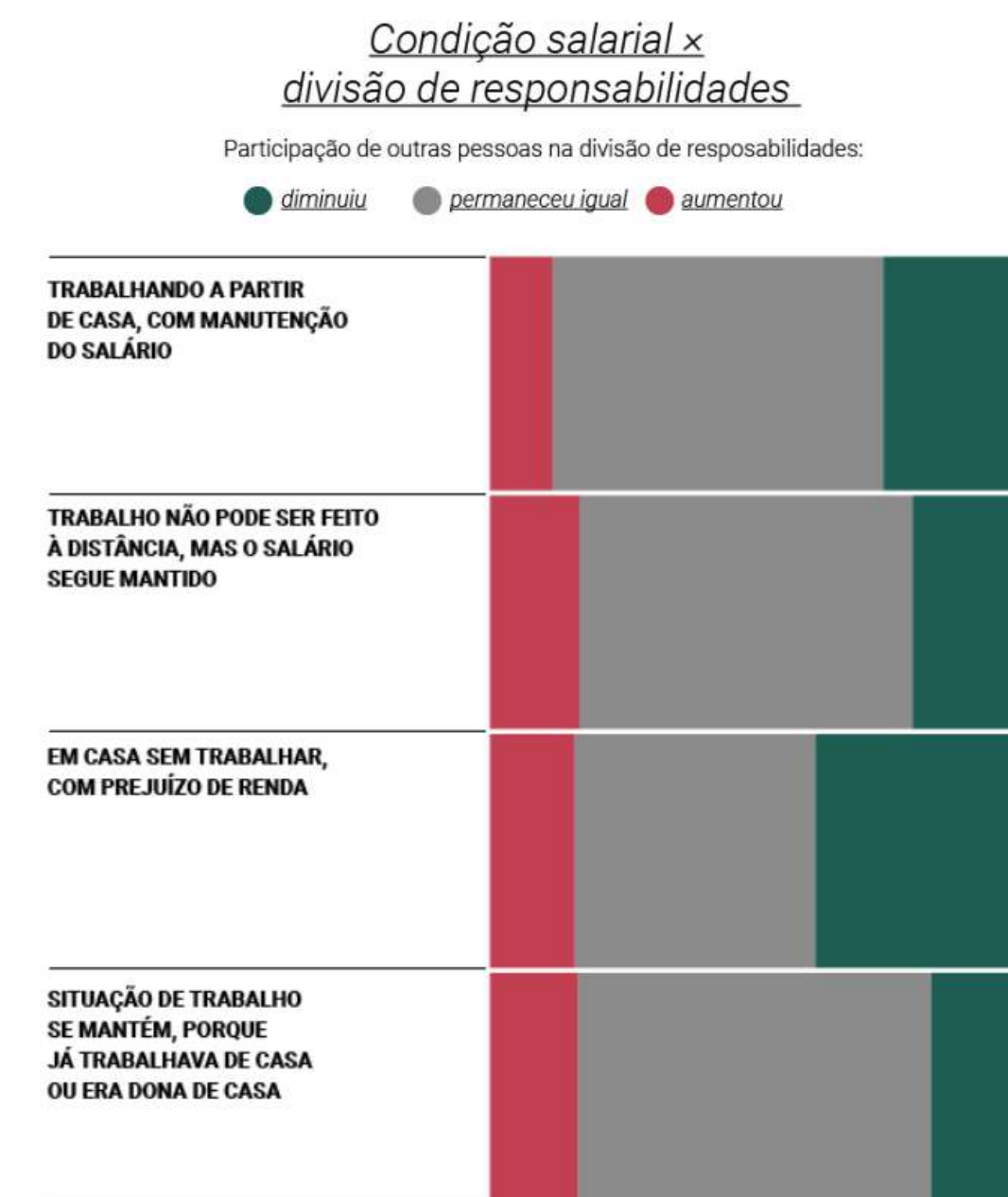


**Fig. 3:** Porcentagem de mulheres que passaram a cuidar de alguém durante a Pandemia do COVID-19.  
Fonte: Gênero e Número; Sempreviva, 2020

Número médio de horas nos afazeres domésticos



**Fig. 3:** Número médio de horas nos afazeres domésticos  
Fonte: IBGE, 2019. Editado pela autora



**Fig. 5:** Condição Salarial x divisão de responsabilidades.  
Fonte: Gênero e Número; Sempreviva, 2020

# 1. Apresentação e justificativa do tema

A psicóloga Marília Jacoby afirma que manter as atividades de forma remota trouxe novas dificuldades à mulher, pois as famílias precisaram adequar espaços privativos para trabalho e estudo, além da lógica da produtividade a qualquer custo (COMOLI E CANTO, 2020).

É imprescindível, portanto, que haja uma produção habitacional que considere as necessidades femininas, que garantam autonomia política, social e financeira. Este trabalho buscará refletir sobre a possibilidade de projetar uma Habitação de Interesse Social com foco na garantia dos direitos e na promoção da independência das mulheres, a partir de iniciativas que incentivem desde a participação delas no processo de projeto à formalização de seus negócios e capacitação profissional, além de adequar espaços que preservem o cuidado pessoal, relações de afeto e que estabeleçam limites entre trabalho e rotinas familiares.

## 1.3. A escolha da cidade de São Gonçalo como local de intervenção

Para a realização deste trabalho, foi feita uma análise sobre as áreas mais afetadas pelo déficit habitacional no país. Segundo Salles (2017), no ano de 2014, notou-se um aumento no déficit habitacional, totalizando 6,068 milhões de unidades, e a região Sudeste apresenta a maior parcela do déficit com 40% (2,425 milhões de unidades). Além disso, há uma concentração do déficit nas regiões metropolitanas de 1,715 milhão de unidades (cerca de 28,3% do déficit habitacional do país). Dentre as cidades, foi escolhido o município de São Gonçalo, atingido por altos índices de falta de moradia adequada aos gonçalenses.

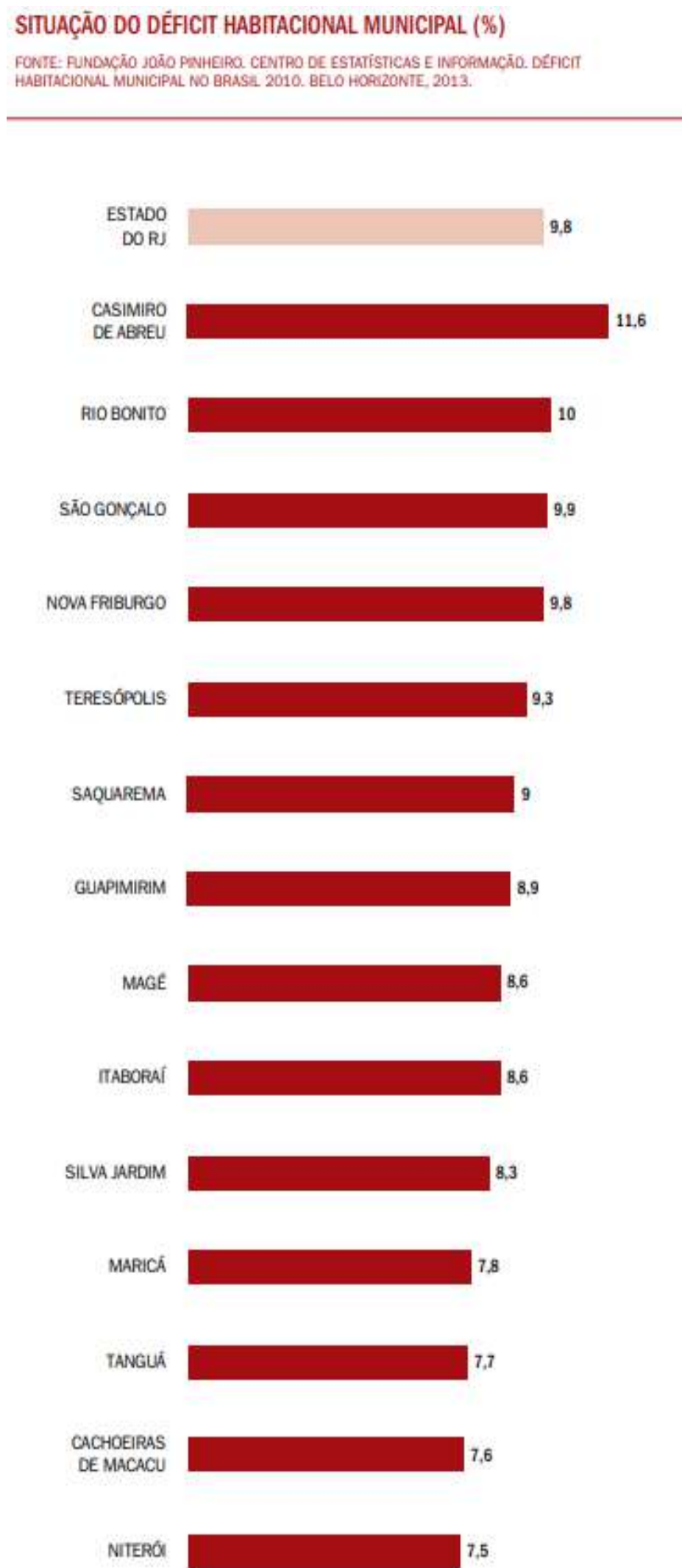
São Gonçalo é a segunda cidade mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, com aproximadamente de 1,2 milhões de habitantes, e a décima sexta do país. (OLIVEIRA, 2013). No entanto, possui o 3º maior índice de déficit habitacional do Estado (9,9%), de acordo com o Centro de Estatísticas e Informação da Fundação João Pinheiro em Belo Horizonte (2013), demonstrado na Figura 6. Segundo dados confirmados pela própria prefeitura da cidade, cerca de 20 mil pessoas são atingidas pelo déficit habitacional, como mostram os dados sobre a região do sistema de Indicadores de Cidadania (Incid), do Ibase (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013).

Para Oliveira (2013), embora São Gonçalo tenha atraído um grande número de investimentos no setor habitacional por meio do PMCMV, a cidade necessita de investimentos para além da moradia, acompanhado de desenvolvimento na infraestrutura urbana, equipamentos sociais e lazer, para que a moradia digna seja garantida aos moradores do município.

**A fragmentação do tecido urbano e a desigualdade social dos grandes centros urbanos poderiam ser minimizadas com intervenções no espaço público, com o resgate e a restauração da identidade das áreas periféricas e com a inclusão de assentamentos informais como parte da estrutura urbana da cidade, numa visão de cidade em que as redes de relações fazem parte do contexto do espaço urbano. (PECLY, 2012)**

O presente trabalho buscará entender as possibilidades para a produção de uma habitação com foco na garantia dos direitos e promoção da independência de mulheres, bem como formas de contribuição para minimizar o déficit habitacional e o distanciamento social dos moradores dessas unidades habitacionais, ao propor uma implantação, integrada ao desenho urbano, em um local que dê acesso a trabalho, transporte e serviços, a fim de proporcionar maior qualidade de vida aos residentes.

# 1. Apresentação e justificativa do tema



**Fig. 6:** Situação do Déficit Habitacional Municipal (%)  
Fonte: Fundação João Pinheiro, 2013.



## 2. Objetivo

### Objetivo geral -

Projetar uma Habitação de Interesse Social com o propósito de que a moradia se torne um instrumento para a promoção da independência das mulheres.

### Objetivos específicos -

1. Utilizar estratégias de projeto que incentivem a autonomia e independência dos moradores, sobretudo, das mulheres;
2. Inserir estratégias de projeto considerando questões sanitárias atuais levantadas pela pandemia do COVID-19;
3. Contribuir para o combate do alto déficit habitacional existente na cidade de São Gonçalo.

## 3. Metodologia



### Revisão bibliográfica -

Será realizado um estudo de referências para contextualizar o histórico da produção habitacional no país; sobre a participação da mulher na luta por moradia; além de referências sobre técnicas construtivas utilizadas em processos projetuais participativos.



### Breve histórico sobre a produção habitacional da cidade de São Gonçalo -

Será realizado um estudo de referências sobre a urbanização da cidade, análise sobre os índices relacionados à habitação e de como os órgãos responsáveis buscaram solucionar essa problemática.



### Estudo de referências projetuais -

Será realizada uma pesquisa por referências projetuais para buscar as melhores soluções, métodos construtivos e diferentes tipologias.



### Análise de problemática para a definição do programa -

A partir das conclusões geradas pelos itens anteriores, será realizada uma análise da problemática para a definição de um programa a fim de entender em qual nível poderá ser solucionado através do projeto.



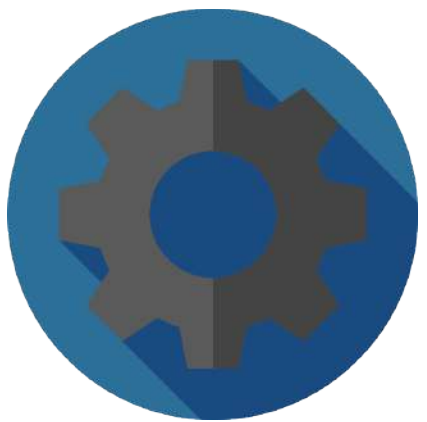
### Escolha do local de intervenção -

Análise do território, considerando as etapas anteriores desta metodologia, a fim de nortear a escolha do local de intervenção e viabilizar a definição de um terreno na cidade de São Gonçalo.




### Estudo Preliminar -

Serão desenvolvidos estudos sobre métodos construtivos, definição da quantidade de unidades para a realização do projeto.



### Projeto Final -

Serão desenvolvidos materiais gráficos para a definição da implantação, plantas, cortes, fachadas e perspectivas.



## 4. Objeto e campo de atuação

Ao analisar os modelos de habitação social atuais, notam-se diversos desvios de seu verdadeiro propósito, que seria o de promover moradia digna às pessoas, na medida em que são produzidas unidades habitacionais padronizadas, inflexíveis e monofuncionais que consideram um único modelo familiar (pai, mãe e dois filhos), que segundo o Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não é predominante no país (LAMOUNIER, 2017).

Vale ressaltar também que a falta de qualidade dessas habitações ficou ainda mais evidente com a Pandemia do Coronavírus, que obrigou as pessoas a passarem por um período de isolamento social. Para Cortes (2020) a pandemia mais uma vez trouxe à tona um problema conhecido: o tamanho diminuto das habitações sociais e a falta de serviços e saneamento em seus bairros.

Conforme a pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, realizada em meados de 2020, concluiu-se que entre as 2.641 mulheres entrevistadas, as mulheres foram as que mais sofreram durante esse período, seja por precisarem cuidar de outros membros da família (Figura 7), ou por ficarem mais suscetíveis à ações de violência doméstica, tornando a casa um ambiente de opressão a elas (GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA, 2020).

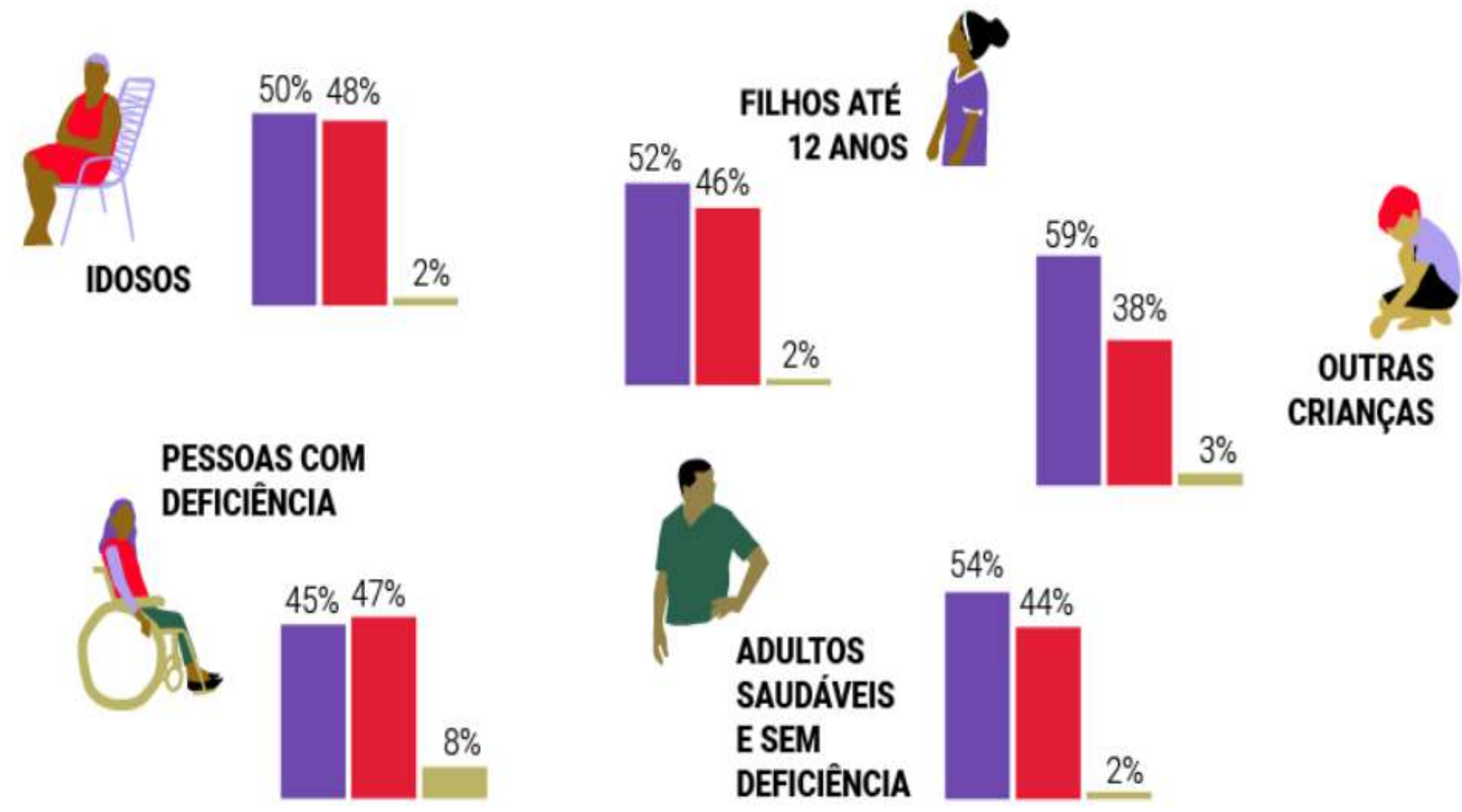
Portanto, neste trabalho será realizado um **Projeto**, no campo da **Habitação**, mais especificamente da **Habitação de Interesse Social**, nos moldes dos mutirões de autogestão com o objetivo de permitir flexibilidade e liberdade, ao se adaptar às reais necessidades e fases da vida de cada usuário e, sobretudo, que a casa se torne um meio de promoção de independência para mulheres, buscando uma forma de facilitar a participação das mesmas desde a concepção do projeto até a criação de espaços que possibilitem a geração de renda familiar dentro de casa.



# 4. Objeto e Campo de Atuação

*De quem essas mulheres cuidam na pandemia?*

● negras ● brancas ● indígenas e amarelas



**Fig. 7:** De quem as mulheres cuidam na Pandemia.  
Fonte: Gênero e Número; Sempre Viva, 2020



## 5. Definição das diretrizes do projeto

A partir de conclusões do assunto abordado durante o TFG 1, foram consideradas as seguintes diretrizes para o projeto de Habitação de interesse social em São Gonçalo:

### 1. Escolha do terreno em área central, e projeto integrado ao desenho urbano

A localização de uma habitação é essencial para que ela cumpra o papel de moradia digna aos usuários. Em relação à mulher, é primordial que a casa esteja localizada em área dotada de serviços, infraestrutura, e equipamentos urbanos, além da proximidade à possíveis postos de trabalho a fim de garantir sua autonomia, segurança física e psicológica para ela e para sua família.

### 2. Variedade de tipologias habitacionais

Como afirmado anteriormente, as famílias brasileiras não podem ser reduzidas à formação “tradicional” adotada como referência para a produção habitacional da atualidade. A variedade nas tipologias das unidades habitacionais consideram os diversos tipos de famílias, atendendo às especificidades de cada uma delas.

### 3. Consideração de questões sanitárias

A pandemia do Coronavírus evidenciou a falta de atenção às questões sanitárias relevantes que contribuem para a construção de uma moradia digna. Dentre elas, as diretrizes escolhidas para o projeto serão:

- **adoção de áreas verdes nos espaços coletivos:** como forma de aumentar o contato dos moradores com a natureza, contribuindo para a redução estresse e, conseqüentemente, cuidando da saúde mental dos mesmos;
- **implantação e unidades habitacionais que favorecem a ventilação e iluminação adequadas:** a fim de reduzir a possibilidade de proliferação de doenças no interior das casas.

# 5. Definição das diretrizes de projeto

## 4. Consideração das questões de gênero

Considerando as questões de gênero a fim de facilitar a vida cotidiana e garantir a segurança das moradoras, as diretrizes escolhidas serão:

- **entradas e saídas do conjunto conectadas:** como uma forma de controle visual e físico sobre as pessoas que acessam ao conjunto;
- **janelas nas áreas onde as atividades domésticas são realizadas, voltadas para os espaços onde as crianças brincam:** para possibilitar o controle visual dos filhos enquanto realiza suas tarefas cotidianas;
- **criação de espaços para guardar bicicletas, carrinhos de bebê e itens de difícil armazenamento dentro de casa:** para facilitar a organização do interior das casas, ao contribuir com a sobrecarga de tarefas que precisam ser realizadas pelas mulheres.

## 5. Flexibilidade das unidades habitacionais

Essa é uma das diretrizes mais importantes para a realização do presente projeto, pois a partir dela, os seguintes pontos serão possíveis:

- **possibilidade de alteração ao longo do tempo:** a fim de proporcionar adaptações de acordo com as necessidades dos usuários, como por exemplo, adequação ao envelhecimento dos moradores ou ao acolhimento de outros familiares;
- **possibilidade de criação de espaço para exercício físico:** como forma de contribuir para a saúde mental e física dos moradores;
- **possibilidade de criação de espaços para trabalho e geração de renda:** a fim de estabelecer espaços adequados para as mulheres que trabalham de forma remota, e para contribuir com a construção da autonomia, através da possibilidade de independência financeira das mulheres.



## 6. Escolha do local de intervenção

### 6.1. Definição do eixo urbano para a escolha do terreno

De acordo com Gamrani e Tribouillard (2021), as cidades são feitas por e para homens, uma vez que os locais de tomadas de decisão para a cidade, como o setor de planejamento urbano e outros cargos, são ocupados majoritariamente por homens responsáveis pela elaboração de muitos dos Planos Diretores e das políticas urbanas atuais. Além disso, a representação simbólica do espaço público também contribui para que a mulher não se sinta representada na cidade, com os nomes das ruas (Figura 8), vias, praças e monumentos, na grande maioria, reconhecidos por nomes masculinos, e das sinalizações representadas por desenhos da figura masculina.

A publicidade também possui um importante papel na naturalização de relações de poder e dominação que envolvem as questões de gênero que, por sua vez, podem transmitir violência simbólica ao estampar os espaços públicos com propagandas sexistas, como na Figura 9, por exemplo (GAMRANI; TRIBOUILLARD, 2021).



**Fig. 8:** Placa da Rua Dr. Francisco Portela no bairro Patronato em São Gonçalo.  
Fonte: Google Maps.

## 6. Escolha do local de intervenção



**Fig. 9:** Propaganda sexista em outdoor.  
Fonte: Gabriela Doscher.

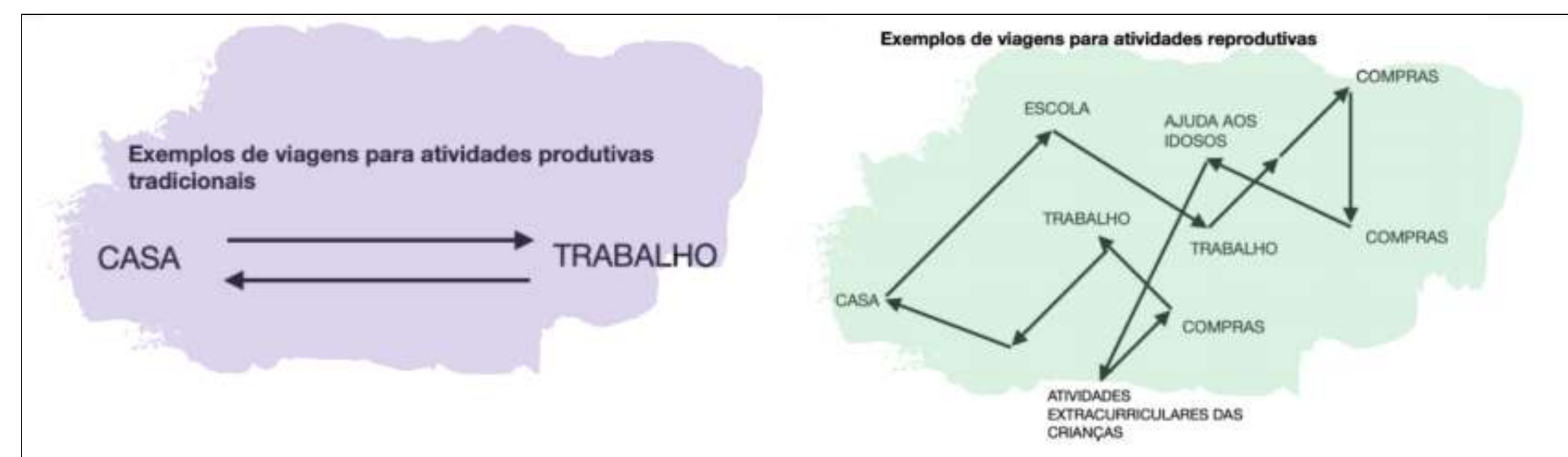
Segundo Helene (2019), a nova divisão sexual do trabalho foi espacializada na formação das cidades capitalistas. Nas sociedades pré-capitalistas e no início do processo de industrialização, as funções domésticas (trabalho reprodutivo) e o trabalho produtivo eram realizados em um único ambiente. No entanto, de acordo com a autora, a industrialização estrutura uma gradativa separação entre moradia e trabalho no espaço urbano, surgindo arquiteturas específicas para cada função, como destacado no relato a seguir:

**Ao se tornar operário, ele passa a consumir produtos produzidos fora de seu espaço de morada (prontos ou industrializados); e a circular por ambientes separados: a fábrica (local de trabalho); mercados/lojas/vendas (local de consumo); e um outro local onde estabelece sua residência, alojamento, casa (local de moradia); separados funcionalmente e espacialmente no contexto urbano. Isto é, acontece um duplo movimento de separação e especialização dos espaços, no qual os locais de trabalho/produção já não são mais os da vida doméstica (HELENE, 2019).**

Como consequência dessa separação de funções a partir da divisão sexual do trabalho, é estruturado o conceito de público e privado espacialmente que, de acordo com Okin (2008), relaciona os homens à ocupação da esfera da vida econômica e política, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução, que embora seja relacionado às mulheres, não quer dizer que este é um espaço de poder delas, como ressalta Helene (2019).

A falta de representatividade feminina nas posições de tomada de decisão na cidade, como citada anteriormente, resulta em um pensamento marcado pela lógica econômica que privilegia as atividades de produção, trabalho e consumo, o que afeta diretamente as políticas de mobilidade, segundo Gamrani e Tribouillard (2021), e que prejudicam, na maioria das vezes, as mulheres.

Segundo Helene (2019), a dinâmica masculina de mobilidade costuma ser mais pendular e linear entre moradia e trabalho, e a principal atividade do dia dele é o trabalho produtivo formal ou informal. Por outro lado, o número de deslocamentos realizados pelas mulheres é mais intenso, uma vez que elas não possuem somente o trabalho produtivo como são responsáveis pelo reprodutivo, que pode incluir trajetos de filhos e de idosos aos locais, compra de alimentos, materiais de limpeza e outros itens relacionados à vida doméstica. Assim, as viagens são caracterizadas por serem mais curtas e diversas, espalhadas em horários diferentes ao longo do dia, como pode ser observado nos diagramas a seguir:

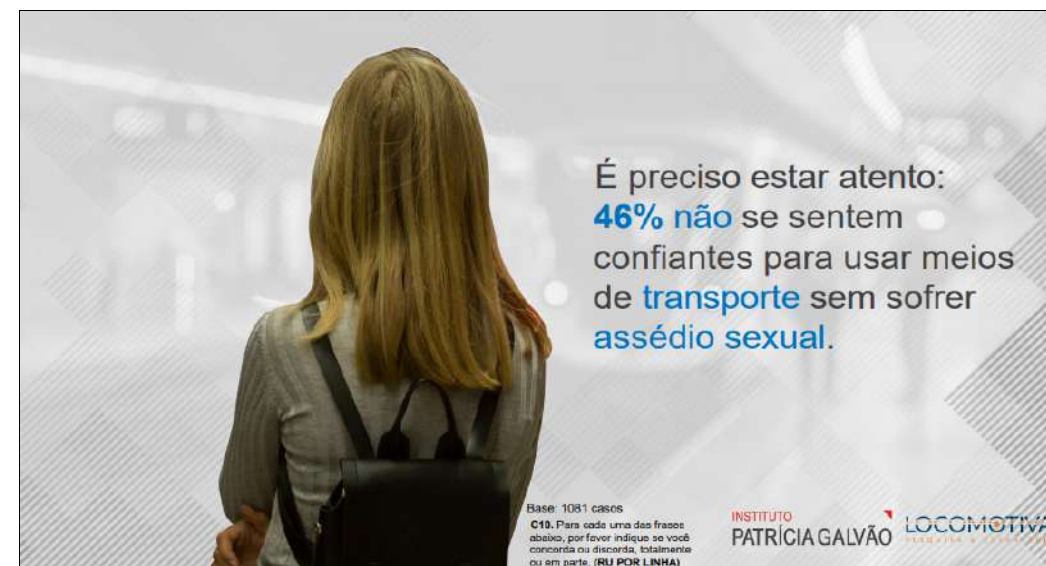


**Fig. 10:** Padrão de mobilidade de acordo com as atividades produtivas e reprodutivas.  
Fonte: GAMRANI; TRIBOUILLARD, 2021

## 6. Escolha do local de intervenção

Porém, a mobilidade urbana é pensada para trajetos longos e pendulares entre residência e trabalho, e não para trajetos pequenos e polarizados entre os bairros habitacionais. A estrutura viária radial, típica das cidades brasileiras liga centro e periferia, porém não conecta os bairros não centrais, sendo necessário, muitas vezes, um transporte até a área central para se locomover a um bairro vizinho, no qual se localizaria a escola das crianças ou o posto de saúde mais próximo, por exemplo (HELENE, 2019).

Essa necessidade de utilizar com mais frequência o transporte coletivo, coloca em risco a segurança das mulheres, uma vez que é o local onde se sentem mais vulneráveis a sofrer algum tipo de assédio (46%) e que 97% das mulheres já foram vítimas de assédio, de acordo com pesquisa realizada em 2019 pelo Instituto Patrícia Galvão e pelo Instituto Locomotiva (Figuras 11 e 12, respectivamente).



**Fig. 11:** 46% das mulheres não se sentem confiantes para usar meios de transporte sem sofrer assédio sexual.

Fonte: Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva, 2019.

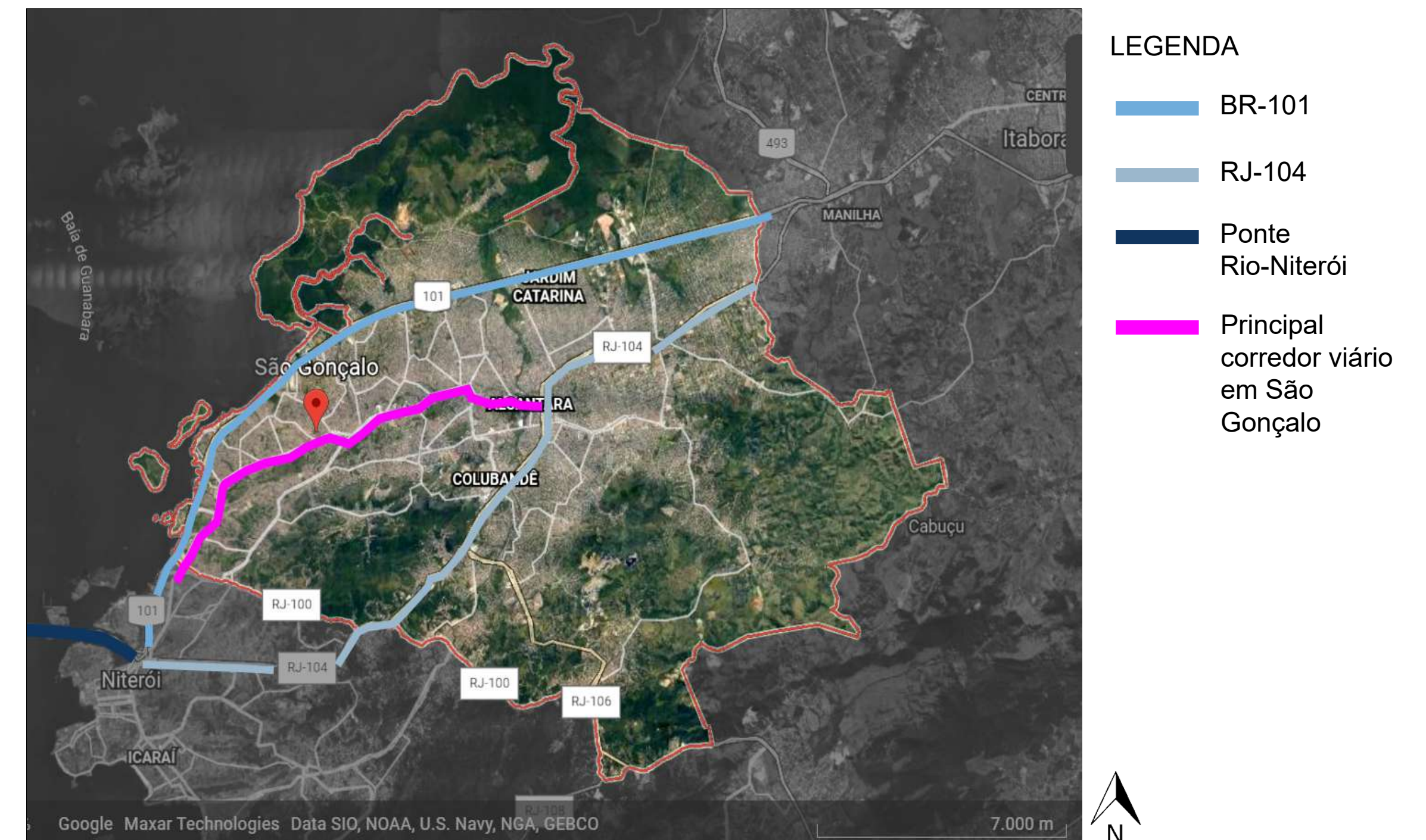


**Fig. 12:** 97% das mulheres já foram vítimas de assédio em meios de transporte.

Fonte: Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva, 2019.

Segundo Helene (2019), no Brasil, os subúrbios, cidades-dormitórios, periferias e cidades-satélites são, ao mesmo tempo, negligenciados pelas políticas públicas urbanas e espaços de habitação das classes mais pobres, demarcadamente caracterizados por gênero e raça. No caso da cidade de São Gonçalo, essa falta de investimentos em infraestrutura é evidenciada na questão da mobilidade urbana, devido à dependência exclusiva do município ao transporte público rodoviário a partir de 2006, quando houve a desativação definitiva do transporte ferroviário (OLIVEIRA, 2013).

Portanto, a moradia adequada deve ser localizada em áreas com maior acesso à diversidade de linhas de ônibus, o que significa, para a cidade de São Gonçalo, que o terreno escolhido deve estar ao longo do eixo que será apresentado a seguir:



**Mapa 1:** Principal corredor viário em São Gonçalo, destacado em rosa.

Fonte: Google Earth.

# 6. Escolha do local de intervenção

De acordo com o Sindicato das Empresas de transportes rodoviários do Estado do Rio de Janeiro, SETRERJ (2001), apesar da existência das vias expressas BR-101 e RJ-104, o expressivo número de deslocamentos intermunicipais destaca o corredor formado pelas vias que ligam o Bairro de Alcântara (em São Gonçalo) ao do Barreto (em Niterói), passando pelo Centro de São Gonçalo e continuando via Bairro Porto Velho.

Segundo o SETRERJ (2001), apoiou-se a estruturação do corredor viário proposto nas vias paralelas ao antigo eixo ferroviário, quais sejam Ruas Oliveira Botelho, Alberto Torres, Maurício de Abreu, Comandante Ari Parreiras, Jayme Figueiredo, Dr. Francisco Portela, Coronel Moreira César, Feliciano Sodré, Dr. Nilo Peçanha, Dr. Alfredo Backer, Leopoldina e a Avenida Presidente Kennedy, com extensão por sentido de aproximadamente 12 km (Mapa 1), como a principal forma de interceptar os bairros de São Gonçalo e conectar a cidade a Niterói e ao Rio de Janeiro.

## 6.2. Escolha do terreno

Após a definição do eixo, foram escolhidas três possibilidades de terrenos ao longo do corredor viário (Mapa 2), que serão analisados de acordo com a perspectiva de gênero para escolher a localização que mais beneficiará as moradoras.

Os principais pontos de serviços, comércio e possíveis postos de trabalho para os moradores da cidade de São Gonçalo estão localizados no município Rio de Janeiro, Niterói, no Centro de São Gonçalo e no bairro do Alcântara. Na tabela 1, pode-se observar uma comparação entre as distâncias dos possíveis terrenos aos pontos essenciais e o tempo baseado no transporte coletivo de acordo com as Rotas do Google Maps:

Distância dos terrenos aos pontos essenciais (tempo baseado no transporte coletivo)			
Pontos essenciais	Terreno 1	Terreno 2	Terreno 3
Ponte Rio-Niterói	5,8km (42min)	8,9km (1h e 2min)	19,4km (1h e 31min)
Centro de Niterói	7,0km (42min)	11,2km (1h e 2min)	18,4km (1h e 29min)
Centro de São Gonçalo	5,9km (35min)	2,3km (14min)	4,3km (13min)
Alcântara	10,8km (52min)	8,7km (45min)	1,4km (10min)

**Tabela 1:** Distância dos terrenos aos pontos essenciais.  
Fonte: Google Maps. Editado pela autora.



**Mapa 2:** Localização dos possíveis terrenos ao longo do principal corredor viário de São Gonçalo  
Fonte: Google Maps. Editado pela autora.

No entanto, para garantir uma escolha objetiva para a localização do Conjunto Habitacional será utilizada a avaliação urbana da Auditoria da Qualidade Urbana com Perspectiva de Gênero (tradução livre para “Auditoria de Calidad Urbana con perspectiva de Género”) retirado do Guia Espaços para a vida cotidiana (tradução livre para “Espacios para la vida cotidiana”) produzido pelo Col.lectiu Punt 6, uma ferramenta de avaliação urbana que permite verificar a aplicação da perspectiva de gênero no planejamento urbano, analisando aspectos sociais, físicos e funcionais de um ambiente específico.

Os conteúdos da Auditoria são baseados na tese “Urbanismo para a vida cotidiana: Ferramentas e análises e avaliação urbana a partir da perspectiva de gênero” de Adriana Ciocchetto, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo (Universidad de Buenos Aires).

## 6. Escolha do local de intervenção

A falta de representatividade feminina na tomada de decisões sobre o planejamento urbano resulta na falta de inclusão de pessoas de diferentes gêneros, sexos, idades, origens e situações sócio-econômicas na medida em que os bairros e cidades não são adequados de acordo com suas necessidades do cotidiano (Col.lectiu Punt 6, 2016).

É importante analisar os espaços de acordo com as atividades realizadas no dia a dia. No relato abaixo, pode-se observar a definição de “vida cotidiana” para o Col.lectiu Punt 6:

**O conceito de vida cotidiana é objeto de amplo estudo e de difícil definição. Definimos o cotidiano como o conjunto de atividades que as pessoas realizam para satisfazer as suas necessidades nas diferentes esferas da vida que incluem tarefas produtivas, reprodutivas, próprias e políticas ou comunitárias. Essas atividades são realizadas em meio físico (bairro, cidade, território) e em horário determinado (Col.lectiu Punt 6, 2016).**

Por esse motivo, segundo o Col.lectiu Punt 6, o bairro apresenta grande relevância por ser a região onde a maior parte das tarefas de reprodução são realizadas, além de ser entendido como o espaço próximo às moradias, no qual é necessário caminhar até os espaços públicos onde interagimos e socializamos, aos equipamentos que atendem às tarefas diárias e melhoram a qualidade de vida, às lojas onde nos abastecemos e aos transportes públicos, necessários para o deslocamento ao resto das atividades.

De acordo com o Col.lectiu Punt 6, focar na escala de bairro não significa deixar de lado as escalas da cidade e do território, onde são realizadas as tarefas complementares, porém na escala de bairro, é onde mais se evidencia se a perspectiva de gênero foi levada em consideração no planejamento - ou nesse caso específico, o que mais se aproxima de um planejamento que considera a perspectiva de gênero - uma vez que seu impacto pode ser medido de forma específica e diferenciada.

A avaliação urbana foi desenvolvida por meio de um sistema de indicadores urbanos espaciais que aplica a integração de gênero, levando em consideração a escala próxima e local dos ambientes cotidianos e as informações qualitativas que falam da diversidade de uso e das necessidades que as pessoas têm dos espaços (Col.lectiu Punt 6).

O sistema de indicadores se estrutura a partir dos 3 tipos de espaços urbanos onde são aplicados: bairro e rede cotidiana, espaço de relacionamento e equipamentos cotidianos. Cada um deles é definido a partir de qualidades urbanas, ou seja, aquelas características que reúnem as condições necessárias para que um espaço inclua a experiência do dia a dia das

pessoas, que são: proximidade, diversidade, autonomia, vitalidade e representatividade. Para esse trabalho, será analisado somente o primeiro tipo de espaço “bairro e rede cotidiana” como forma de definir o terreno em que será construído o conjunto (Figura 13).



**Fig. 13:** Itens de avaliação do espaço e qualidades urbanas.  
Fonte: Col.lectiu Punt 6. Editado e traduzido pela autora.



## 6. Escolha do local de intervenção

As qualidades urbanas são definidas de acordo com o Col.lectiu Punt 6 como:

**Proximidade:** É entendida como a localização próxima, no espaço e no tempo, bem como a conectividade a pé sem obstáculos dos espaços de relacionamento, facilidades do cotidiano, paradas de transportes públicos em relação às casas entre si, de forma que é possível para todos os tipos de pessoas realizarem atividades cotidianas a pé com percursos que ligam os diferentes usos. Se os espaços de uso diário não forem próximos, o cotidiano da pessoa se torna difícil, sobretudo das mulheres, pois elas precisam gastar mais tempo com deslocamentos ou desistir das atividades para realizar as tarefas diárias.

**Diversidade:** Consiste na mistura social, física e funcional que permite a variedade de pessoas, atividades e usos, respondendo às diferentes necessidades das pessoas com base no gênero, sexo, idade, diversidade funcional, origem, cultura e condição social, entre outros fatores. O fato de não incluí-lo faz com que apareçam espaços em que se considera apenas um tipo de usuário, um todo universal, falsamente neutro e inclusivo.

**Autonomia:** Quando os espaços são percebidos como seguros, gerando confiança para serem utilizados sem restrições de qualquer espécie e quando as condições de acessibilidade são universais aos espaços da vizinhança e à rede cotidiana, tendo em conta particularidades físicas. Quando não se considera a necessidade de autonomia das pessoas, são criados espaços que não promovem a confiança por não serem acessíveis a pessoas com diversidade funcional ou pessoas com carrinhos de bebê ou carrinhos de compras; espaços que transmitem a percepção de insegurança para que uma parte da população não os utilize por medo.

**Vitalidade:** Quando há simultaneidade da presença frequente e contínua das pessoas e da densidade de usos e atividades nas ruas, espaços de relacionamento e facilidades que favorecem o encontro, a socialização e a ajuda mútua entre as pessoas. Falta vitalidade em áreas que são apenas utilizadas em determinados momentos do dia e quando não há relação entre os edifícios e a rua.

**Representatividade:** Quando o reconhecimento e a visibilidade reais e simbólicos de toda a comunidade são percebidos de forma que a memória, o patrimônio social e cultural sejam valorizados com equidade e participação das pessoas nas decisões urbanas. A falta de

reconhecimento e visibilidade tanto das pessoas que fizeram parte do passado da sociedade quanto das que fazem parte do seu presente nos espaços públicos do bairro, principalmente as mulheres que foram em grande parte invisíveis na memória histórica e cotidiana, impede construir uma sociedade mais igualitária e justa.

Para analisar as qualidades urbanas, são atribuídas notas de 1 a 5, sendo 1 o valor mais baixo e 5 o mais alto. A soma do valor de cada condicionante dá um valor total para cada indicador. Este valor final permite, para além de avaliar o que existe, identificar as condições que não são cumpridas de forma a inverter a situação em casos específicos e conseguir uma melhoria efetiva, ao longo do tempo, do espaço urbano avaliado. Cada valor corresponde a um intervalo, pois o resultado final pode não ser um número inteiro (Figura 14).



**Fig. 14:** Pontuação da análise de qualidades urbanas.  
Fonte: Col.lectiu Punt 6. Editado e traduzido pela autora.

## 6.2.1. Avaliação dos terrenos (Ver anexo)

- **Terreno 1:** Rua Maurício de Abreu, Neves

**Área:** 2652m<sup>2</sup>

### LEGENDA

 Rua Dr. Alberto Torres	 Condomínio Residencial
 Rua Maurício de Abreu	 Comércio relacionado à comida ou bebida
 Rua Lúcio Tomé Feteira	 Terreno 1
 Ponto de ônibus	 Escola
 Mercado	 Farmácia
 Academia	 Igreja
 Banco ou caixa eletrônico	 Pet shop
 Comércio/serviço relacionado a automóveis	 Comércio/Serviço relacionado à beleza
	 Praça



**Mapa 3:** Análise do Terreno 1, no Bairro Neves.  
Fonte: Google Earth. Editado pela autora.

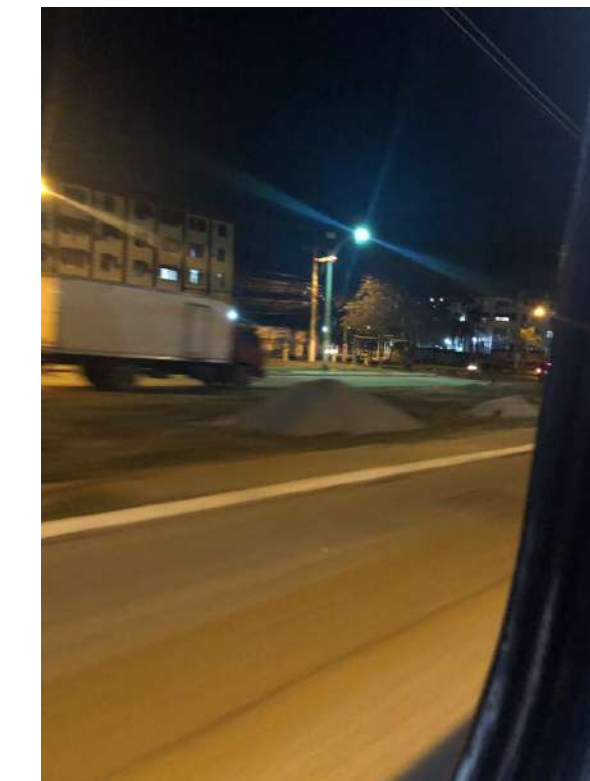
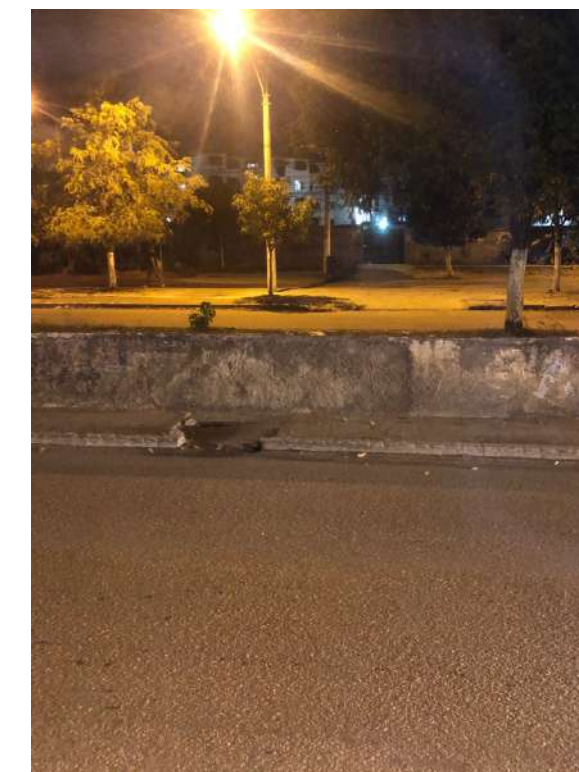
## 6. Escolha do local de intervenção

PROXIMIDADE	DIVERSIDADE	AUTONOMIA	VITALIDADE	REPRESENTATIVIDADE
Médio	Médio	Baixo	Médio	Muito Baixo
3	3	2	3	1

**Avaliação do espaço:** Fácil acesso ao transporte público, presença de serviços e comércio que permitem a criação de uma rede cotidiana. Entretanto, não há vitalidade durante à noite, devido ao horário de funcionamento dos estabelecimentos. A predominância do comércio e serviços ligados a automóveis atrai um público, majoritariamente, masculino, tanto de funcionários quanto de clientes, o que pode causar sensação de insegurança nas moradoras. Praças com pouco uso e falta de manutenção.



**Fig. 15:** Fachada do Terreno 1 - Neves  
Fonte: Fotografado pela autora



**Fig. 16, 17 e 19:** Falta de vitalidade em Neves durante à noite.  
Fonte: Fotografado pela autora.



**Fig. 19 e 20:** Falta de vitalidade em Neves durante à noite.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 21 e 22:** Comércio e serviços relacionados a carros na Rua Dr. Alberto Torres.  
Fonte: Google Earth, 2021.

# 6. Escolha do local de intervenção

- Terreno 2: Rua Dr. Francisco Portela, Patronato

Área: 15.000m<sup>2</sup>

### LEGENDA

- |   |   |   |   |
|---|---|---|---|
|    | Rua Dr. Francisco Portela                 |    | Condomínio Residencial                  |
|    | Rua Jaime Figueiredo                      |    | Comércio relacionado à comida ou bebida |
|    | Rua Maria Rita                            |    | Escola                                  |
|    | Terreno 2                                 |    | Universidade                            |
|    | Ponto de ônibus                           |   | Igreja                                  |
|   | Academia                                  |  | Pet shop/Veterinária                    |
|  | Praça                                     |  | Hospital/Clínica/Consultório            |
|  | Comércio/serviço relacionado a automóveis |   |   |



Mapa 5: Análise do Terreno 2, no Bairro Patronato.  
Fonte: Google Earth. Editado pela autora.

## 6. Escolha do local de intervenção

PROXIMIDADE	DIVERSIDADE	AUTONOMIA	VITALIDADE	REPRESENTATIVIDADE
Alto	Médio	Baixo	Baixo	Baixo
4	3	2	2	2

**Avaliação do espaço:** Acesso à diversidade de ônibus. Presença da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e de escolas particulares e públicas. A Rua Jaime Figueiredo, paralela à rua de acesso ao terreno, é conhecida como “Rua da Caminhada”, fechada para veículos em determinados horários, que poderá servir como incentivo à prática de exercícios físicos ao ar livre. A Rua Maria Rita traz a representatividade através da nomenclatura feminina. Entretanto, a Praça dos Ex-combatentes, embora seja um símbolo em memória ao passado, apresenta sensação de insegurança devido à falta de policiamento do local.



**Fig. 23:** Fachada do Terreno 2 - Patronato.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 24:** Fachada do Terreno 2 à noite.  
Fonte: Fotografado pela autora.



**Fig. 25:** Placa da “Rua da Caminhada”.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 26:** Faculdade de Formação de Professores (UERJ).  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 27:** Praça dos Ex-Combatentes.  
Fonte: Google Earth, 2021.

## 6. Escolha do local de intervenção

- Terreno 1: Rua Dr. Alfredo Backer, Mutondo.

Área: 7.352m<sup>2</sup>

### LEGENDA

-  Rua Dr. Alfredo Backer
-  Av. José Mendonça de Campos
-  Terreno 3
-  Ponto de ônibus
-  Mercado
-  Academia
-  Posto de Gasolina
-  Comércio/serviço relacionado a automóveis
-  Escritório de advocacia
-  Hospital/Clínica/Consultório
-  Condomínio Residencial
-  Comércio relacionado à comida ou bebida
-  Escola
-  Farmácia
-  Igreja
-  Pet shop
-  Comércio/Serviço relacionado à beleza
-  Loja de móveis/Material de construção



**Mapa 7:** Análise do Terreno 3, no Bairro Mutondo.  
Fonte: Google Earth. Editado pela autora.

## 6. Escolha do local de intervenção

PROXIMIDADE	DIVERSIDADE	AUTONOMIA	VITALIDADE	REPRESENTATIVIDADE
Alto 4	Alto 4	Baixo 2	Médio 3	Muito Baixo 1

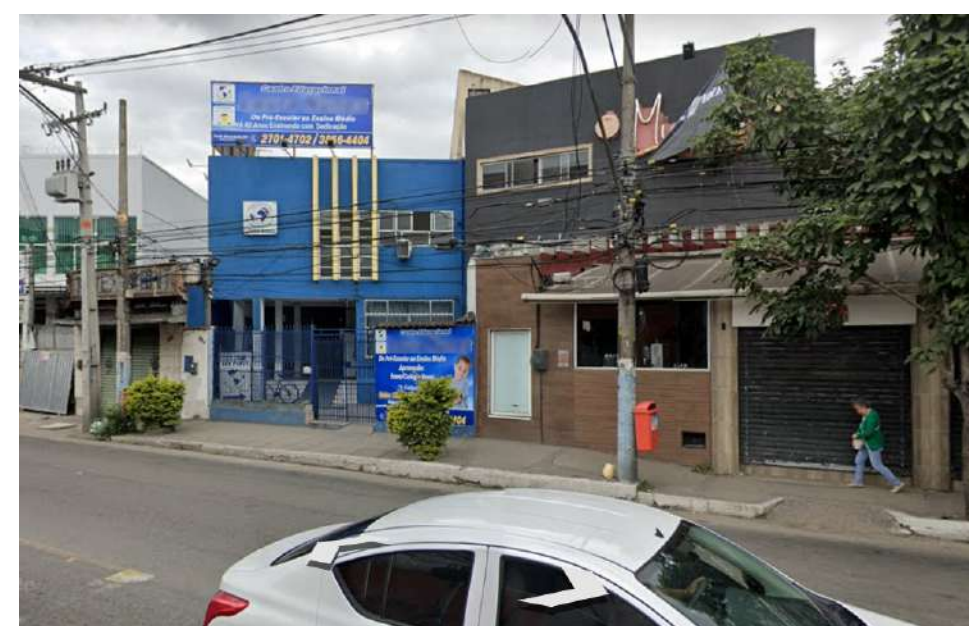
**Avaliação do espaço:** Há diversidade de ônibus. O local apresenta comércio e serviços com diferentes usos que permitem a criação de uma rede cotidiana eficiente, além de possibilitar novas oportunidades de trabalho para as moradoras. Há escolas públicas e particulares. Possui vitalidade durante todo o dia e parte da noite devido à presença de restaurantes e casas de show. O local apresentou os melhores indicadores na avaliação urbana, portanto, será a localização escolhida para a concepção do presente projeto.



**Fig. 28:** Fachada do Terreno 3 - Patronato.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 29:** Fachada do Terreno 3 à noite.  
Fonte: Fotografado pela autora.



**Fig. 31:** Escola particular ao lado de restaurante.  
Fonte: Google Eath, 2021.



**Fig. 33:** Restaurante e casa de show.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 30:** Restaurante.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 32:** Colégio Estadual Adino Xavier.  
Fonte: Google Earth, 2021.



**Fig. 34:** Restaurante.  
Fonte: Google Earth, 2021.

### 6.3. Análise do terreno escolhido

A partir da avaliação urbana, constatou-se que o terreno que melhor beneficiará as moradoras do conjunto será o Terreno 3 localizado na Rua Doutor Alfredo Backer, no bairro Mutondo.

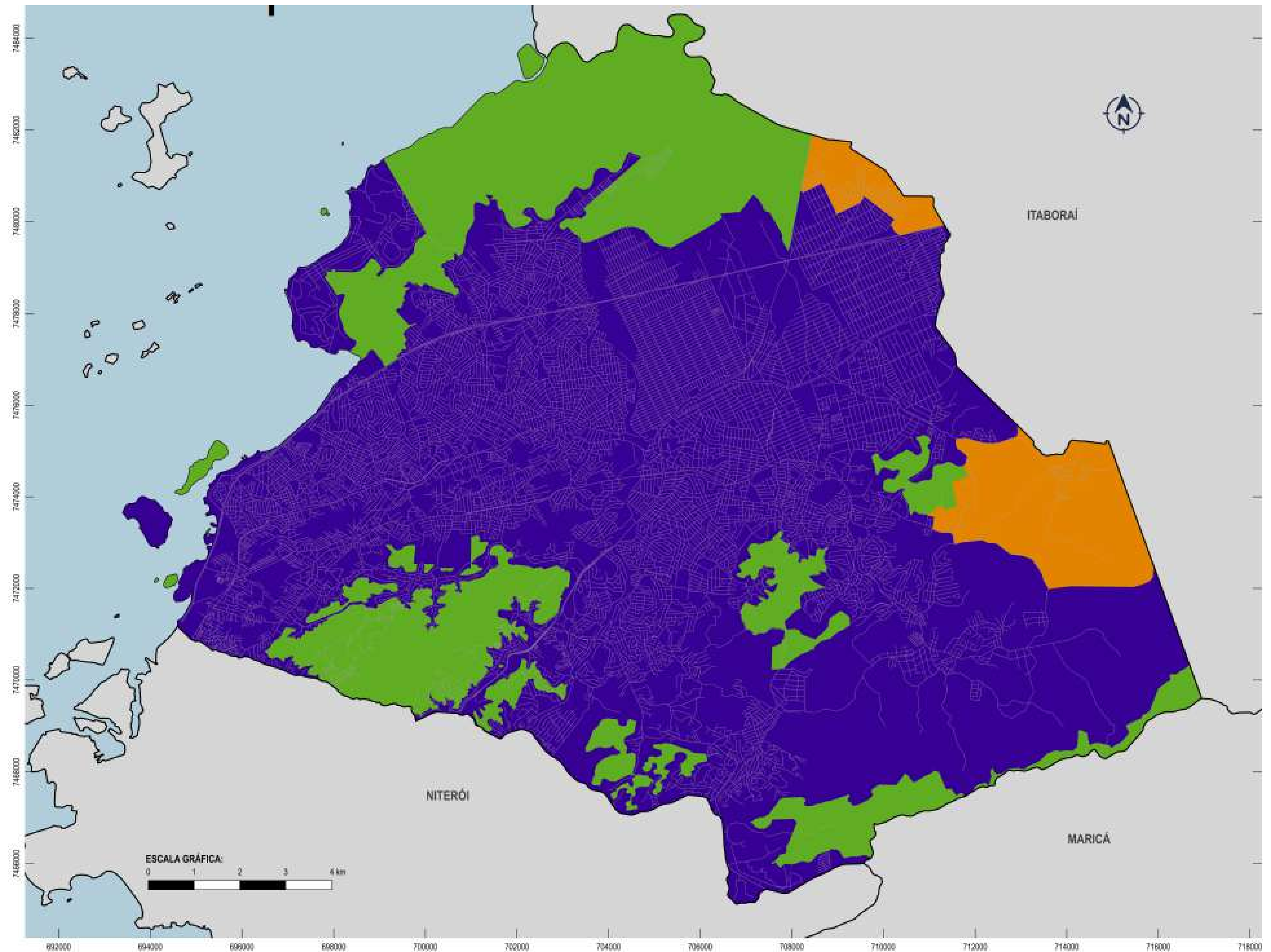
A seguir, será realizada uma análise do terreno e entorno a fim de encontrar as melhores formas de aproveitamento para a concepção do projeto.

De acordo com a Lei Complementar 031/2018, o terreno pertence à Macrozona M3 definida como Macrozona de Desenvolvimento Urbano Sustentável (Mapa 8):

Art. 35-A – Entende-se como M3 – Macrozona de Desenvolvimento Urbano Sustentável, as porções do território que conciliam o crescimento da cidade com a sua qualificação ambiental. Sendo o planejamento e a gestão urbana meios para se promover o desenvolvimento socioespacial da cidade de forma ordenada e consciente. (Lei Complementar 031/2018 do município de São Gonçalo)

#### LEGENDA

-  M1  
MACROZONA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
-  M2  
MACROZONA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
-  M3  
MACROZONA DE DESENVOLVIMENTO URBANO SUSTENTÁVEL



**Mapa 8:** Macrozonas do município de São Gonçalo.  
Fonte: Lei Complementar 031/2018.



## 6. Escolha do local de intervenção

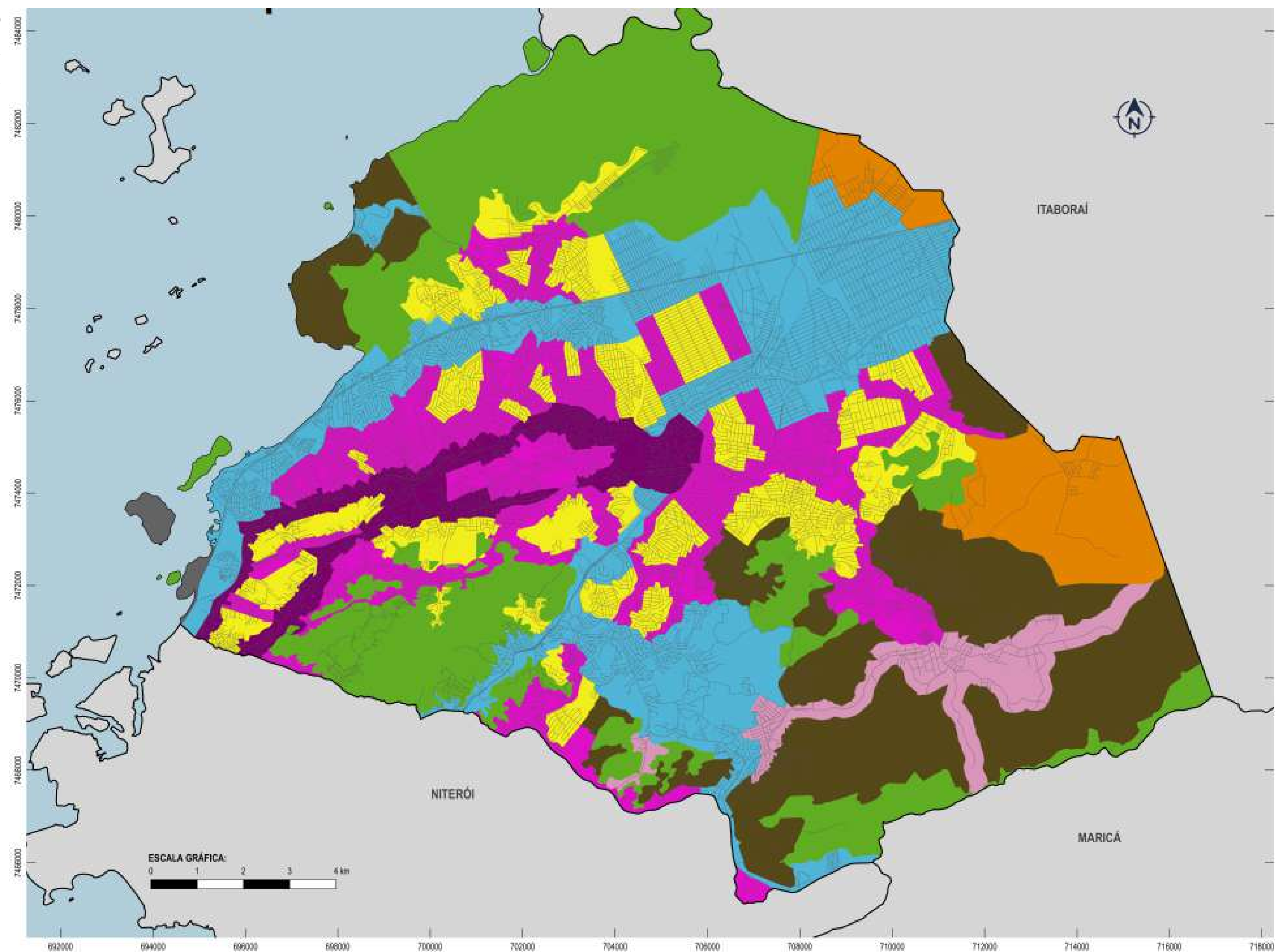
Segundo a Lei Complementar 032/2018 que estabelece a setorização do município de São Gonçalo em Zonas de uso, a localização escolhida pertence à Z5 definida como Zona de Estruturação Urbana Primária (Mapa 9):

Art. 12 – Entende-se como Z5 – Zona de Estruturação Urbana Primária, as porções do território junto aos eixos de grande mobilidade e oferta de infraestrutura urbana. Estimula-se a ocupação dessas áreas para garantir um melhor aproveitamento do espaço urbano. (Lei Complementar 032/2018 do município de São Gonçalo)

### LEGENDA

#### ZONAS DE USO:

- **Z1**  
ZONA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
- **Z2**  
ZONA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
- **Z3**  
ZONA DE EXPANSÃO URBANA CONTROLADA
- **Z4**  
ZONA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL
- **Z5**  
ZONA DE ESTRUTURAÇÃO URBANA PRIMÁRIA
- **Z6**  
ZONA DE ESTRUTURAÇÃO URBANA SECUNDÁRIA
- **Z7**  
ZONA DE ESTRUTURAÇÃO URBANA TERCIÁRIA
- **Z8**  
ZONA MÚLTIPLA
- **Z9**  
ZONA ESTRATÉGICA



**Mapa 9:** Zonas de uso do município de São Gonçalo.  
Fonte: Lei Complementar 032/2018.

## 6. Escolha do local de intervenção

A Lei Complementar 032/2018 também classifica as diferentes atividades:

Art. 28 – As atividades serão classificadas como:

- I — U1 – Habitacional;
  - II — U2 – Comercial / Serviços e/ou Institucional;
  - III — U3 – Industrial;
  - IV — U4 – Agropecuário;
  - V — U5 – Extrativista;
  - VI — U6 – Ambientalmente Sustentável.
- (Lei Complementar 032/2018 do município de São Gonçalo)

O objeto do presente trabalho caracteriza-se pela atividade U1 - Habitacional, devido ao principal objetivo de projetar Habitação de Interesse Social, além da atividade U2 - Comercial / Serviços e/ou Institucional para abranger os programas complementares de educação e possibilidade de geração de renda para as moradoras.

Art. 29 – Entende-se por U1 – Habitacional, a atividade para fins de moradia, podendo ser categorizada como:

- I — Habitação Unifamiliar, podendo, ou não, estar em lote compartilhado;
- II — Habitação Multifamiliar, dispostas em grupos verticais ou horizontais;

Art. 30 – Entende-se por U2 – Comercial / Serviço e/ou Institucional, as atividades ligadas a comercialização de produtos e a prestação de serviços. E as atividades ligadas à utilidade pública, como educação, pesquisa, saúde, cultura, religião, recreação e lazer.

(Lei Complementar 032/2018 do município de São Gonçalo)

Além disso, a Lei Complementar 032/2018 classifica diferentes tipos de portes para as construções (Figura 35), como podem ser observados a seguir:

Art. 35 – Os portes serão classificados como:

- I — P: Pequeno;
- II — M: Médio;
- III — G: Grande.



ANEXOS V - PORTES				
ATIVIDADE	PORTE			CÁLCULO
	P - PEQUENO	M - MÉDIO	G - GRANDE	
U1 - HABITACIONAL*	< 100 pessoas	100 ≥ nº pessoas < 500	≥ 500 pessoas	1 pessoa p/ cada 10m² de ATC
U2 - COMERCIAL, SERVIÇOS E/OU INSTITUCIONAL*	< 100 pessoas	100 ≥ nº pessoas < 500	≥ 500 pessoas	1 pessoa p/ cada 5m² de ATC
U3 - INDUSTRIAL*	< 100 pessoas	100 ≥ nº pessoas < 500	≥ 500 pessoas	1 pessoa p/ cada 5m² de ATC
U4 - AGROPECUÁRIO	Seguir a classificação e as restrições dadas pelo Sistema de Licenciamento Ambiental adotado pelo Município.			
U5 - EXTRATIVISTA	Seguir a classificação e as restrições dadas pelo Sistema de Licenciamento Ambiental adotado pelo Município.			
U6 - AMBIENTALMENTE SUSTENTÁVEL	Seguir a classificação e as restrições dadas pelo Sistema de Licenciamento Ambiental adotado pelo Município.			
<b>NOTA:</b> * A classificação de portes destas atividades, conforme este anexo, não invalidam as classificações e restrições dadas pelo Sistema de Licenciamento Ambiental adotado pelo Município, quando for o caso.				

Figura 35: Anexo V - Portes.

Fonte: Lei Complementar 032/2018.

E, por fim, Lei Complementar 032/2018 também estabelece os seguintes parâmetros urbanísticos que devem seguir especificidades de cada Zona de uso (Figura 36):

Art. 40 – As condições de ocupação do solo são definidas para cada Zona de Uso, ficando condicionadas à observância dos seguintes parâmetros urbanísticos:

- I — Coeficiente de Aproveitamento Básico e Máximo;
- II — Taxa de Permeabilidade Mínima;
- III — Taxa de Ocupação Máxima;
- IV — Afastamentos Mínimos;
- V — Altura Máxima;
- VI — Quantidade de Vagas Mínimo.

# 6. Escolha do local de intervenção



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO

## ANEXOS VI - PARÂMETROS URBANÍSTICOS

	Z1 Zona de Preservação Ambiental	Z2 Zona de Desenvolvimento Rural Sustentável	Z3 Zona de Expansão Urbana Controlada	Z4 Zona de Desenvolvimento Econômico Sustentável	Z5 Zona de Estruturação Urbana Primária	Z6 Zona de Estruturação Urbana Secundária	Z7 Zona de Estruturação Urbana Terciária	Z8 Zona Múltipla	Z9 Zona Estratégica
AFASTAMENTO FRONTAL MÍNIMO (m)	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	0	3,00	3,00	3,00
AFASTAMENTOS LATERAIS MÍNIMOS (COM ABERTURAS) (m)	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	0	1,50	1,50	1,50
AFASTAMENTOS LATERAIS MÍNIMOS (SEM ABERTURAS) (m)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0,00
AFASTAMENTO FUNDOS MÍNIMO (COM ABERTURAS) (m)	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	0	1,50	1,50	1,50
AFASTAMENTO FUNDOS MÍNIMO (SEM ABERTURAS) (m)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0,00
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO BÁSICO	0,25	0,50	1,00	1,00	1,00	0	1,00	1,00	1,00
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO MÁXIMO	0,50	1,00	2,00	10,00	15,00	00	5,00	5,00	5,00
TAXA DE PERMEABILIDADE MÍNIMA (%)	70,00%	40,00%	20,00%	20,00%	20,00%	00%	20,00%	20,00%	20,00%
TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA (%)	20,00%	50,00%	70,00%	70,00%	70,00%	00%	70,00%	70,00%	70,00%
ALTURA MÁXIMA (m)	10,00	10,00	15,00	60,00	70,00	00	40,00	40,00	40,00
FATOR DE VAGAS	50,00	50,00	50,00	120,00	120,00	1,00	100,00	100,00	100,00
LOTES MÍNIMOS (PARA FINS DE NOVOS LOTEAMENTOS)	Não se aplica.	Não se aplica.	360,00	360,00	360,00	1,00	360,00	360,00	Não se aplica
TIPOS DE USO PERMITIDOS	U6	U1-PEQUENO U2-PEQUENO U4 U6	U1-PEQUENO U1-MÉDIO U1-GRANDE U2-PEQUENO U3-PEQUENO U4 U5 U6	U1-PEQUENO U1-MÉDIO U1-GRANDE U2-PEQUENO U2-MÉDIO U2-GRANDE U3-PEQUENO U3-MÉDIO U3-GRANDE U4 U5 U6	U1-PEQUENO U1-MÉDIO U1-GRANDE U2-PEQUENO U2-MÉDIO U2-GRANDE U3-PEQUENO U3-MÉDIO U4 U5 U6	-PEQUENO -MÉDIO -GRANDE -PEQUENO -MÉDIO -GRANDE -PEQUENO -MÉDIO	U1-PEQUENO U1-MÉDIO U1-GRANDE U2-PEQUENO U2-MÉDIO U3-PEQUENO U3-MÉDIO U4 U5 U6	U1-PEQUENO U1-MÉDIO U1-GRANDE U2-PEQUENO U2-MÉDIO U3-PEQUENO U3-MÉDIO U4 U5 U6	Tipos de uso diversos ligados a ocupações das Forças Armadas do Brasil.

Figura 36: Anexo VI - Parâmetros urbanísticos.  
Fonte: Lei Complementar 032/2018.

### SUBSEÇÃO I – DO COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO BÁSICO E MÁXIMO

Art. 41 – O coeficiente de aproveitamento é o índice que determina a relação entre a área total construída e a área do terreno, e é resultante do seguinte cálculo:

$$CA(b,m) = ATC / AT, \text{ onde:}$$

CA(b,m) = Coeficiente de Aproveitamento;

ATC = Área Total Construída;

AT= Área do Terreno.

Art. 42 – O coeficiente de aproveitamento pode ser:

I — Básico (CA<sub>b</sub>) – potencial construtivo inerente aos terrenos e o qual não caberá contrapartida financeira por meio de Outorga Onerosa do Direito de Construir;

II — Máximo (CA<sub>m</sub>) – potencial construtivo que não pode ser ultrapassado.

Coeficiente de aproveitamento básico - CA(b) = 1,0

$$AT = 7352m^2$$

$$1 = ATC/7352$$

$$ATC = 7352m^2$$

Coeficiente de aproveitamento máximo - CA(b) = 15,0

$$AT = 7352m^2$$

$$15 = ATC/7352$$

$$ATC = 110.280m^2$$

### SUBSEÇÃO II - DA TAXA DE PERMEABILIDADE MÍNIMA

Art. 45 – A taxa de permeabilidade se constitui das áreas livres para cobertura vegetal sobre solo natural e é a relação entre a área permeável do terreno e área do terreno, sendo resultante do seguinte cálculo:

$$TP = AP / AT, \text{ onde:}$$

TP = Taxa de Permeabilidade;

AP = Área Permeável do Terreno ;

AT= Área do Terreno;

$$TP = 20\%$$

$$0,2 = AP/7352$$

$$AP = 1470m^2$$

### SUBSEÇÃO III – DA TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA

Art. 47 – A Taxa de Ocupação é a relação entre a área da projeção horizontal da construção e a área do terreno, sendo resultante do seguinte cálculo:

$$TO = APH / AT, \text{ onde:}$$

TO = Taxa de Ocupação;

APH = Área da Projeção Horizontal da Construção;

AT= Área do Terreno;

$$TO = 70\%$$

$$0,7 = APH/7532$$

$$APH = 5.146m^2$$

## 6. Escolha do local de intervenção

### - Análise do entorno

A rua de acesso ao terreno, Rua Dr. Alfredo Backer, possui tráfego intenso, sendo caracterizada como uma Via Arterial (Mapa 10), onde há predominância de edifícios de uso comercial (Mapa 11).

A região é majoritariamente residencial com construções térreas e/ou de até 2 pavimentos (Mapa 12) ao longo das vias locais. As construções de uso misto, geralmente, são ocupadas com a função comercial no pavimento térreo e residencial nos pavimentos superiores.

#### LEGENDA

-  Via Arterial
-  Via Coletora
-  Vias Locais



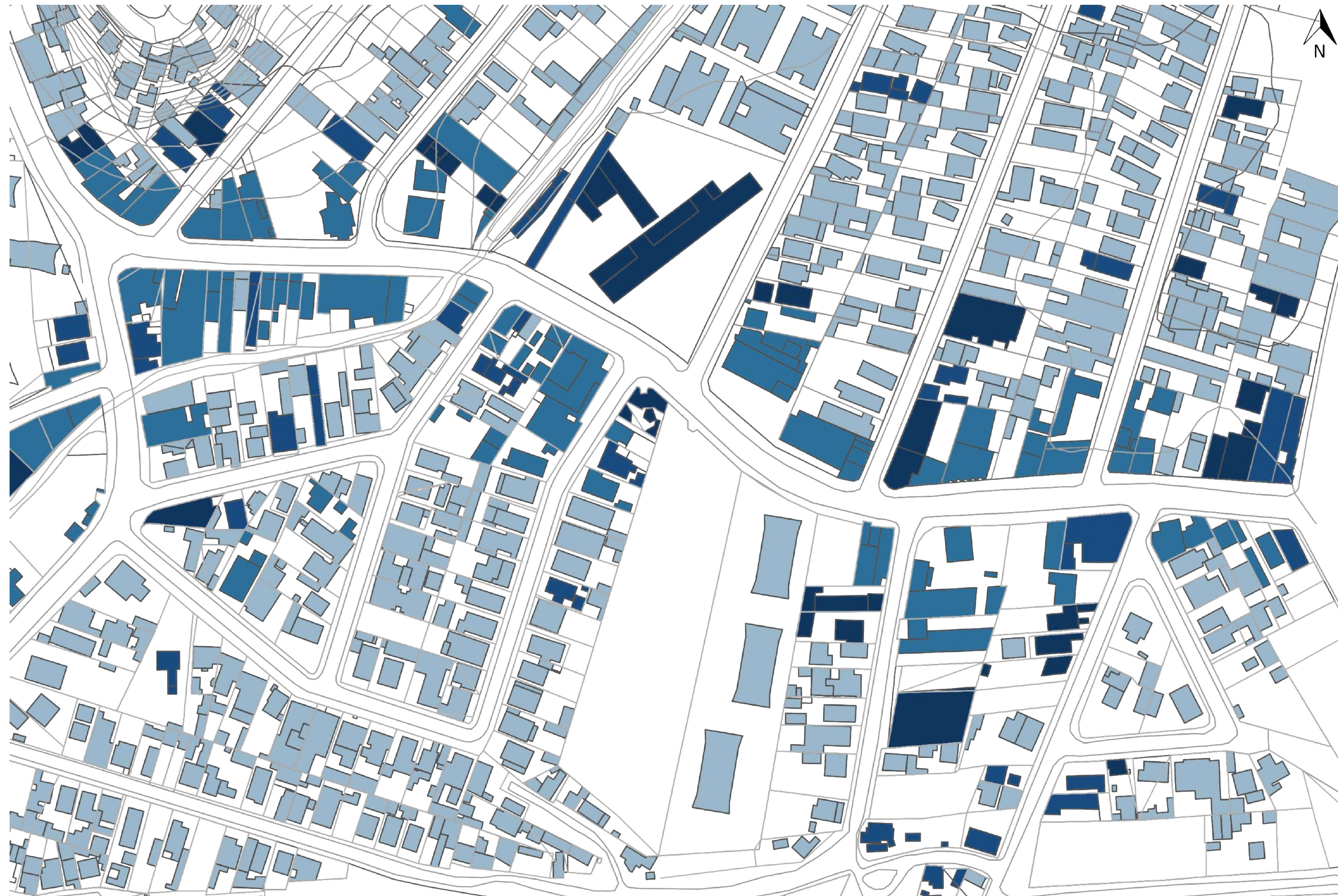
Mapa 10: Mapa de hierarquia de vias.

0 10 20 30 40 50 100

## 6. Escolha do local de intervenção

### LEGENDA

- Residencial
- Comercial
- Misto
- Institucional



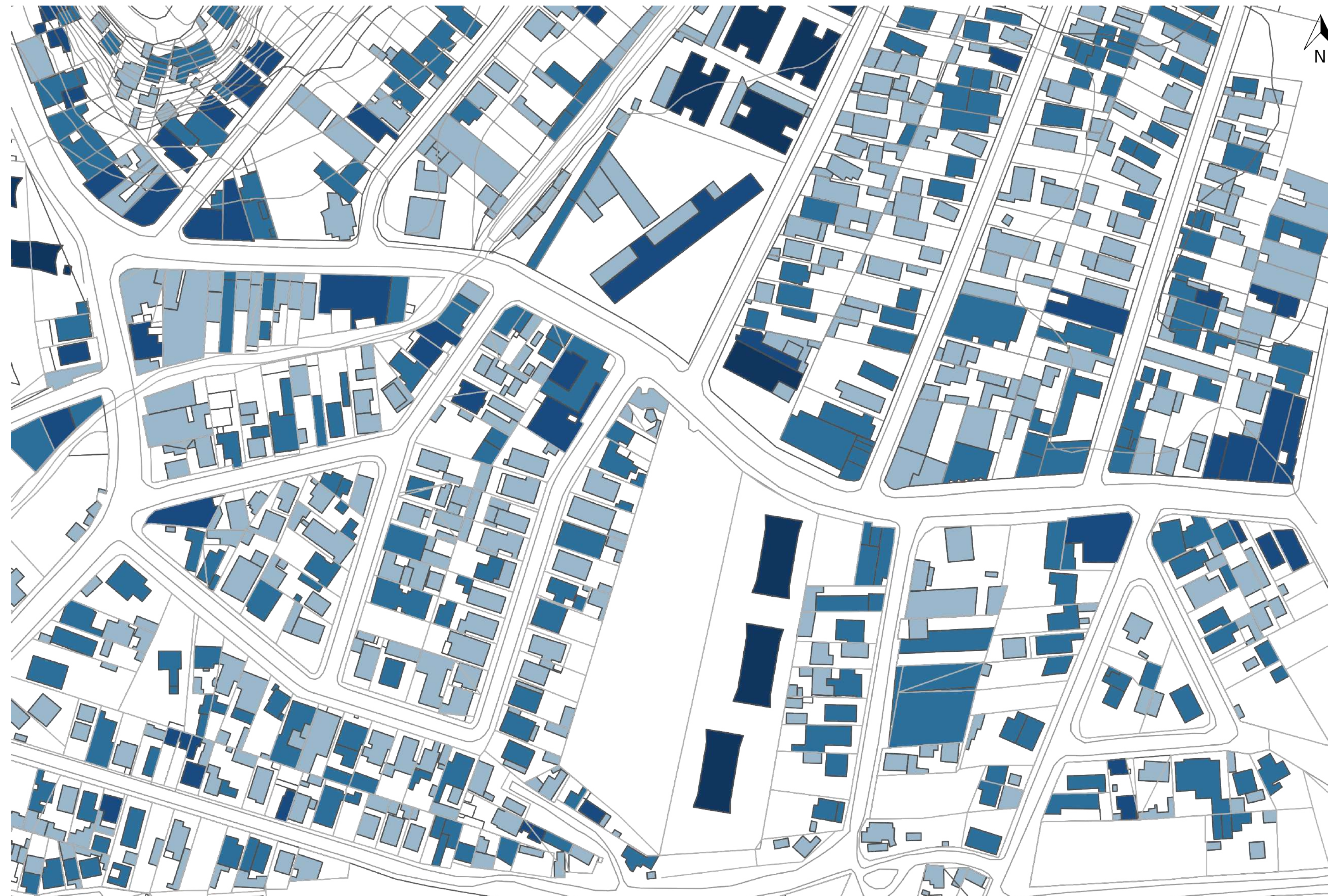
Mapa 11: Mapa de usos.

0 10 20 30 40 50 100

## 6. Escolha do local de intervenção

### LEGENDA

- Térreo
- 2 Pavimentos
- 3 ou 4 Pavimentos
- 5 ou mais pavimentos








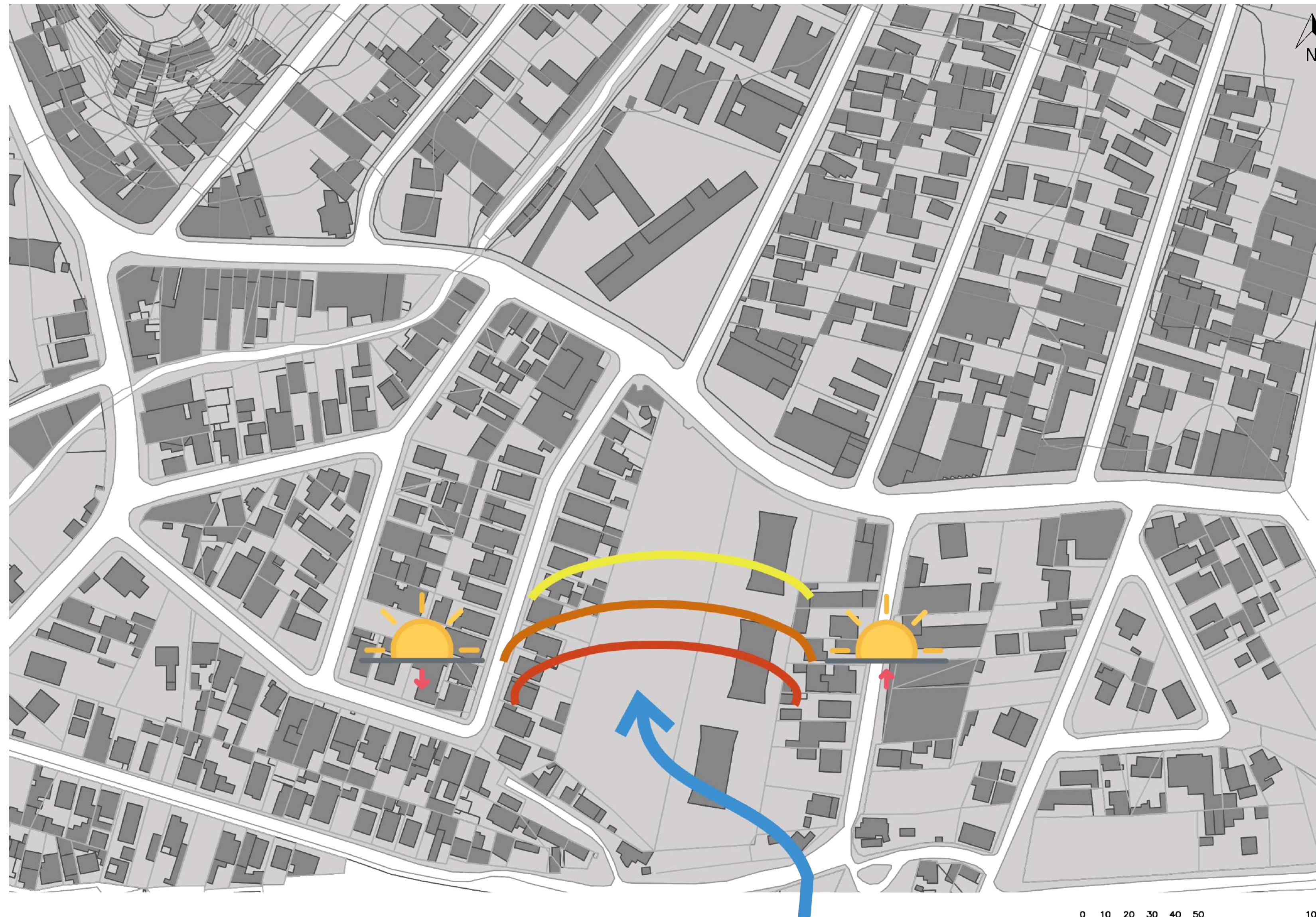
Mapa 12: Mapa de gabaritos.

0 10 20 30 40 50 100

## 6. Escolha do local de intervenção

### LEGENDA

-  Solstício de inverno
-  Equinócio de primavera/outono
-  Solstício de verão
-  Direção dos ventos
-  Nascer do sol
-  Pôr do sol



Mapa 13: Mapa de trajetória solar e direção dos ventos.



## 7. Definição do público a ser atendido

### 7.1. Definição do público alvo

Segundo Helene (2019), as dificuldades de acesso à moradia no Brasil são marcadas pela exclusão da terra e do mercado de trabalho das camadas mais pobres, que possuem condições mais dramáticas quando se é mulher e piores ainda quando se é mulher e negra.

De acordo com o Retrato das desigualdades de gênero e raça do IPEA (2009), as mulheres negras representam 12,5% da população desempregada (Figura 37), possuem menor renda familiar (Figura 38) e, embora o PNAD (2015) mostre que aproximadamente 65% das trabalhadoras domésticas são negras ou pardas (3,7 milhões), elas representam 24,6% das trabalhadoras domésticas remuneradas com carteira assinada em relação a 29,3% de mulheres brancas (Figura 39).

Com isso, trabalhadoras informais possuem menos titularidade da casa e do terreno; têm menor ou pior acesso às infraestruturas urbanas; moram e se mudam de periferia para periferia; perdem mais tempo nos deslocamentos diários; ocupam posições subordinadas ou não no trabalho produtivo e nos movimentos sociais organizados (ITIKAWA, 2015).



**Figura 37:** Taxa de desemprego da população de 16 anos ou mais de idade, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.

Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça - 4ª edição



## 7. Definição do público a ser atendido



**Figura 38:** Renda média da população, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.  
Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça - 4ª edição

### Trabalho doméstico remunerado

Proporção de trabalhadoras domésticas com carteira de trabalho assinada, segundo cor/raça. Brasil, 1999 e 2009.

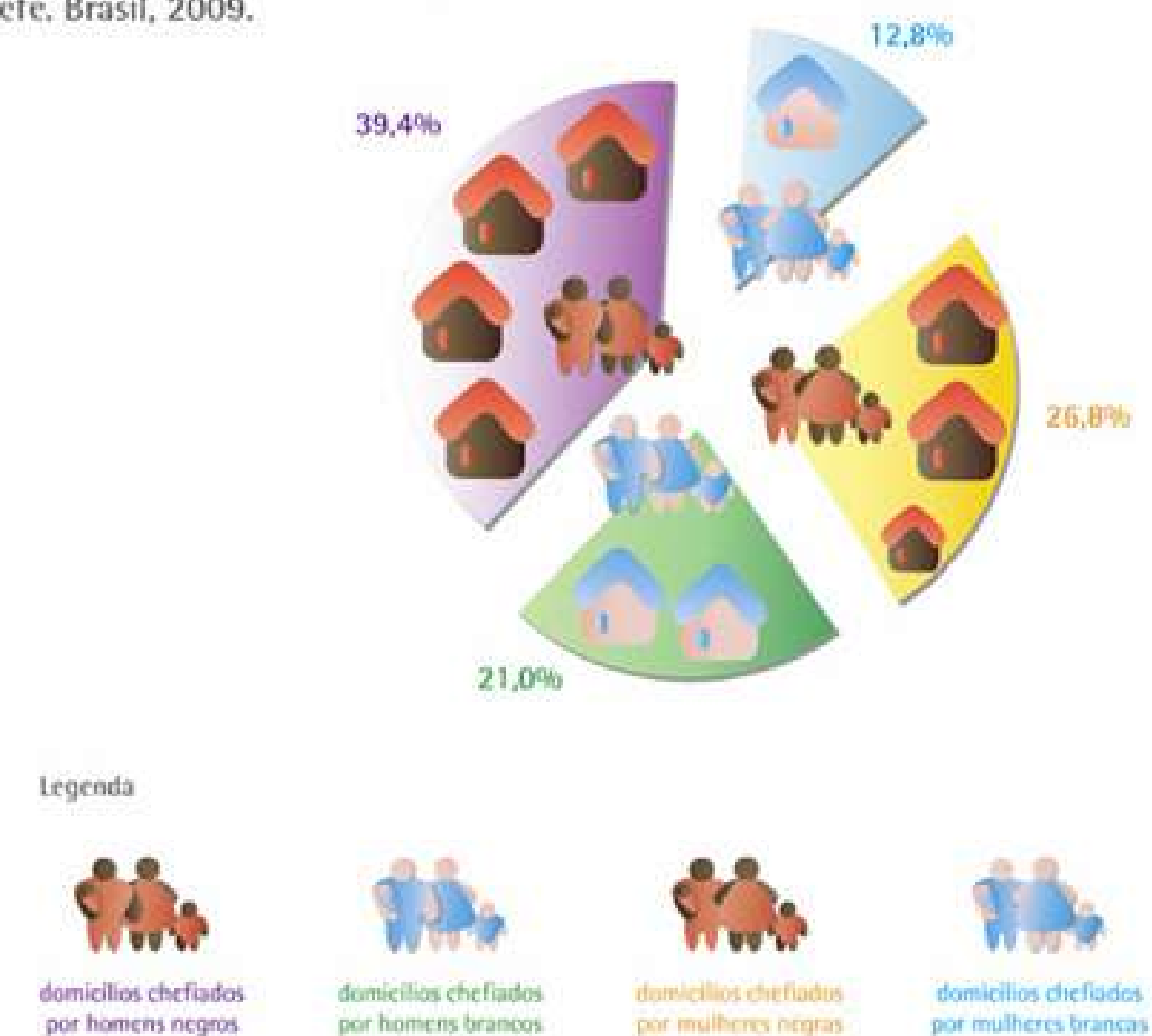


**Figura 39:** Renda média da população, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.  
Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça - 4ª edição

Além disso, a população negra é predominante nas favelas segundo a distribuição de domicílios urbanos em favelas (Figura 40) como resultado do obstáculo aos negros e negras ao acesso à propriedade da terra, causado pela Lei de Terras em 1850 (RAUL, 2015).

### Habitação e saneamento

Distribuição de domicílios urbanos em favelas, segundo sexo e cor/raça do/da chefe. Brasil, 2009.



**Figura 40:** Distribuição de domicílios urbanos em favelas, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.  
Fonte: Retrato das desigualdades de gênero e raça - 4ª edição

Helene (2019), afirma que no Brasil, os subúrbios, cidades dormitório (como a cidade de São Gonçalo é conhecida), periferias e cidades-satélites são, ao mesmo tempo, territórios negligenciados pelas políticas públicas urbanas e espaços de habitação das classes mais pobres, demarcadamente caracterizados por gênero e raça.

## 7. Definição do público a ser atendido

No entanto, Ezquiaga (apud SANTORO, 2008) coloca que a perspectiva de gênero é crítica em relação à denominação “cidade dormitório”, pois essa expressão refere-se principalmente aos adultos trabalhadores, mas não significa que são cidades dormitório para as crianças, os idosos, os adultos que trabalham no lugar e, principalmente para as mulheres.

**Assim, a partir dos espaços segregados da cidade, podemos articular gênero, raça e classe e tentar compreender como o machismo, o sexismo e o racismo, ao hierarquizar os indivíduos segundo atributos físicos, são determinantes na formação sócio-histórica, com consequências na configuração socioespacial e notar que tais fenômenos estão na base das desigualdades que se expressam no espaço urbano (RAUL,2015).**

Sendo assim, o presente projeto pretende atender sobretudo o público de mulheres negras, grupo historicamente mais prejudicado na apropriação do espaço urbano e do acesso à moradia, que apesar dos avanços do movimento de mulheres negras, os desafios das periferias são muitos e vão desde uma maior integração entre as comunidades, formação de agentes multiplicadores e independentes, até o apoio do estado para que seja possível sanar demandas de cunho mais imediato como coleta de lixo e saneamento básico, de acordo com Raul (2015).

Para conseguir atender a esse determinado público, duas organizações foram contatadas e servirão como mediadores para a minha interação com mulheres que seriam beneficiadas com o Conjunto Habitacional projetado a partir de uma perspectiva de gênero, no município de

- Fórum Social Gonçalvesense (FOSG) (Figura 41): que reúne coletivos de projetos, ações e movimentos que trabalham prestando assistência a famílias em situação de vulnerabilidade em diversas frentes.
- Niyara Acolhimento e aprendizagem (Figura 42): Espaço de educação e acolhimento criado em 2015 para trazer conhecimento e mudanças na vida de mulheres.

No entanto, não foi possível dar continuidade aos contatos com as instituições devido à limitações causadas pela pandemia do COVID-19 e a ausência de respostas à autora.



Figura 41: Logo FOSG.  
Fonte: Instagram FOSG.



Figura 42: Logo Niyara.  
Fonte: Instagram Niyara Acolhimento.

### 7.2. A escolha do nome para o Conjunto

No item 6.2 foi observado que a avaliação do Bairro Mutondo, onde localiza-se o terreno escolhido para o Conjunto Habitacional, possui a qualidade urbana referente à representatividade como “muito baixa”.

Além disso, a falta de representatividade feminina em nomes de ruas, monumentos e simbologias, é mais um elemento que contribuem para a exclusão das mulheres, sobretudo das negras, da cidade.

Dessa forma, constatou-se a importância de atribuir um nome ao Conjunto Habitacional objeto deste trabalho, como forma de trazer representatividade às moradoras, não somente para iniciar o processo de inclusão da imagem e símbolo da mulher negra na cidade, mas também como um exemplo de que há inúmeras possibilidades às futuras moradoras.

O nome escolhido homenageará Enedina Alves Marques (Figura 43), a primeira engenheira negra do Brasil, segundo Santana (2011).

Nascida em 13 de janeiro de 1913, filha de casal de ex-escravos libertos, pai sem profissão definida e mãe de empregada doméstica, Enedina conclui o curso de Engenharia em 1945, pela Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP) (SANTANA, 2011).

Após a separação de seus pais, de acordo com Prates (2021), Dona Virgília, mãe de Enedina, mudou-se com os filhos para a casa do Major Domingos Nascimento, o qual matriculou a jovem menina na escola por ter a mesma idade que sua filha.

## 7. Definição do público a ser atendido

Segundo Santana (2011), a adolescência de Enedina foi marcada por trabalhos domésticos em casas de família e a diplomação em professora normalista em 1931.

Em 1935, leis do estado do Paraná determinaram que para exercer a profissão de professora, os profissionais deveriam passar por uma capacitação de 3 anos, utilizando recursos próprios, além de realizar um curso complementar para o ingresso no Ensino Superior. Foi então que Enedina realizou seu curso de Pré-Engenharia, finalizado em 1939 (PRATES, 2021).

Enedina morava na casa da Família Caron realizando trabalhos domésticos não remunerados enquanto eles eram responsáveis pelo pagamento de sua mensalidade acadêmica (SANTANA, 2011).

A trajetória de Enedina, como afirma Santana (2011), durou 6 anos devido a algumas reprovações em disciplinas no curso de engenharia que possuía uma duração de 5 anos. Entretanto, os resultados da pesquisa encontrados através da trajetória de Enedina na FEP não determinam uma inferioridade intelectual ou de qualquer outra natureza por ser pobre, mulher e negra, alguns entrevistados afirmaram que ela foi vítima de perseguição e preconceito.

Em 1946, após se formar, Enedina atuou como auxiliar de engenharia na Secretaria de Viação e Obras Públicas, também no Estado do Paraná. Mais tarde, foi chefe da hidráulica, chefe da divisão e estatísticas e do serviço de Engenharia do Paraná, na Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SIENGE PLATAFORMA, [S.d.]).

Segundo o Sienge Plataforma ([S.d.]), em 1947, Enedina deu início ao seu trabalho no Departamento de Águas e Energia Elétrica do Paraná, período que foi considerado o auge de sua carreira, pois atuou no levantamento topográfico e na Construção da Usina Capivari-Cachoeira (Usina Parigot de Souza) dentre outras obras relevantes. Além disso, trabalhou no Plano Hidrelétrico do Paraná.

Solteira e sem filhos, Enedina Alves Marques morreu aos 68 anos, vítima de infarto. Hoje, tem seu nome no Livro do Mérito do Sistema Confea/Crea e, em 1988, uma rua de sua cidade natal, no bairro Cajuru, a 7km de Curitiba, recebeu seu nome. No ano 2000, foi reconhecida pelo Memorial à Mulher e, em 2006, foi fundado o Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marque, em Maringá, no interior do Paraná (SIENGE PLATAFORMA, [S.d.]).



**Figura 43:** Enedina Alves Marques.  
Fonte: PRATES, 2021.



## 8. Definição do programa de necessidades

### 8.1. Definição do método construtivo

De acordo com Digiacom (2004), o diferencial do edifício flexível é definido por qualidades físicas que permitam alterações na configuração espacial (layout) ou por diversas maneiras de se apropriar de um ambiente. A autora afirma que a flexibilidade é essencial para os usuários de Habitação de Interesse Social (HIS), uma vez que quanto mais fácil e menos custoso for o processo de adaptação ou ampliação, mais qualidade tem a habitação.

Digiacom (2004) afirma que quando a flexibilidade só pode ser obtida através de obras complexas, pode resultar em sobrecustos, trazendo grande impacto no orçamento dos moradores de HIS, além da possibilidade de riscos à construção e ao espaço habitado.

As características da flexibilidade estão diretamente relacionadas à materialidade, visto que podem ser proporcionadas por elementos como divisórias móveis, portas de correr, paredes leves, hierarquia e geometria dos espaços, localização da abertura e dimensionamento dos lotes (DIGIACOMO, 2004).

Embora algumas experiências de habitação flexível tenham sido consideradas positivas, na França e na Suécia, por exemplo, segundo Periañez (2013) nunca se alcançou o resultado esperado, pois somente os moradores originais se beneficiaram das flexibilidade da planta.

Alguns dos pontos negativos além da questão financeira foram problemas técnicos como a dificuldade de movimentação das divisórias, a redistribuição de instalações elétricas e, muitas vezes, o material leve das divisórias eram ineficientes para a vedação acústica (JIA, 1998).

De acordo com Jia (1998) o grande problema foi superestimar a capacidade dos ocupantes de compreender os princípios da flexibilidade, pois os residentes não têm noções mínimas de habitabilidade. Na Suécia, por exemplo, onde a área mínima de um quarto é de 7m<sup>2</sup>, em apartamentos flexíveis foram encontrados quartos que tinham em média 5m<sup>2</sup> (PERIAÑEZ, 2013).

Portanto, é imprescindível a existência de um manual para os moradores com instruções de como aproveitar a flexibilidade seguindo padrões da habitabilidade.

Segundo Digiacom (2004), há 2 tipos de flexibilidade no âmbito temporal:

- Flexibilidade inicial: Acontece desde o momento da concepção do projeto até o da ocupação. Caracterizada por estratégias que permitem a personalização da habitação para seus futuros moradores.

## 8. Definição do programa de necessidades

- Flexibilidade realista ou flexibilidade leve: Obtida por artifícios simples como ambiguidade espacial, espaços neutros, e ou tecnologias simples, como a utilização de portas de correr para integrar ou dividir os ambientes.

O presente trabalho buscará utilizar o conceito de Flexibilidade realista ou leve, a partir da materialidade que será definida a seguir.

Para que a flexibilidade seja praticada é necessária a tentativa de prever as possíveis alterações pelos usuários. Digiacom (2004) reuniu as alterações mais frequentes nas Habitações de interesse social:

- Criar sala de televisão;
- alterar relações entre a cozinha, sala de jantar e/ou sala de estar a partir de fechamentos ou aberturas;
- provisão de armários adicionais para roupas, livros e equipamentos;
- acrescentar mais banheiros e lavatórios;
- separar local para hobbies, estudos e trabalho;
- criar ou aumentar a área de serviço;
- ampliação na cozinha para criar área de refeições e acomodar os inúmeros eletrodomésticos;
- acrescentar garagem e cobertura para carros;
- intervenções na fachada, incluindo a criação de um muro.

A partir dessas frequentes alterações, a autora produziu uma tabela com as principais estratégias de flexibilidade para Habitação de Interesse Social (Figura 44) que serão consideradas para a concepção do projeto:

CONCEPÇÃO	ESTRATÉGIA
<b>Solução Estrutural</b>	1. Separação estrutura/compartimentação
	2. Preparar estrutura para receber um ou mais pavimentos
	3. Incluir a escada no edifício original ou preparar a estrutura para receber escadas caso haja expansão vertical
<b>Arranjo espacial</b>	4. Deixar claro o sentido de expansão da moradia
	5. Prever sempre ampliação para acomodar uma garagem e/ou um espaço de trabalho
	6. Unidades espaciais (ambientes) de formas neutras com dimensões parecidas
	7. Posicionamento estratégico de esquadrias
<b>Cobertura</b>	8. Definir a altura da cumeeira do telhado de modo que a água possa ser prolongada sem prejudicar o pé-direito do novo espaço
	9. O desenho original deve permitir a criação de novas águas sem afetar a funcionalidade existente
<b>Instalações hidrossanitárias</b>	10. Dimensionar tubulações de água prevendo aumento de vazão
	11. Localizar paredes hidráulicas de maneira que não seja necessário demoli-las para ampliar os espaços (cozinha e/ou casa)
	12. Localizar fossa e sumidouro em áreas non-a edificandi
<b>Instalação elétrica</b>	13. Dimensionar sistema para a inserção de novos circuitos
	14. Localizar interruptores e tomadas em pontos que não necessitem deslocamento caso haja modificações no leiaute original
<b>Divisórias Internas</b>	15. Divisórias desmontáveis / móveis
<b>Manual de Instruções</b>	16. Criar manuais de uso da habitação
	17. Fornecer leiautes de possíveis ampliações

**Figura 44:** Tabela de estratégias de flexibilidade para HIS.  
Fonte: Digiacom, 2004.

O arquiteto Nicholas John Habraken, conhecido por sua Teoria de Suportes, nos anos 60, publicou um livro que defendia suas ideias de flexibilidade. Para Habraken, deve-se dividir um edifício residencial em duas partes principais: o suporte, que é comum a todos os moradores, proporcionando infraestrutura e serviços; e o “infill” ou “conteúdo” a parte que fica sob a responsabilidade dos moradores de cada unidade habitacional. Embora o autor imaginasse uma vida longa para o suporte, afirmava haver um ciclo mais curto para a unidade habitacional, uma vez que ela seria modificada a cada troca de moradores ou às transformações na vida dos residentes (JENCKS, 1997).

## 8. Definição do programa de necessidades

Portanto, as materialidades definidas para a construção do Conjunto Habitacional, seguindo a lógica de Habraken, serão:

- Suporte: Alvenaria tradicional de vedação com blocos de cerâmica para as paredes externas e paredes internas das áreas molhadas - Método mais utilizado e comum no Brasil, além de permitir futuras alterações embora haja transtornos e gastos maiores para tais mudanças.
- Conteúdo: Paredes internas de Drywall, que de acordo com a Associação Brasileira de Drywall, atende às exigências de desempenho técnico para HIS (Habitação de Interesse Social).

Segundo a Associação Brasileira de Drywall, esse material é sustentável ambientalmente, socialmente, culturalmente e economicamente:

- ambientalmente adequado: consome relativamente pouca energia para sua fabricação e na montagem gera menos resíduos totalmente recicláveis;
- socialmente justo: a tecnologia drywall valoriza a mão de obra envolvida em todas as fases de sua utilização, notadamente na sua montagem, elevando o padrão de renda dos profissionais envolvidos e reduzindo seu esforço físico em comparação com os métodos construtivos tradicionais;
- culturalmente aceitável: drywall representa um avanço na forma de construir, pois sua execução é mais racional e inteligente e permite projetos com maior liberdade de criação;
- economicamente viável: as principais qualidades do drywall - leveza, rapidez de execução, precisão dimensional e geométrica e geração de resíduos mínima - proporcionam economias em todas as etapas das obras.

Além disso, a Associação afirma que os resíduos do Drywall (metal e gesso) são totalmente recicláveis e para sua correta destinação podendo ser enviados para alguns destinos destacados pela Associação. Dentre eles, encontra-se a empresa ProRecicle, localizada em Duque de Caxias, RJ.

Quanto às aberturas, foram escolhidas janelas de alumínio e vidro, por serem mais comumente utilizadas nas casas populares e pela facilidade de limpeza. Para as janelas que se localizarem na fachada sem a presença de varanda, a solução adotada para proteção solar será a presença de folhas venezianas de madeira.

Para a cobertura a solução encontrada foi a Laje maciça, devido a alta resistência a fissuras e a trincas, para dar flexibilidade ao layout das expansões dos pavimentos superiores. Além disso, haverá um telhado embutido acima da laje, formado com telhas termoacústicas de aço galvanizado e núcleo isolante de EPS, que apresenta as seguintes vantagens:

- Rápida instalação;
- excelente isolante térmico e acústico;
- o isolamento térmico melhora a eficiência de sistemas de aquecimento e ar condicionado, gerando economia de energia elétrica;
- não acrescentam muito peso à estrutura;
- possuem boa resistência mecânica e;
- não mofam.

A aplicação dos métodos construtivos será apresentada no item 9.2 de Desenvolvimento das tipologias habitacionais.

### 8.2. Definição do programa de necessidades

De acordo com as diretrizes abordadas no item 5, foi realizado um diagrama de zoneamento (Mapa 14) com alguns dos programas desejados como: residencial, comercial e espaços coletivos (parquinho, academia, permanência).

## 8. Definição do programa de necessidades

Os espaços comerciais foram localizados na fachada do terreno a fim de evitar a criação de uma fachada cega ou sem movimentação causada por muros e grades. Esses espaços poderão ser utilizados pelas futuras moradoras como possibilidade para geração de renda por meio do próprio negócio ou gerar emprego às que não possuem uma fonte de renda.

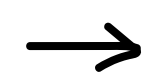
Além disso, poderão ser apropriados com espaços de formação profissional e/ou de creches, se for percebida a necessidade das moradoras, para contribuir com a aquisição da independência das mulheres.

O acesso de veículos, como continuidade do eixo da via local transversal ao terreno, se dá na lateral do terreno, separada dos espaços coletivos por unidades habitacionais, a fim de que seja evitada a circulação de crianças para a prevenção de possíveis acidentes nessa área.

Os espaços coletivos incluem áreas de permanência, academia ao ar livre e parquinho infantil, foram localizados na área central do terreno, cercados pelas unidades habitacionais, para que seja possível haver um controle visual sobre quem os acessa e sobre as crianças que os utilizam.

A partir dessa setorização, foi desenvolvida a implantação que será apresentada no tópico a seguir.

### LEGENDA



Acesso



Comércio



Espaços coletivos (parquinho, academia, permanência)



Residencial



Mapa 14: Diagrama de zoneamento.



## 9. Desenvolvimento do projeto

### 9.1 Desenvolvimento da Implantação

#### Quantificação das áreas

- Área do terreno: 7352m<sup>2</sup>
- Área residencial: 1272,04m<sup>2</sup> - Total de 21 unidades residenciais
  - Unidade 1: 46,64m<sup>2</sup> - 11 unidades - 513,04m<sup>2</sup>
  - Unidade 2: 68,10m<sup>2</sup> - 5 unidades - 340,50m<sup>2</sup>
  - Unidade 3: 83,66m<sup>2</sup> - 5 unidades - 418,30m<sup>2</sup>
- Área de comércio: 287,85m<sup>2</sup>
- Área administrativa: 88,52m<sup>2</sup>
- Área de espaços coletivos: 2404,44m<sup>2</sup>
- Área de Projeção Horizontal: 1365,37m<sup>2</sup>
- Área total de construção: 1648,41m<sup>2</sup>
- Número de vagas de estacionamento: 29 vagas

Os equipamentos de parque infantil foram distribuídos em mais áreas ao longo dos espaços coletivos a fim de que seja possível a existência de um maior controle das mães sobre os espaços que os filhos brincam. Entretanto, é reconhecida a possibilidade de que as crianças se desloquem para equipamentos mais distantes de suas residências, a característica de um espaço coletivo unificado se faz necessária para garantir a visualização de qualquer lugar do terreno.



## Implantação

### LEGENDA

- ① Guarita
- ② Estacionamento/ área de carga e descarga do comércio
- ③ Comércio
- ④ Lixo
- ⑤ Bicletário
- ⑥ Residencial
- ⑦ Área de permanência com mesas
- ⑧ Parque infantil
- ⑨ Administração/depósito/Vestiário/Refeitório
- ⑩ Academia ao ar livre
- ⑪ Horta comunitária
- ⑫ Área de permanência com bancos
- ⑬ Estacionamento
- ⑭ Estacionamento



0 10 20 30 40 50 100

## 9.2 Desenvolvimento das unidades habitacionais

A Portaria de N° 660 de novembro de 2018 do Ministério das Cidades, que dispõe sobre as diretrizes técnicas mínimas da unidade habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), define as áreas úteis mínimas para casas térreas e para apartamentos como:

- Casas: 36,0m<sup>2</sup>, se a área de serviço for externa, ou 38,0m<sup>2</sup> se for interna;
- Apartamentos/Casas sobrepostas: 39m<sup>2</sup>

No entanto, observa-se que na pós-ocupação dos Conjuntos Habitacionais, o layout proposto em projeto difere muito da real ocupação realizada pelos moradores. O que ocorre é que a área calculada como suficiente acaba ficando congestionada, pois os móveis não possuem o dimensionamento previsto (FOLZ; MARTUCCI, 2007).

Segundo Folz e Martucci (2007), existem vários estudos que utilizam diferentes índices para mensurar a densidade habitacional: número de pessoas por domicílio, metro quadrado por pessoa ou pessoas por cômodo. Deve-se analisar esses índices em conjunto para que não haja distorções que mascarem situações impróprias, como no caso de superfície por habitante que pode não estar oferecendo privacidade necessária, embora a área seja suficiente. Nesse caso, também seria interessante observar o número de pessoas por cômodo. Os autores também afirmam que a densidade por si só não demonstra o modo como as pessoas usam ou como percebem o espaço.

Os estudos de Elvan Silva, Jorge Boueri e do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT) recomendam as seguintes áreas para unidade de até 2 dormitórios, em comparação com o Código Sanitário de São Paulo (Figura 45).

De acordo com Folz e Martucci (2007), o arquiteto Rubens Porto, que foi que foi assessor técnico do Conselho Nacional do Trabalho, órgão do Ministério do Trabalho responsável pela normatização, fiscalização e aprovação de procedimentos dos IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensões) faz algumas considerações sobre o perigo de alguns mínimos adotados. Como por exemplo, o banheiro com dimensões mínimas para lavatório, vaso e box de chuveiro, não oferece condições para o auxílio no banho das crianças. A sala que se torna dormitório no período noturno deve oferecer características que possibilitem algum tipo de isolamento no momento da conversão para o uso privativo.

	Cód. Sanit. (1978)	Silva (1982)	Boueri (1989)	IPT (1988)
Sala	8,00	10,50	15,00	12,00-14,00
Cozinha	4,00	3,60	7,20	10,00-12,00
Banheiro	2,00	2,52	4,20	2,50-3,00
Dormitório (1)	8,00	7,75	14,0	9,00-11,00
Dormitório (2)	6,00	5,00	12,0	8,00-9,00
Área Serviço	-	2,10	5,40	-
<b>TOTAL</b>	<b>28,00</b>	<b>31,47</b>	<b>57,80</b>	<b>43,0 – 52,0*</b>

\* Embora o IPT não tenha definido a área de serviço, considerou, no entanto, uma área de 1,5-3,0 m<sup>2</sup> para circulação

**Figura 45:** Tabela de comparação de áreas recomendadas para unidades de até 2 dormitórios.  
Fonte: FOLZ; MARTUCCI, 2007.

Um estudo realizado por Mascaró (1998) constatou que a diminuição da área não é diretamente proporcional à diminuição dos custos da habitação, uma vez que os planos horizontais representam aproximadamente 25% do custo do total do edifício, os verticais 45%, as instalações 25% e o canteiro de obras 5%.

A questão da área mínima da habitação não pode ser considerada apenas sob a ótica da densidade, mas precisa estar inserida em uma discussão mais ampla que inclua um questionamento sobre as tipologias de projetos atualmente em difusão, pois quando se fala de habitação mínima para a população de baixa renda, as considerações sobre os costumes domésticos são ignoradas e os moradores precisam se adequar às pequenas áreas (FOLZ; MARTUCCI, 2007).

A Lei Complementar 032/2018 do Município de São Gonçalo, define no Anexo V - Portes (Figura 35), que o cálculo de densidade para o uso U1 - residencial deve ser feito de 1 pessoa para cada 10m<sup>2</sup> de Área Total Construída. Considerando que a área útil mínima dos Conjuntos Habitacionais varia entre 36,0m<sup>2</sup> e 39,0m<sup>2</sup>, essas unidades deveriam abrigar até no máximo 3 pessoas.

Portanto, para estabelecer um parâmetro para uma tipologia inicial, baseado nas recomendações da Tabela na Figura 45, e após a realização de testes para garantir a flexibilidade ao longo do tempo, foram definidas 3 tipologias com áreas médias de 45m<sup>2</sup>, 70m<sup>2</sup> e 80m<sup>2</sup>.

Em relação ao gabarito, Jan Gehl (2010) afirma que a comunicação entre edifícios altos e seus arredores é excelente a partir dos dois andares inferiores e possível a partir dos terceiro, quarto e quinto. Sendo assim, para que seja possível que as moradoras possuam um controle

## 9. Desenvolvimento do projeto

visual e auditivo sobre os espaços e, principalmente sobre as atividades de seus filhos, serão consideradas unidades habitacionais de até 3 pavimentos. Além disso, as janelas das áreas sociais (sala e/ou cozinha), são voltadas para os espaços coletivos.

De acordo com Digiacom (2004) alguns autores chegaram à conclusão de que lotes mais largos e menos profundos são o ideal para habitações flexíveis, pois este tipo de implantação permite uma circulação de ar mais eficiente e maior exposição das fachadas à luz natural. Os autores recomendam também a geminação das casas duas a duas, ou em fita para minimizar os custos de infraestrutura. No presente trabalho, todas as unidades serão geminadas.

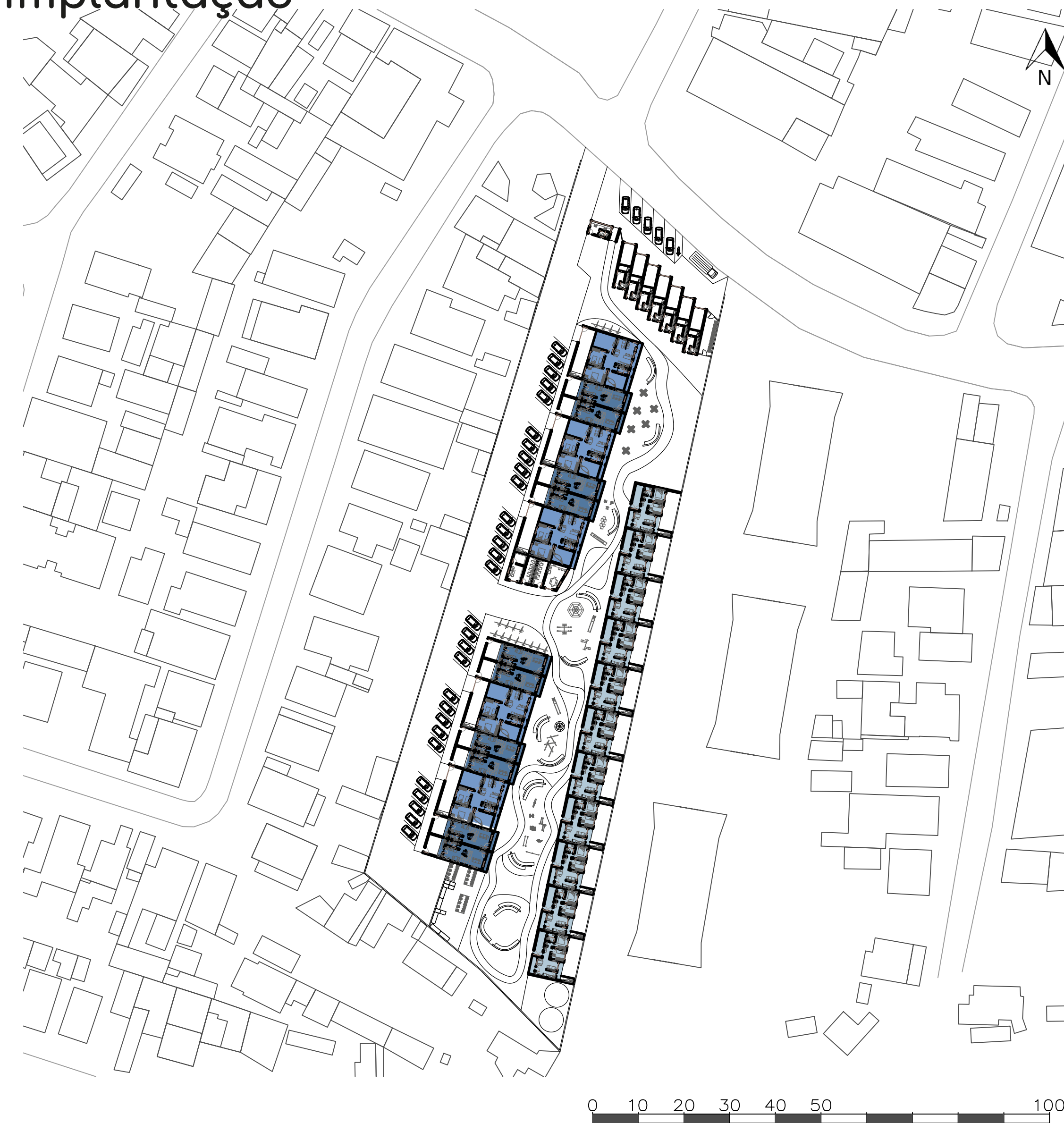
Considerando as questões sanitárias, todas as unidades possuirão uma área privativa ao ar livre, a fim de que seja possível tomar banho de sol, prática de exercícios físicos sem que seja necessário o contato com outras pessoas. Para os banheiros, há lavatórios externos, para atender à demanda dos moradores em relação à higiene enquanto o banheiro estiver sendo utilizado. Além do espaço reservado para a área de transição, com cabideiro para pendurar bolsas, uma sapateira, uma cadeira e uma mesa lateral para apoio de produtos para a higienização antes de entrar efetivamente no interior das unidades.

Todas as unidades habitacionais possuem estrutura para possibilidades de futuras expansões e/ou apropriações dos espaços, seja para abrigar um novo membro familiar, para trabalho ou espaços para a geração de renda (que também pode ocorrer a partir da construção de uma nova unidade para locação).

A partir do auxílio da Assessoria Técnica, as moradoras projetarão e construirão suas casas de acordo com as necessidades do momento, seguindo as possibilidades de alterações das unidades habitacionais.

A seguir serão apresentadas as unidades habitacionais e algumas das inúmeras possibilidades conquistadas a partir da flexibilidade:

### Implantação



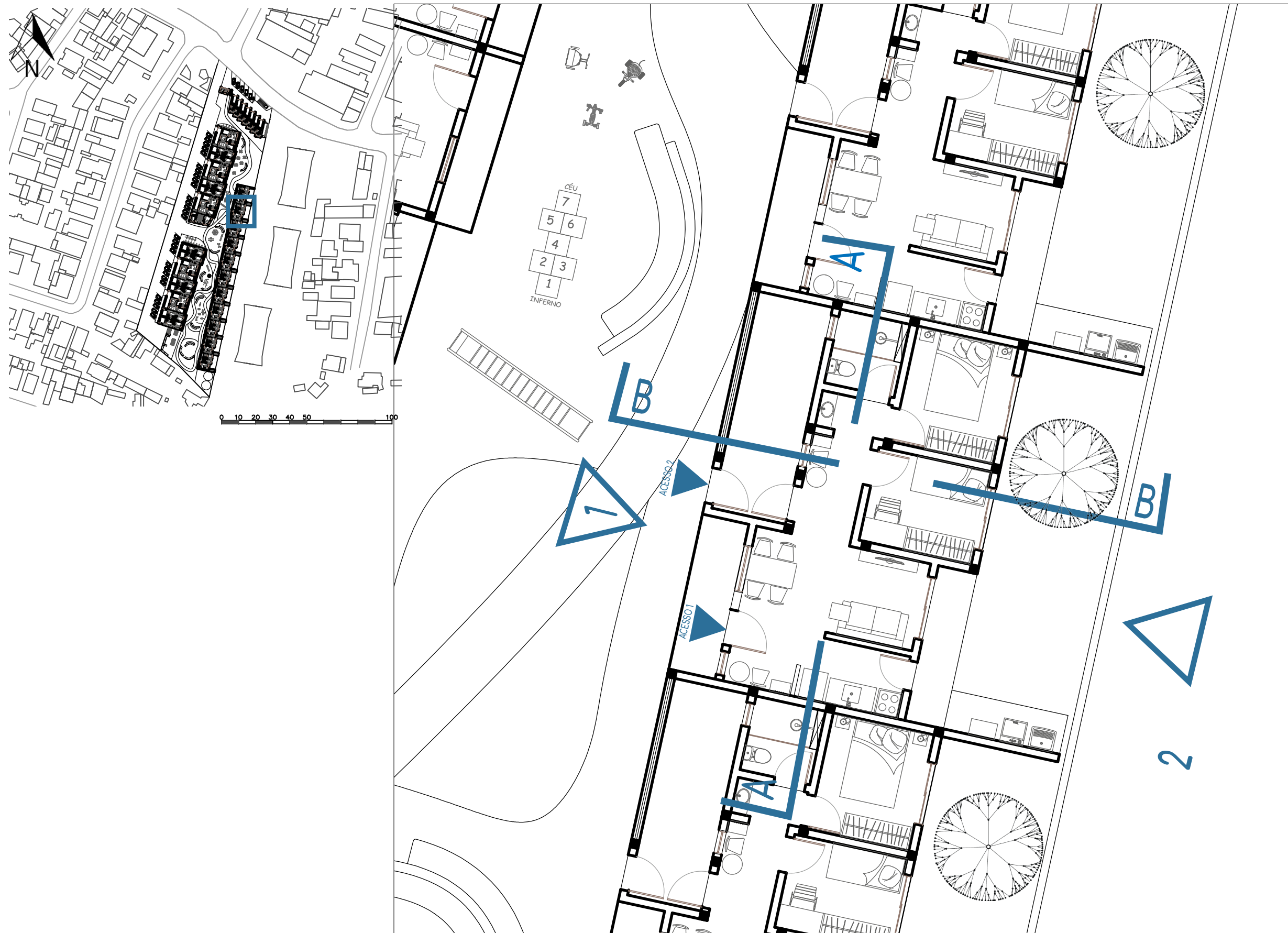
#### LEGENDA

- Unidade 1
- Unidade 2
- Unidade 3

## Unidade 1

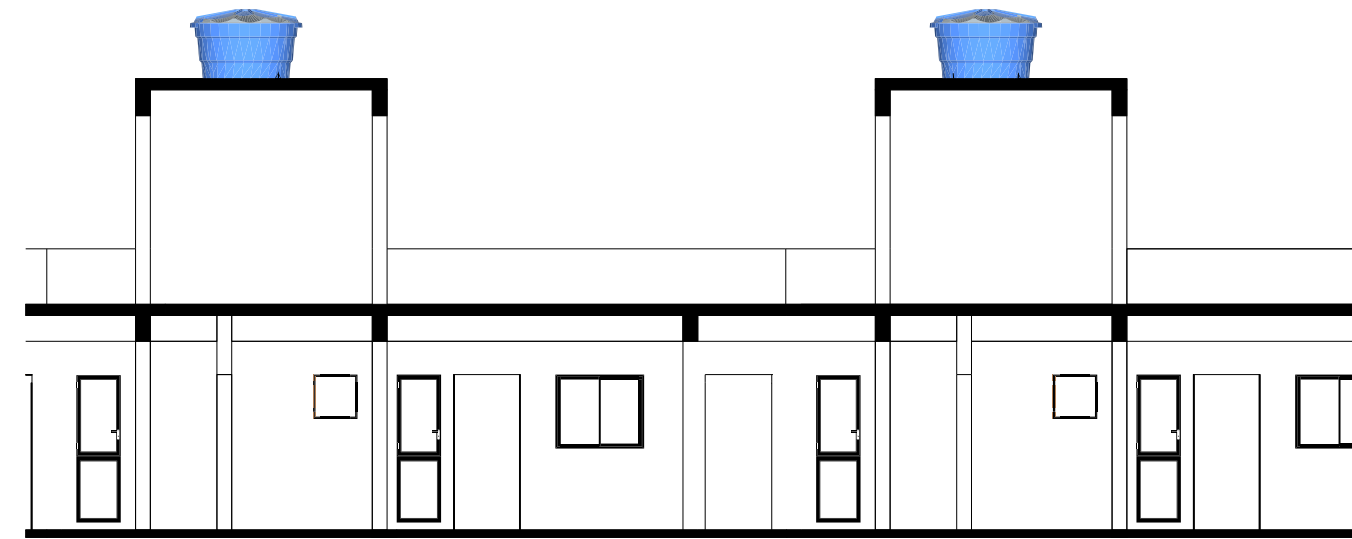
- Área inicial: 46,64m<sup>2</sup>

Originalmente uma casa térrea de dois quartos.

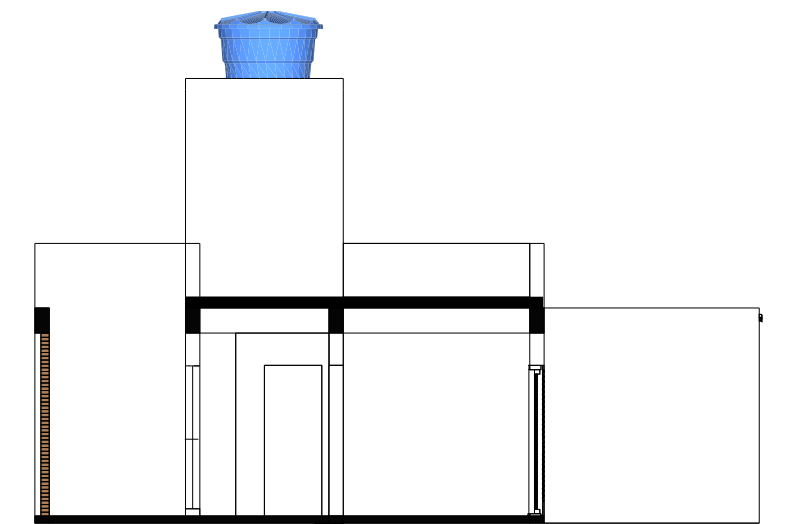


ESC. 1/100

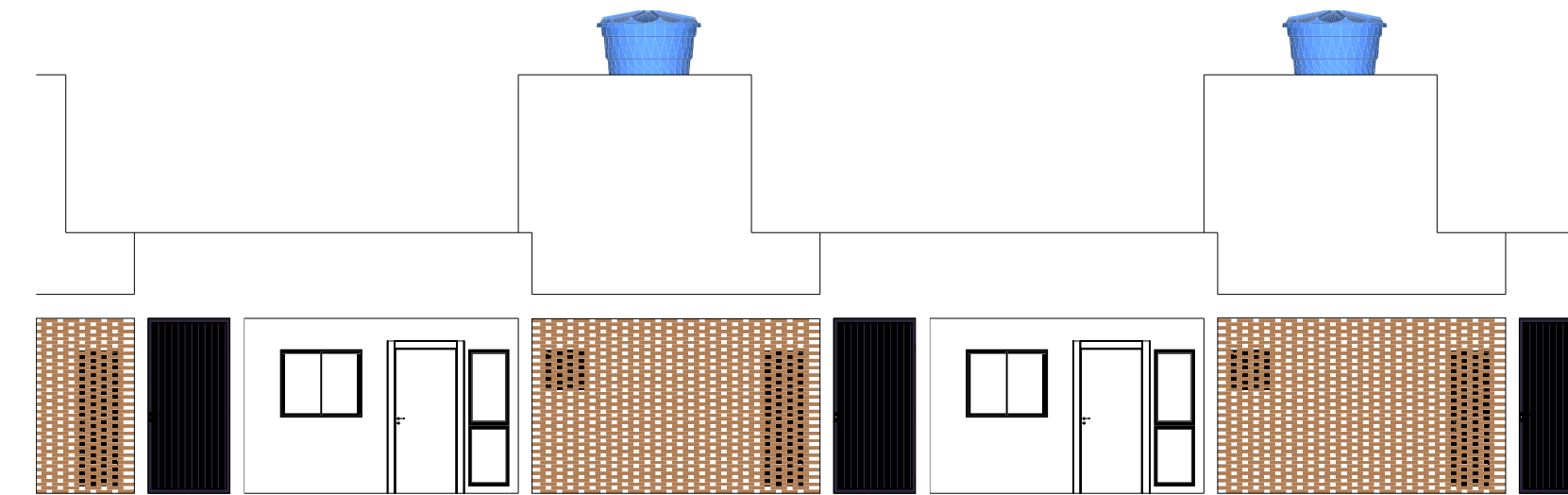
CORTE AA



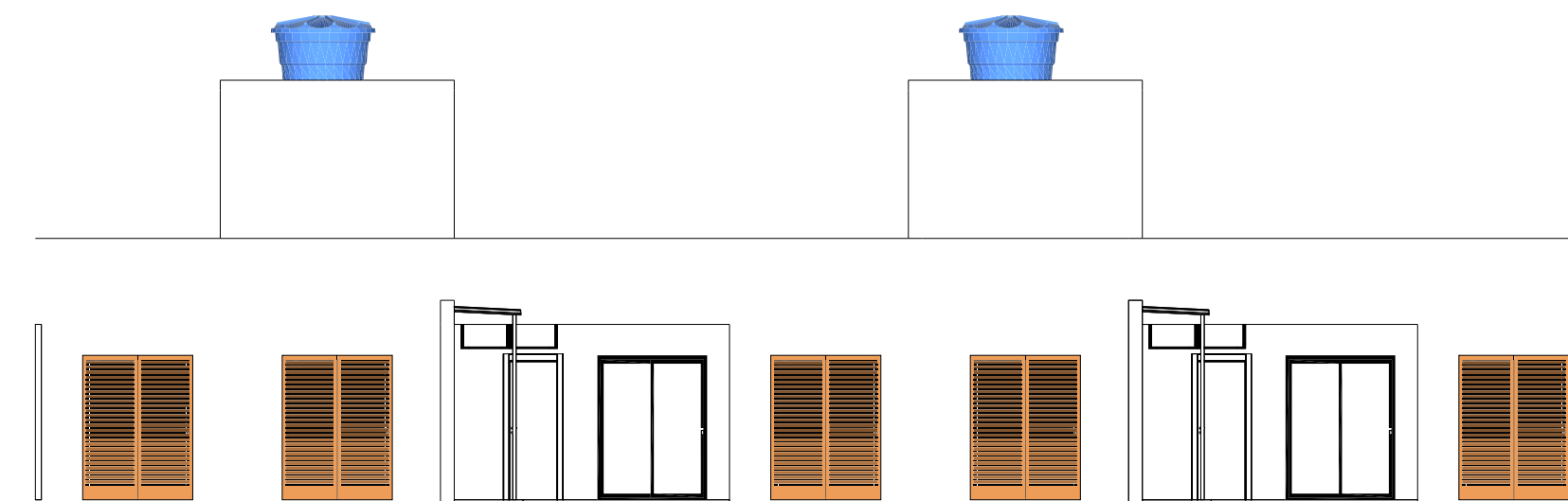
CORTE BB



FACHADA 1



FACHADA 2



# 9. Desenvolvimento do projeto

## VOLUMETRIA



## DIRETRIZES

### LEGENDA

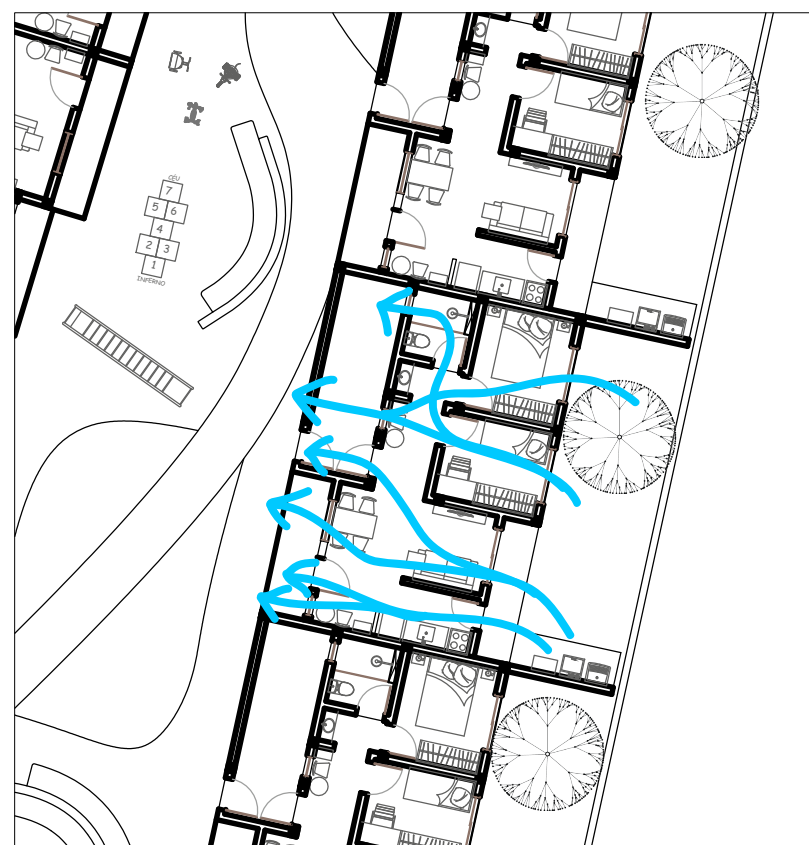
- Visão para os espaços coletivos
- Lavatório externo
- Área de transição
- Área privativa



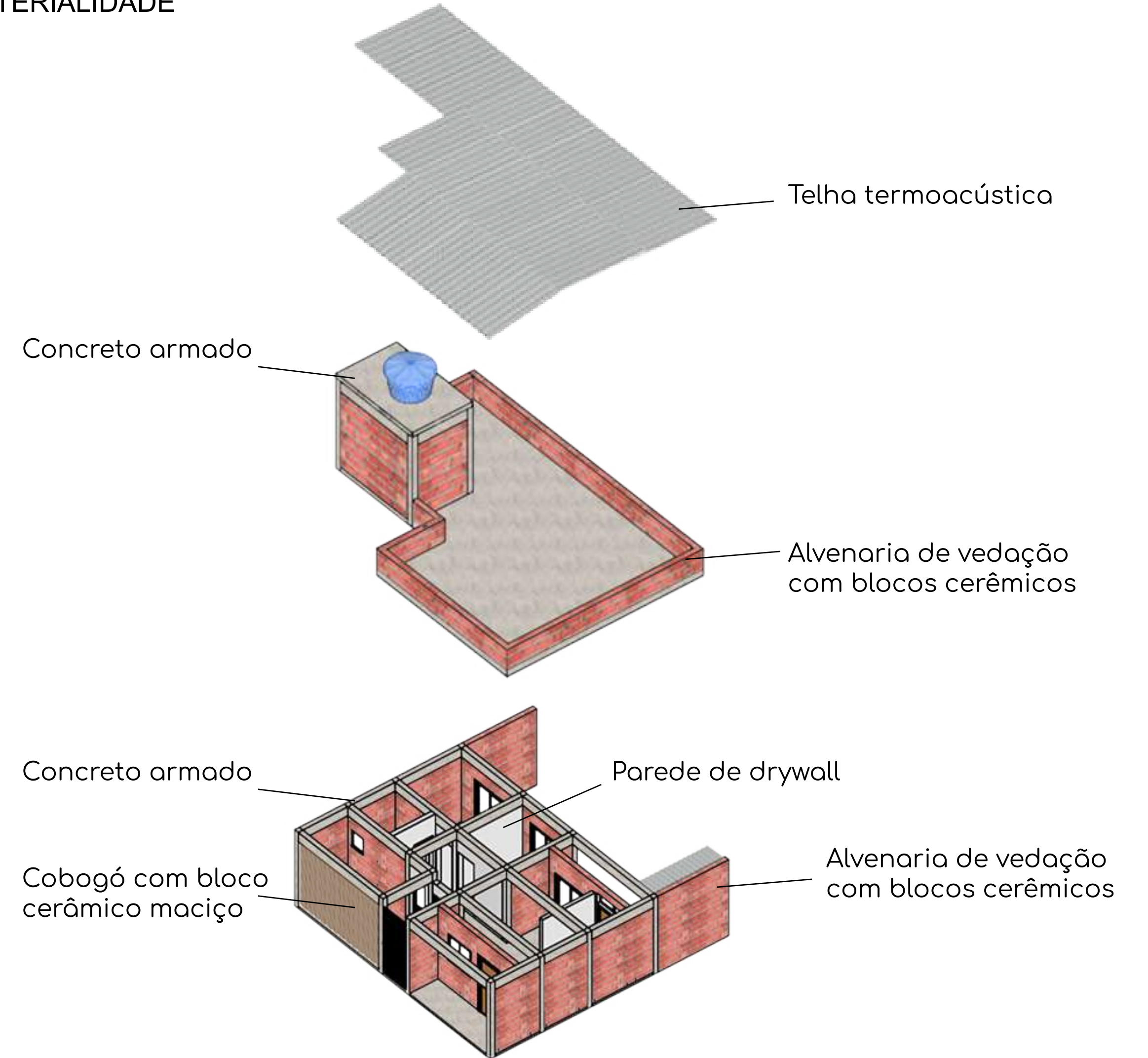
## VENTILAÇÃO

### LEGENDA

- Direção dos ventos

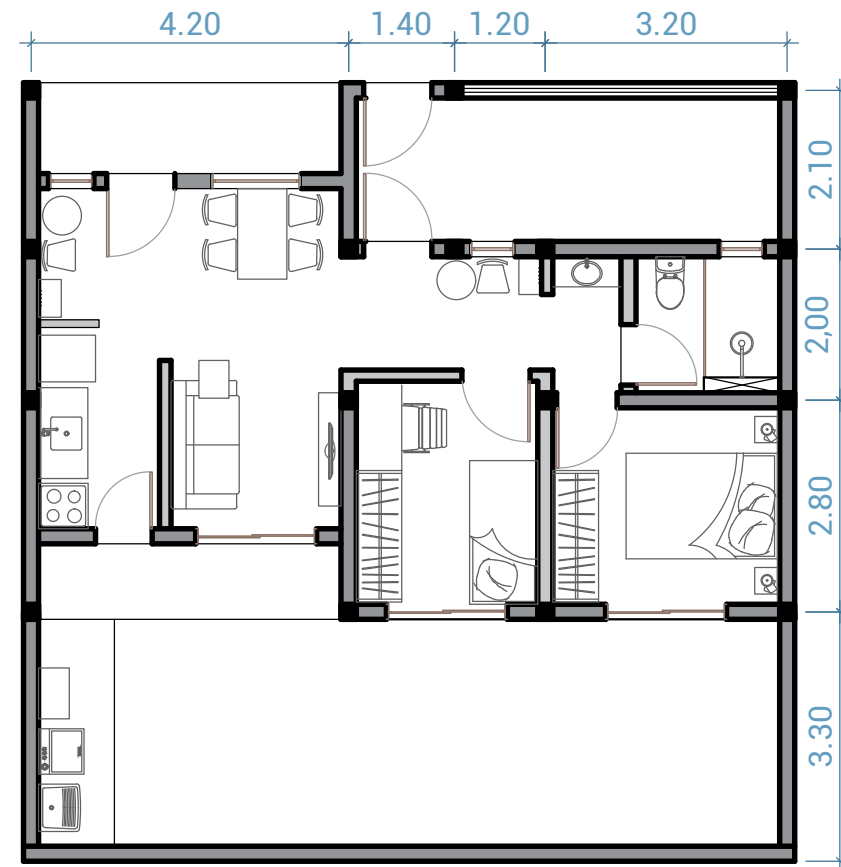


## MATERIALIDADE



# 9. Desenvolvimento do projeto

## POSSIBILIDADES



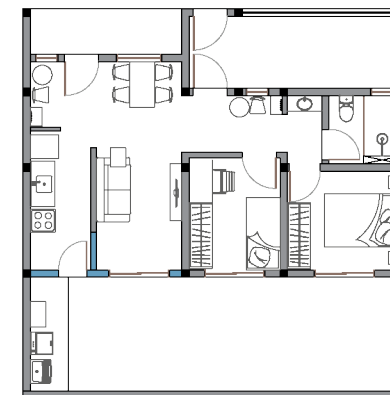
TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

- Parede existente
- Parede nova

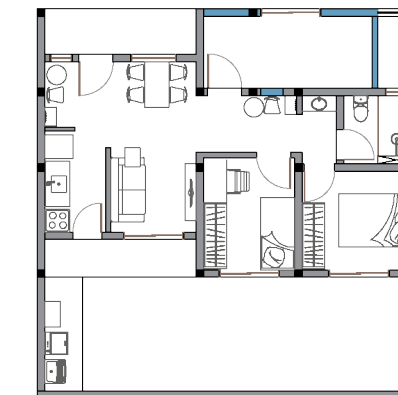
**POSSIBILIDADE 1 -**  
Expansões no pavimento  
térreo

1.1 - Expansão  
das áreas  
sociais



TÉRREO  
ESC. 1/200

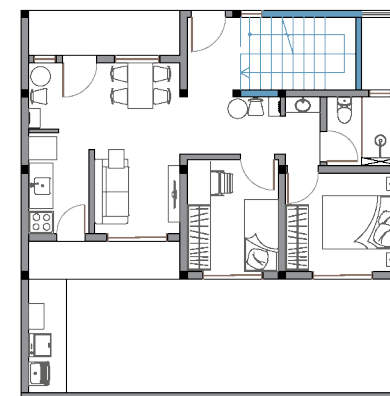
1.2 - Criação de um novo cômodo  
- que pode ser um espaço de  
geração de renda



TÉRREO  
ESC. 1/200

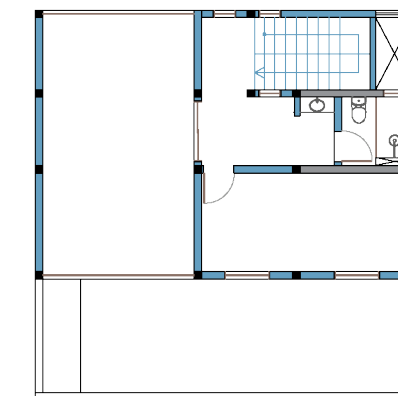
**POSSIBILIDADE 2 -**  
Expansão da unidade para o  
pavimento superior

2 - Adição da  
escada e  
fechamento da  
fachada



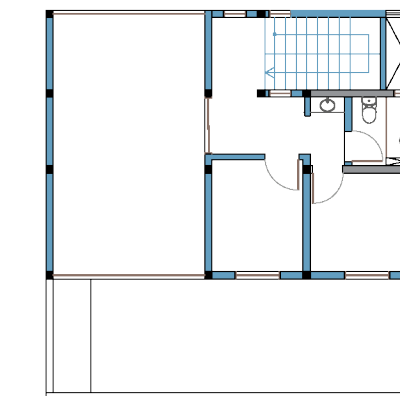
TÉRREO  
ESC. 1/200

2.1 - Adição de um  
cômodo no  
pavimento  
superior



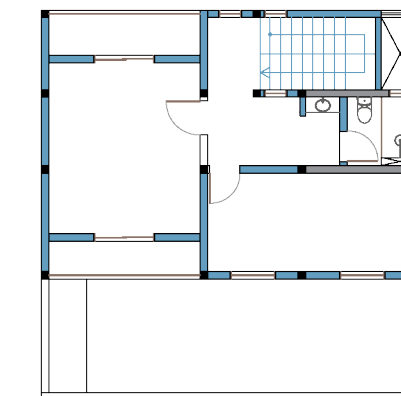
1° PAV.  
ESC. 1/200

2.2 - Adição de 2  
quartos no  
pavimento  
superior



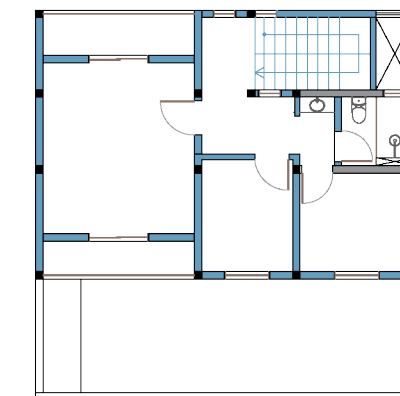
1° PAV.  
ESC. 1/200

2.3 - Adição de 2  
quartos no  
pavimento  
superior



1° PAV.  
ESC. 1/200

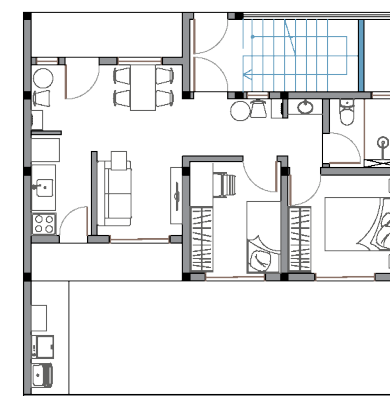
2.4 - Adição de 3  
quartos no  
pavimento  
superior



1° PAV.  
ESC. 1/200

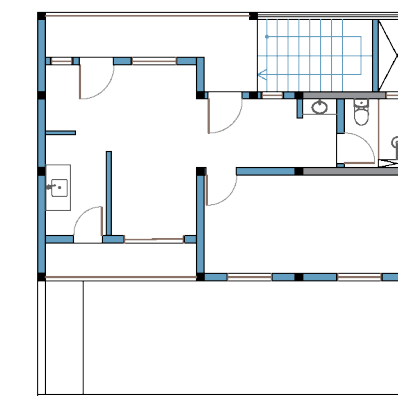
**POSSIBILIDADE 3 -**  
Criação de uma outra unidade  
no pavimento superior, com  
acessos independentes

3 - Adição da  
escada sem  
alterações na  
fachada



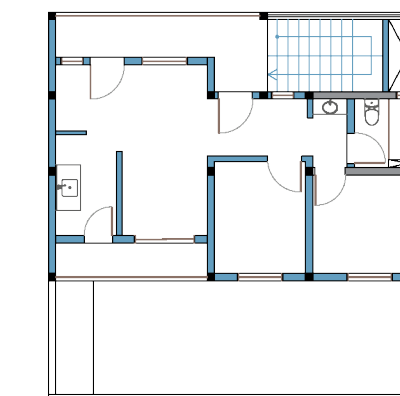
TÉRREO  
ESC. 1/200

3.1 - Unidade  
superior com 1  
quarto



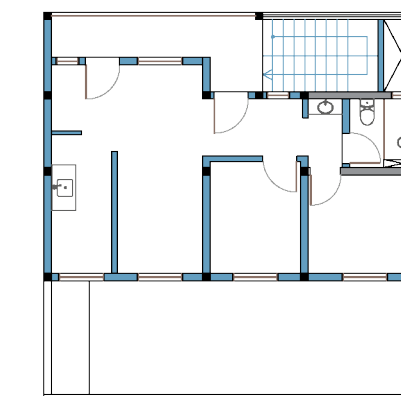
1° PAV.  
ESC. 1/200

3.2 - Unidade  
superior com 2  
quartos



1° PAV.  
ESC. 1/200

3.3 - Unidade  
superior com 2  
quartos e expansão  
das áreas sociais

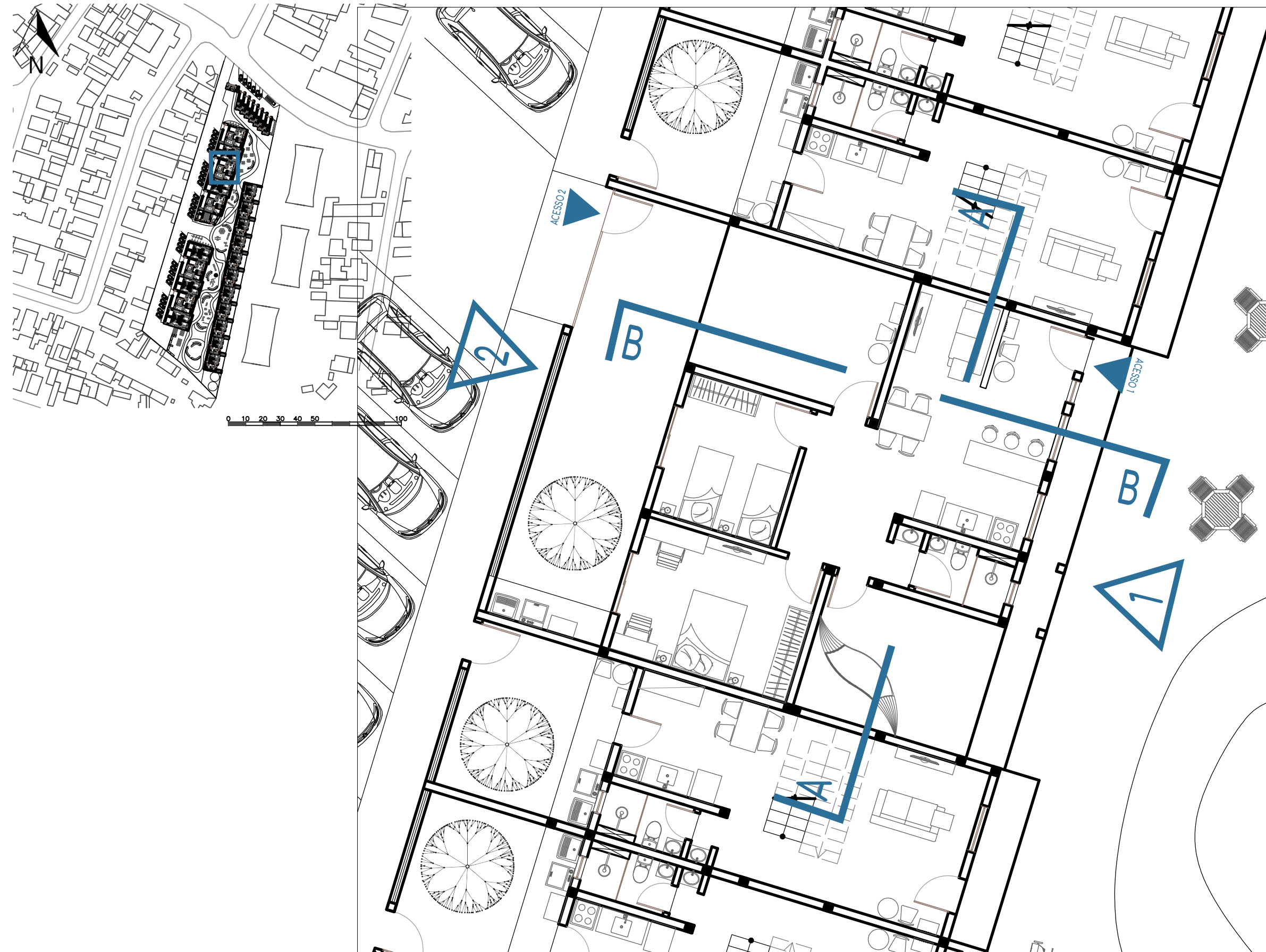


1° PAV.  
ESC. 1/200

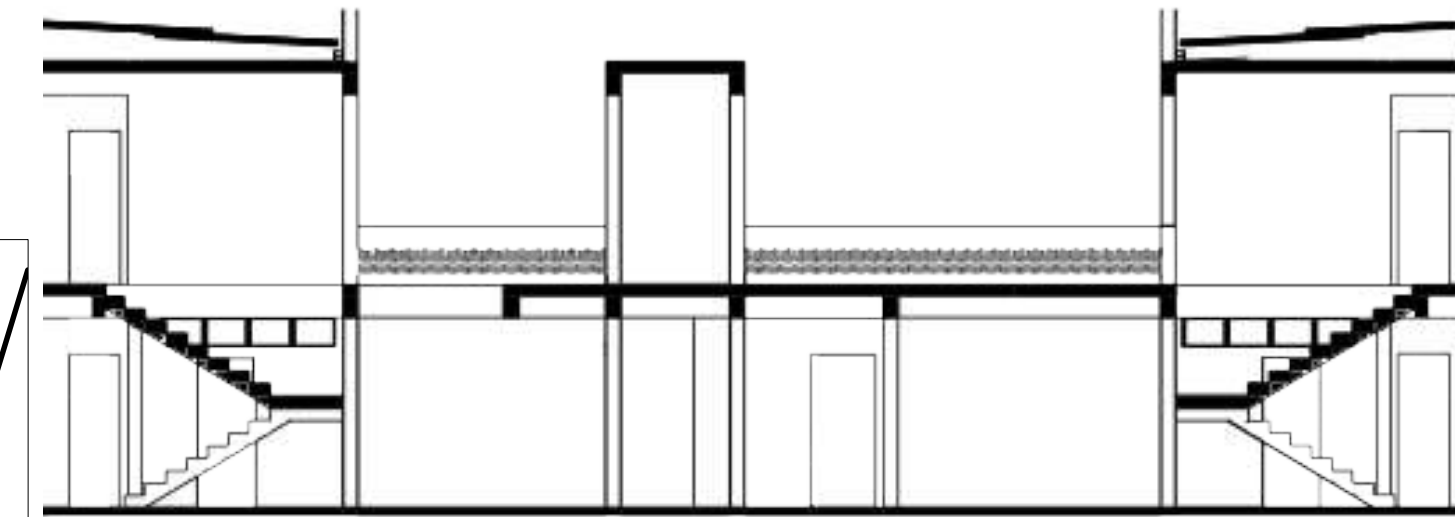
## Unidade 2

- Área inicial: 68,10m<sup>2</sup>

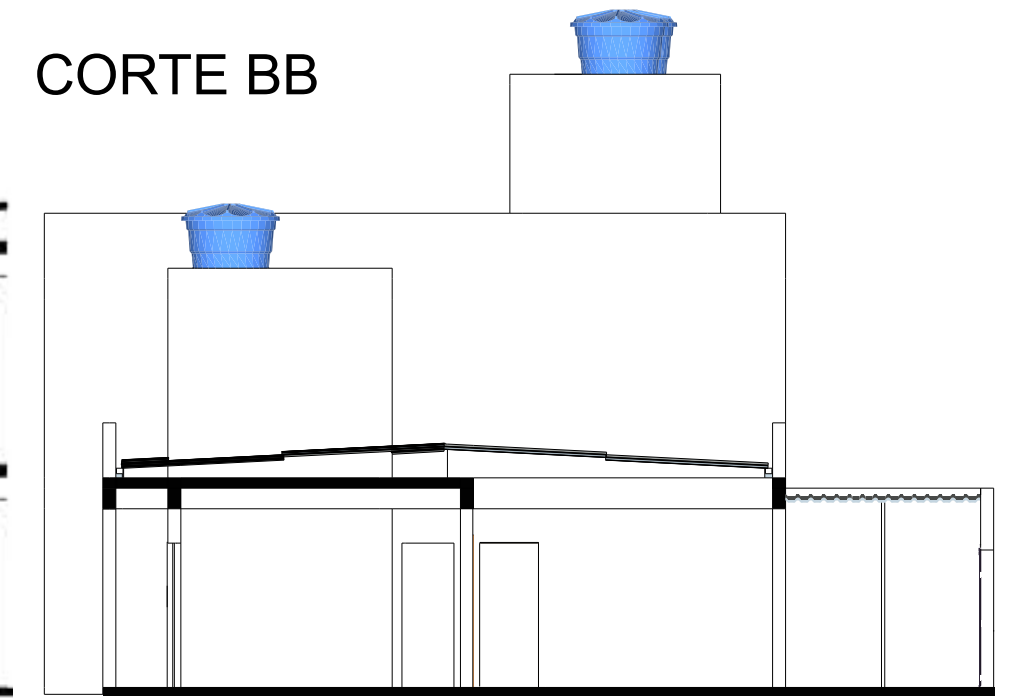
Originalmente uma casa térrea de dois quartos.



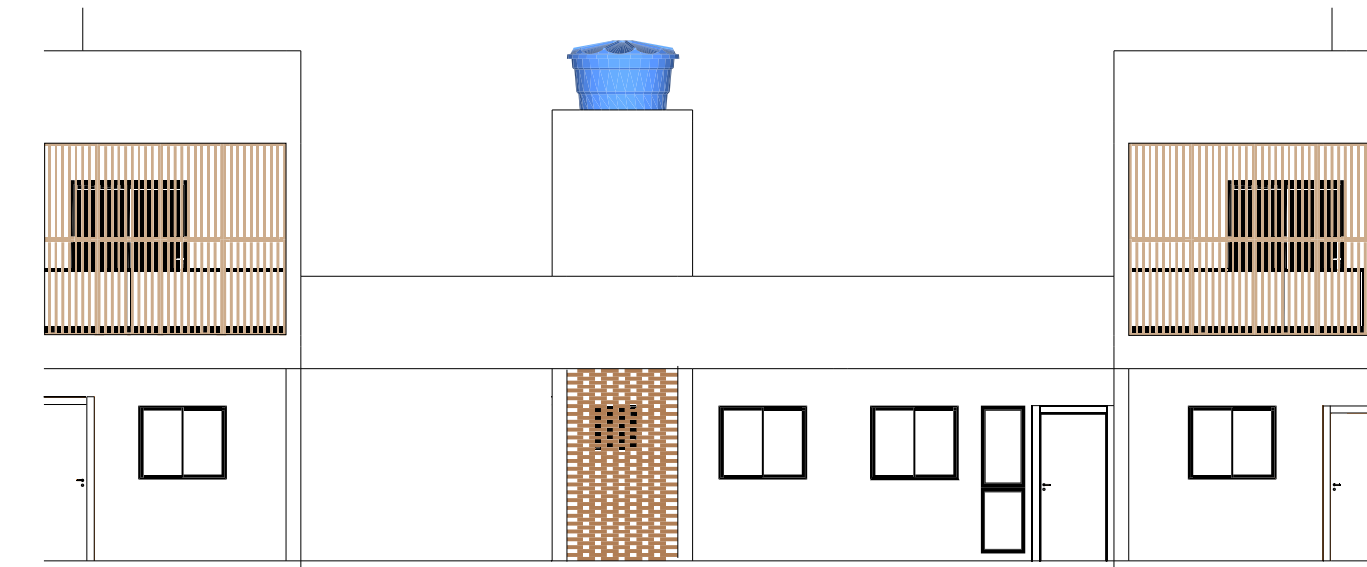
CORTE AA



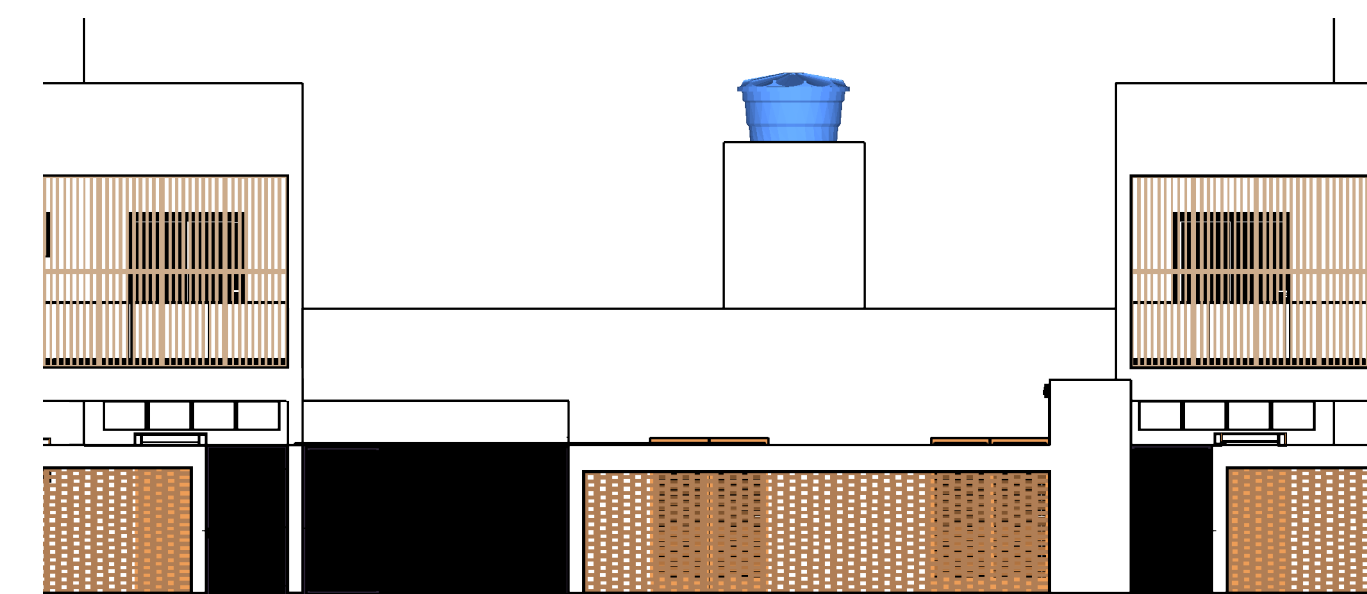
CORTE BB



FACHADA 1



FACHADA 2







# 9. Desenvolvimento do projeto

## VOLUMETRIA



## DIRETRIZES

### LEGENDA

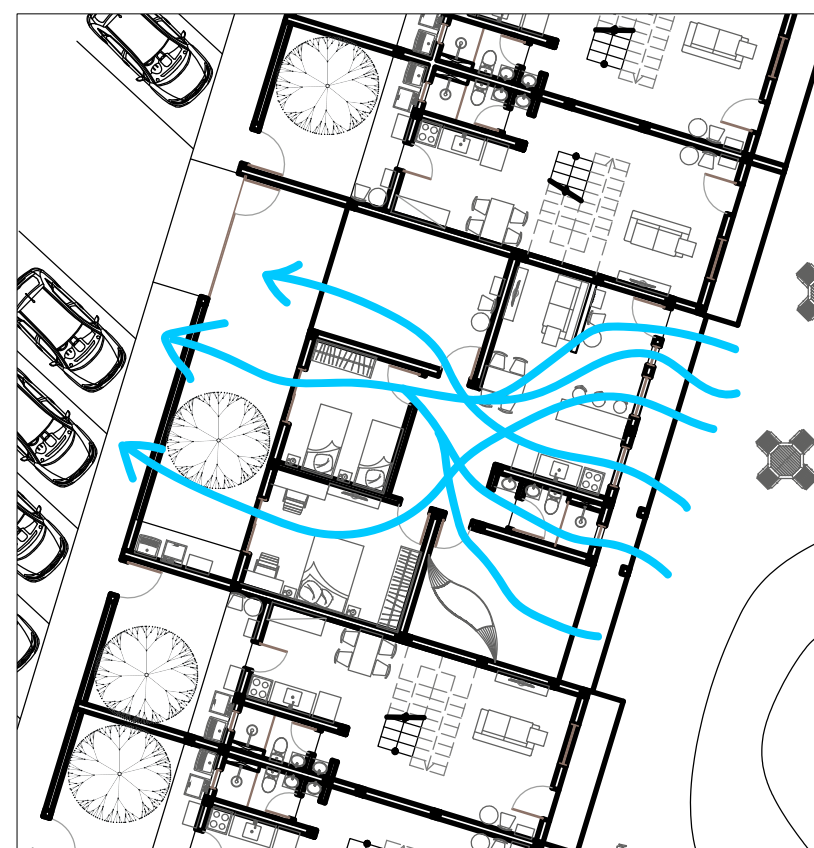
-  Visão para os espaços coletivos
-  Lavatório externo
-  Área de transição
-  Área privativa



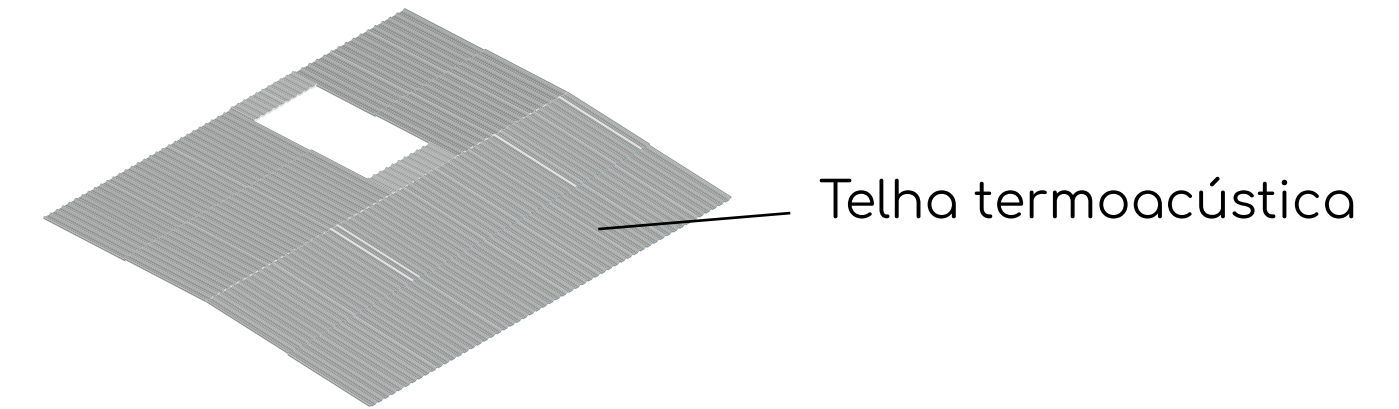
## VENTILAÇÃO

### LEGENDA

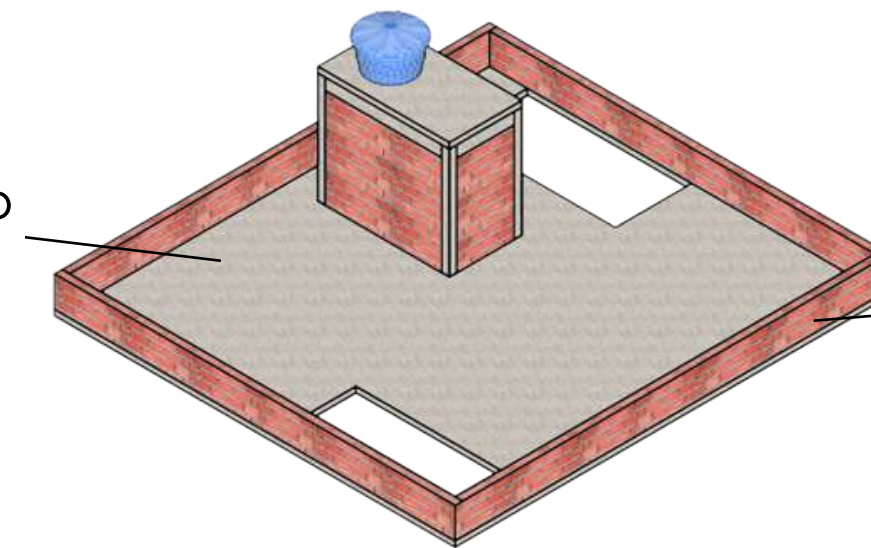
-  Direção dos ventos



## MATERIALIDADE

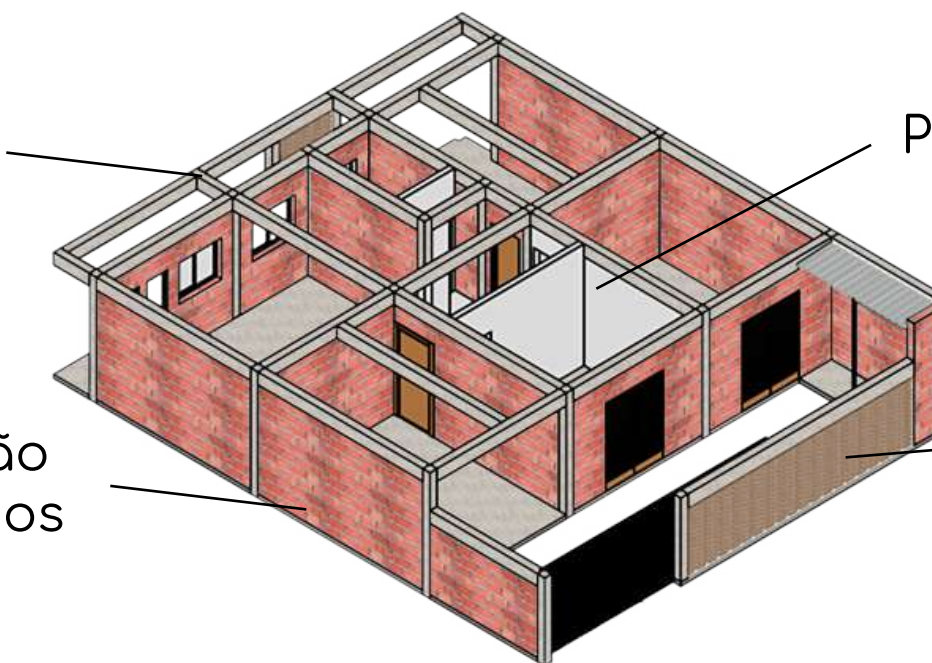


Concreto armado



Alvenaria de vedação com blocos cerâmicos

Concreto armado



Alvenaria de vedação com blocos cerâmicos

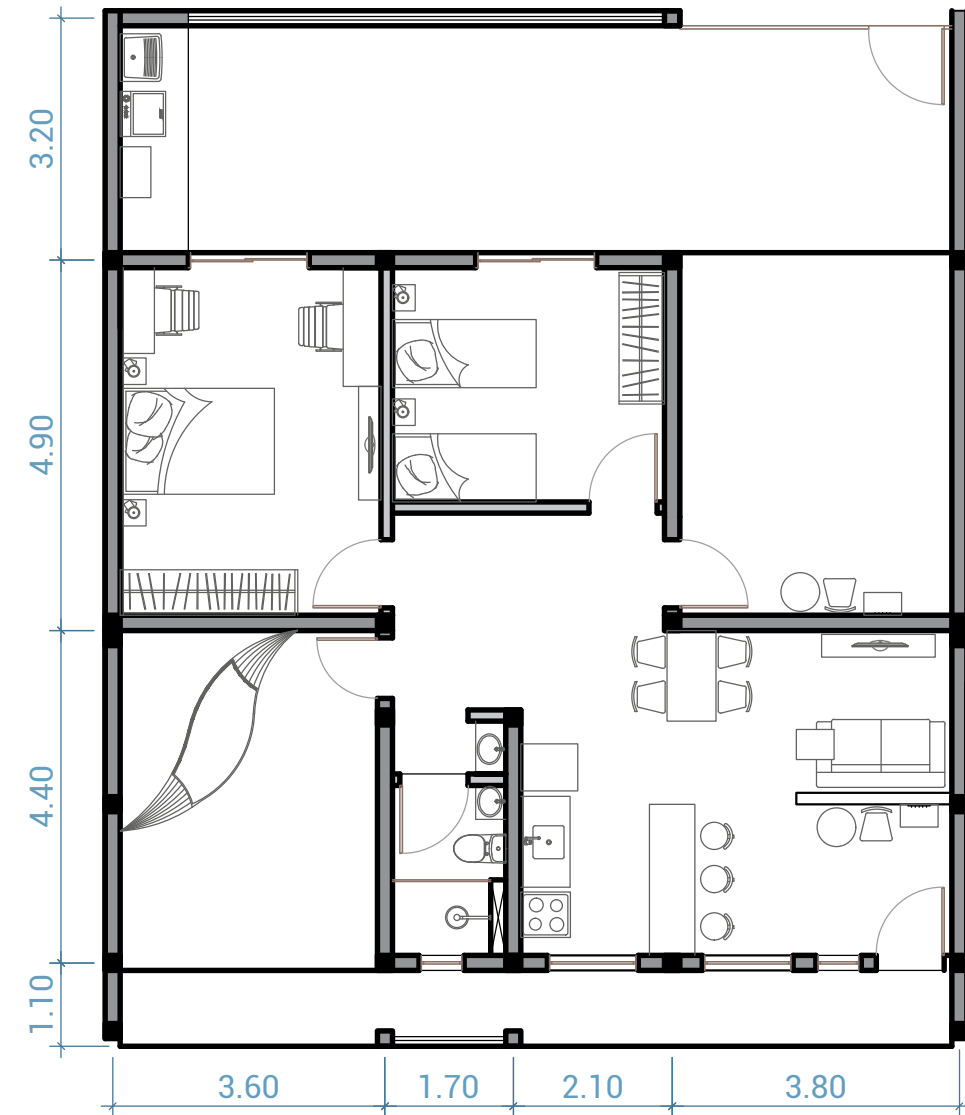
Parede de drywall

Cobogó com bloco cerâmico maciço



# 9. Desenvolvimento do projeto

## POSSIBILIDADES



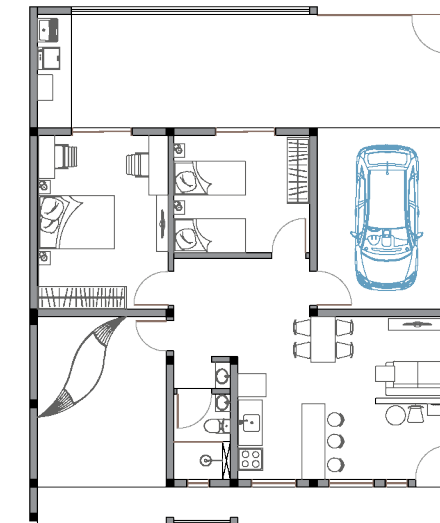
TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

- Parede existente
- Parede nova

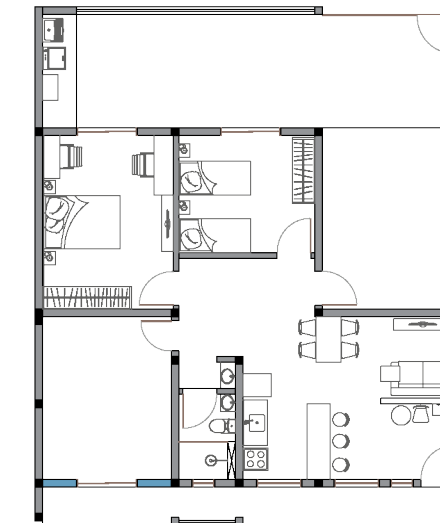
### POSSIBILIDADE 1 - Expansões no pavimento térreo

1.1 - Utilização do  
espaço de expansão  
para garagem



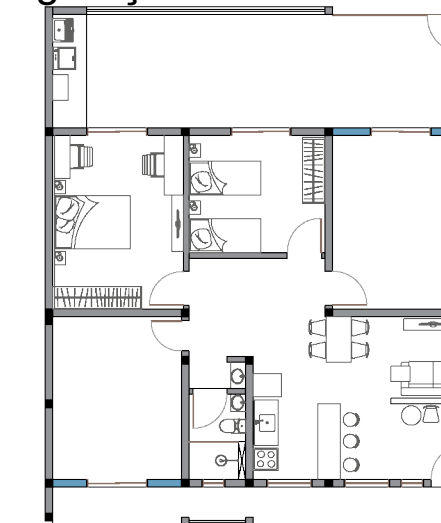
TÉRREO  
ESC. 1/200

1.2 - Expansão de um  
cômodo na fachada 1 -  
pode ser usado para  
geração de renda



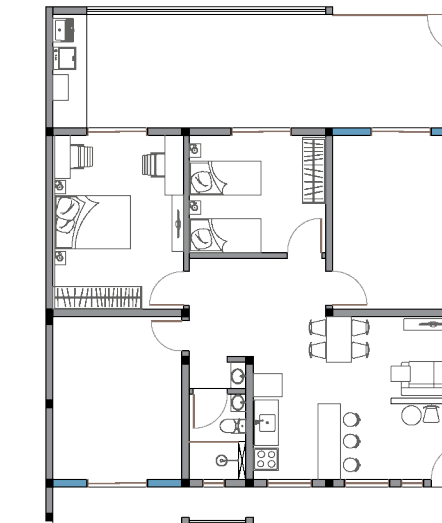
TÉRREO  
ESC. 1/200

1.3 - Expansão de um  
cômodo na fachada 2 -  
pode ser usado para  
geração de renda



TÉRREO  
ESC. 1/200

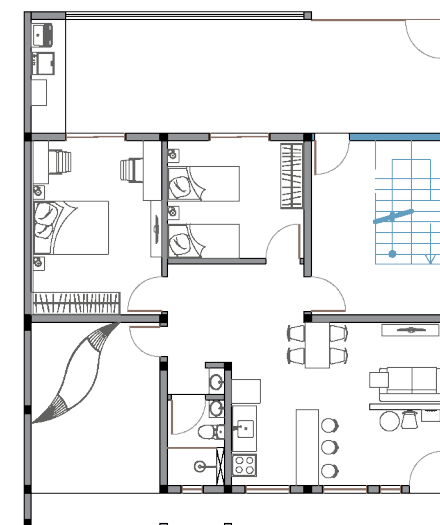
1.4 - Expansão de 2  
cômodos nas fachada 1 e 2



TÉRREO  
ESC. 1/200

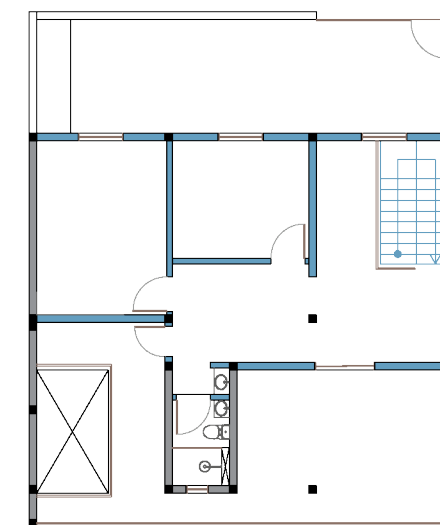
### POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o pavimento superior

2 - Adição da escada no  
espaço de expansão da  
fachada 1



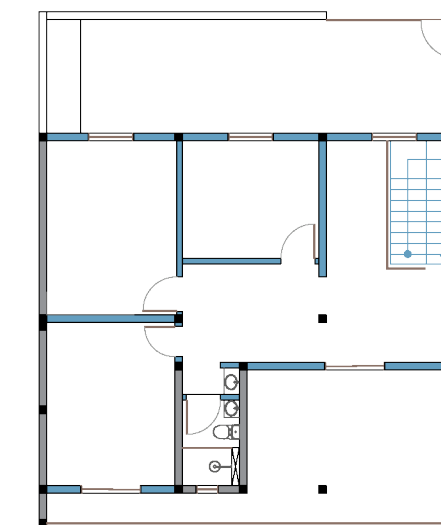
TÉRREO  
ESC. 1/200

2.1 - Adição de 2  
quartos no pavimento  
superior



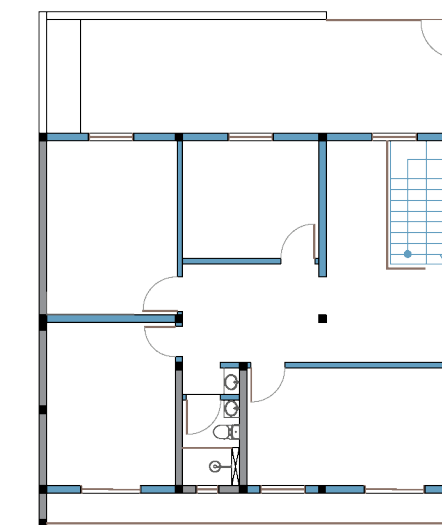
1º PAV.  
ESC. 1/200

2.2 - Adição de 3  
quartos no pavimento  
superior



1º PAV.  
ESC. 1/200

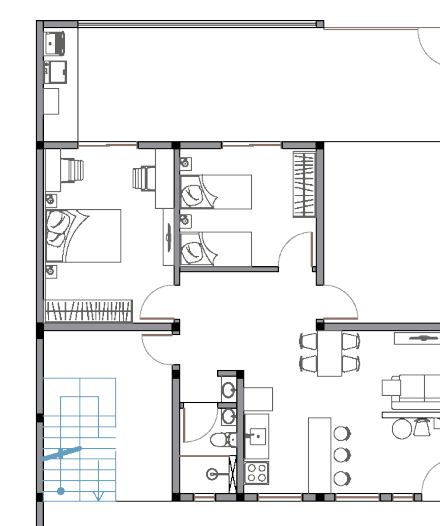
2.3 - Adição de 4  
quartos no pavimento  
superior



1º PAV.  
ESC. 1/200

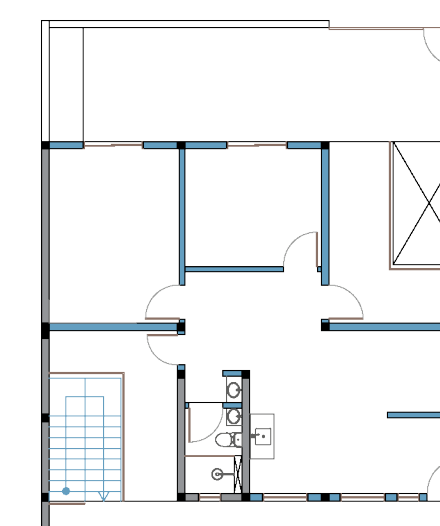
### POSSIBILIDADE 3 - Criação de uma outra unidade no pavimento superior, com acessos independentes

3 - Adição da escada no  
espaço de expansão da  
fachada 2



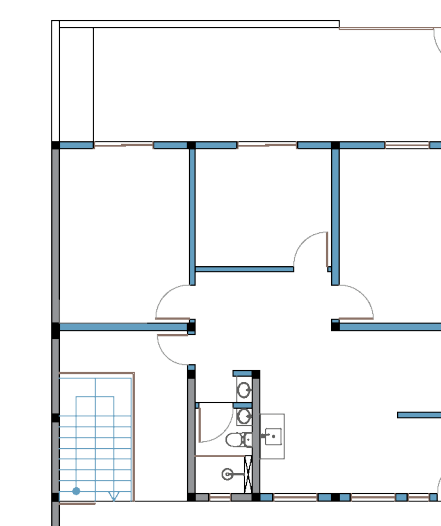
TÉRREO  
ESC. 1/200

3.1 - Criação de  
unidade com 2 quartos



1º PAV.  
ESC. 1/200

3.2 - Criação de  
unidade com 3 quartos

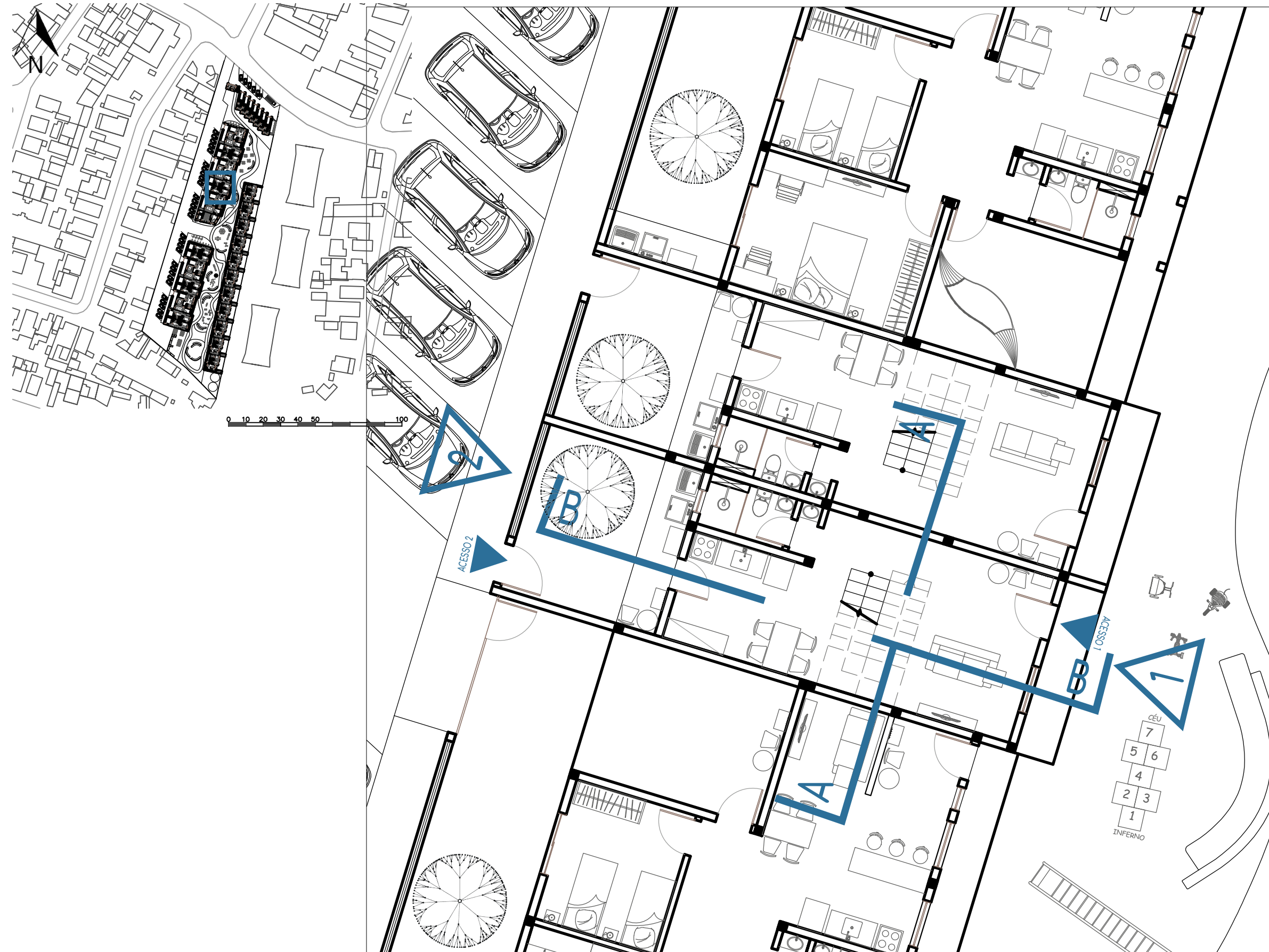


1º PAV.  
ESC. 1/200

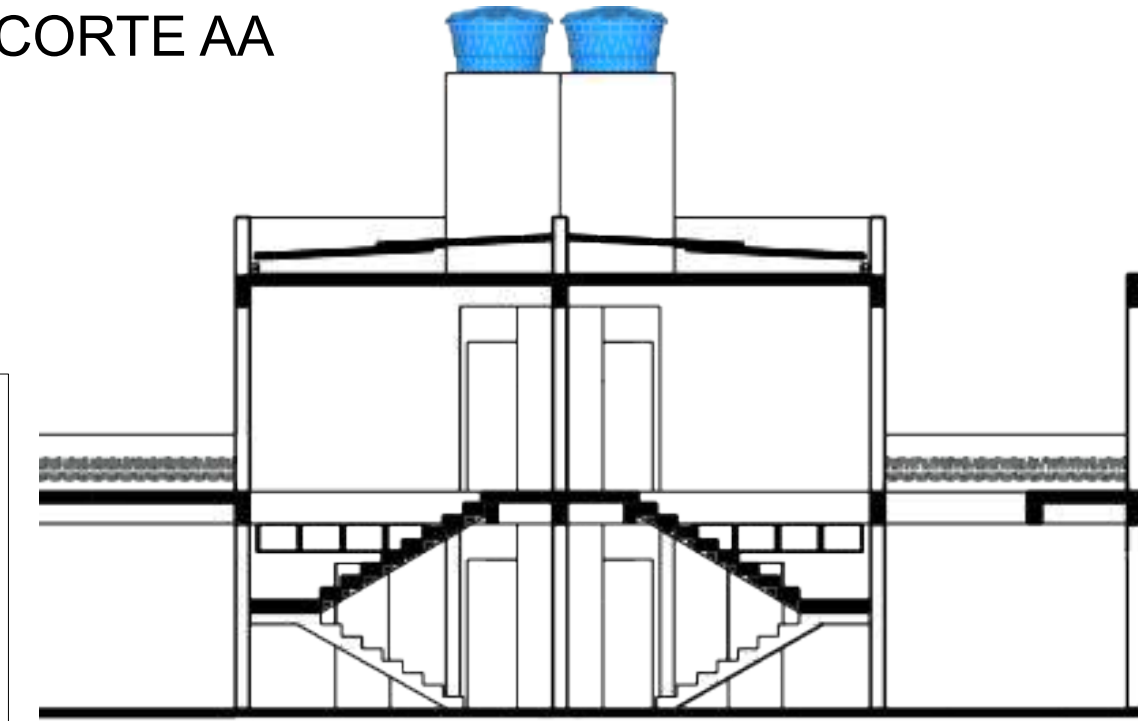
## Unidade 2

- Área inicial: 83,66m<sup>2</sup>

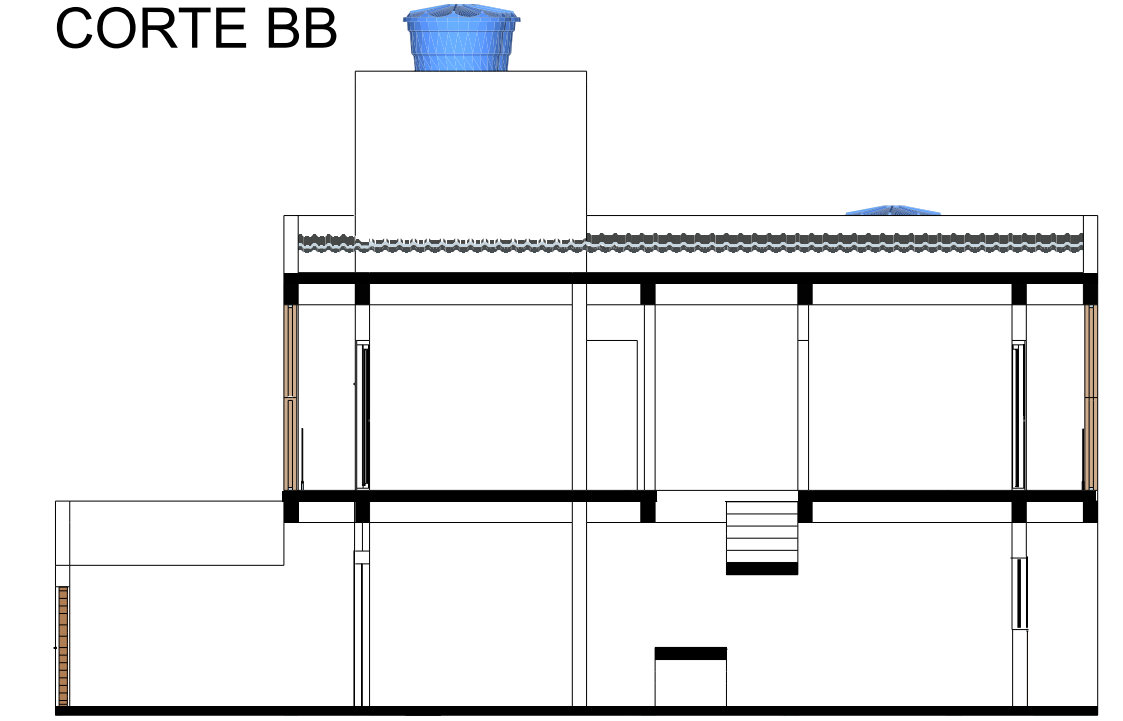
Originalmente uma casa de dois pavimentos com 2 quartos.



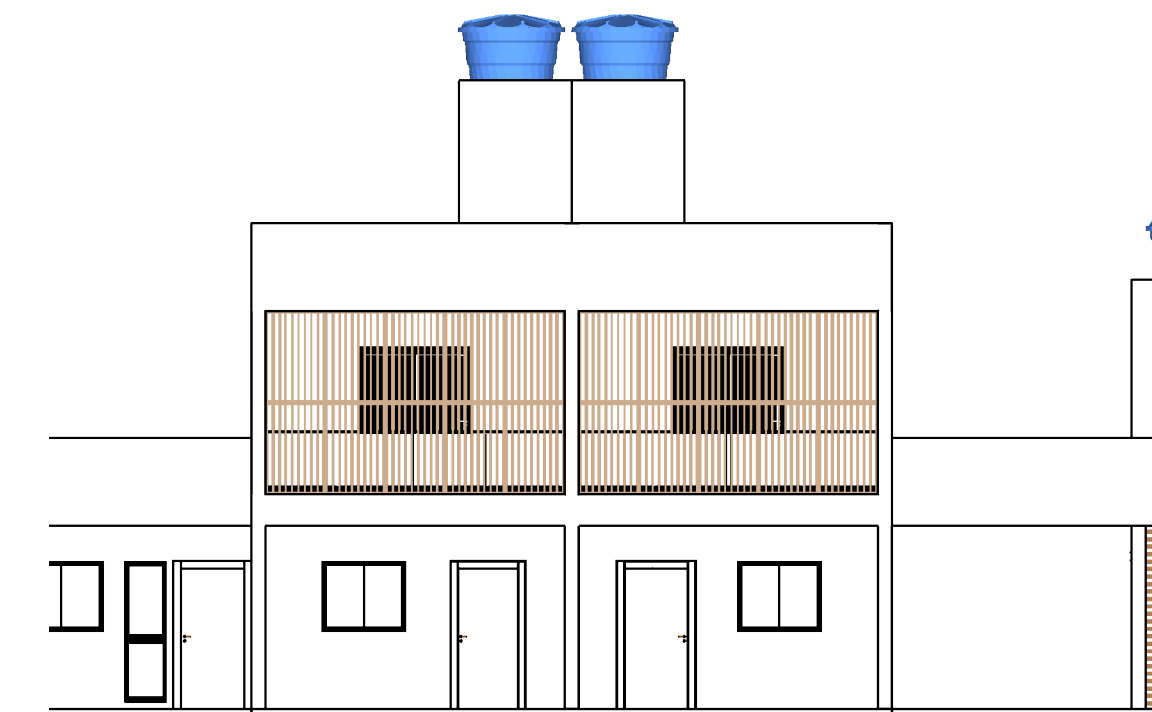
CORTE AA



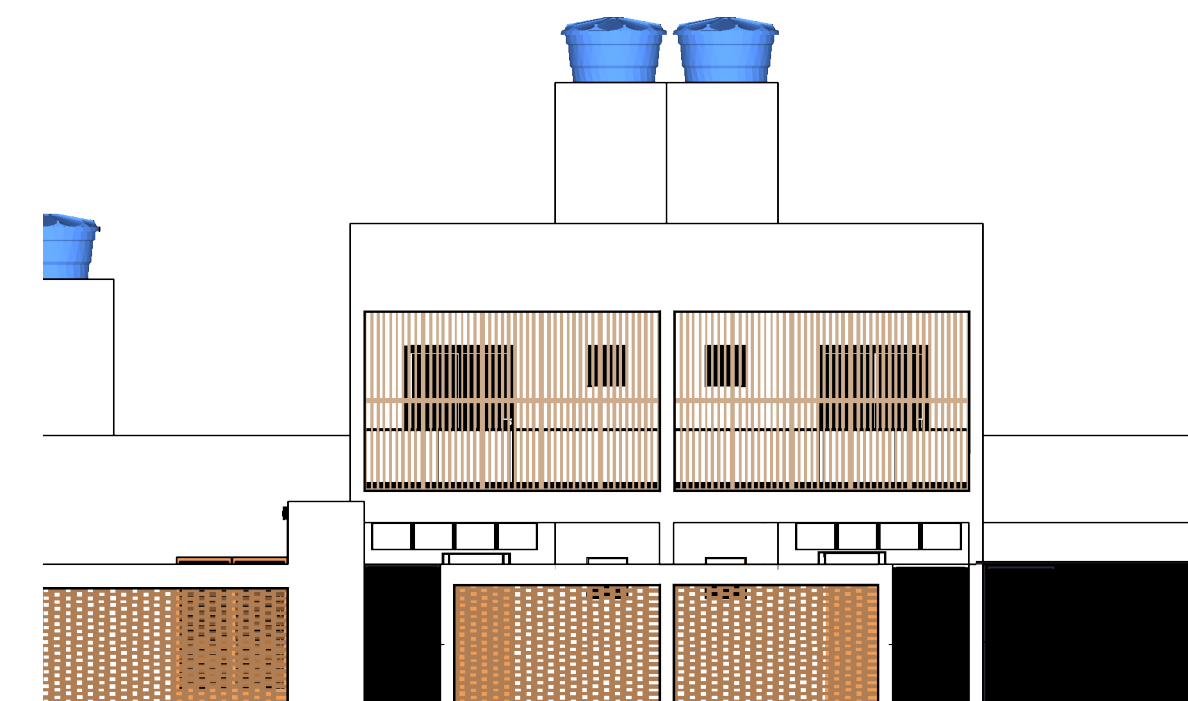
CORTE BB



FACHADA 1

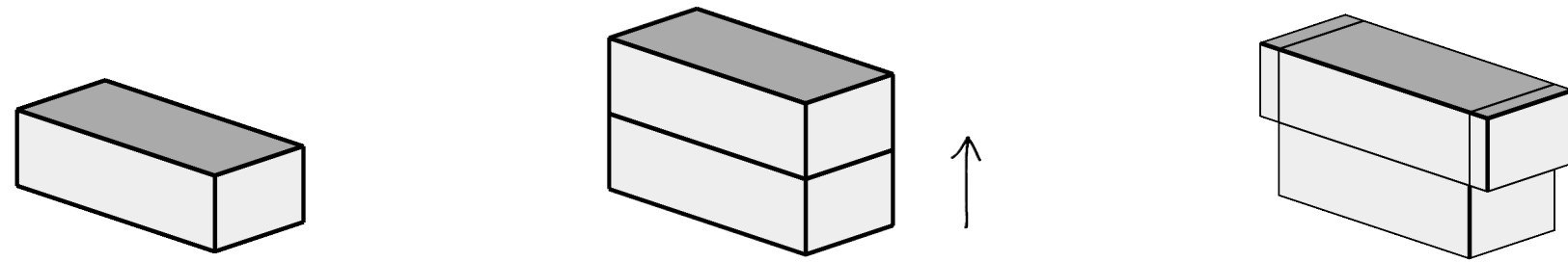


FACHADA 2



# 9. Desenvolvimento do projeto

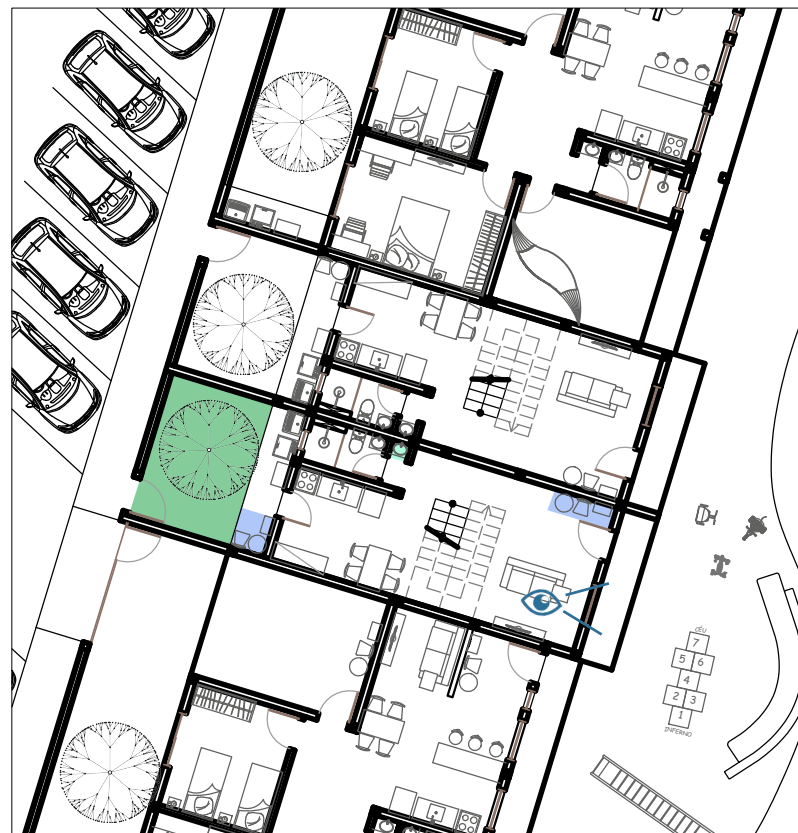
## VOLUMETRIA



## DIRETRIZES

### LEGENDA

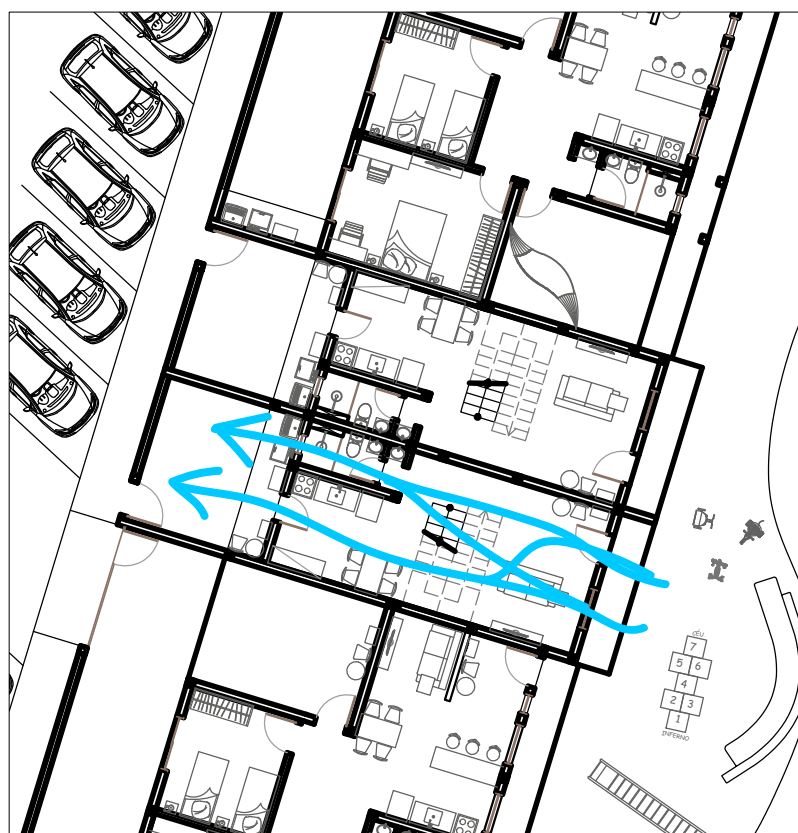
- Visão para os espaços coletivos
- Lavatório externo
- Área de transição
- Área privativa



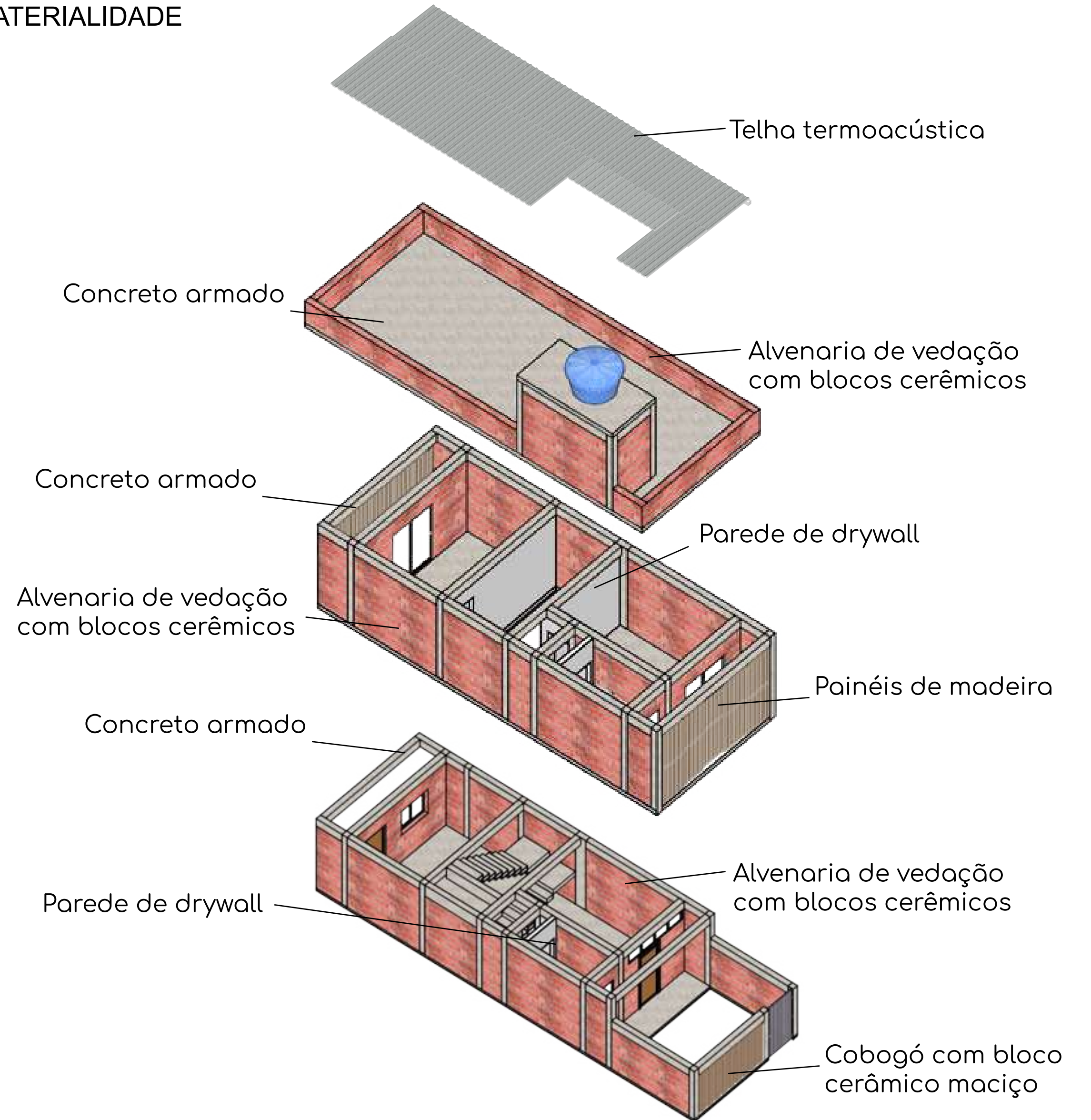
## VENTILAÇÃO

### LEGENDA

- Direção dos ventos

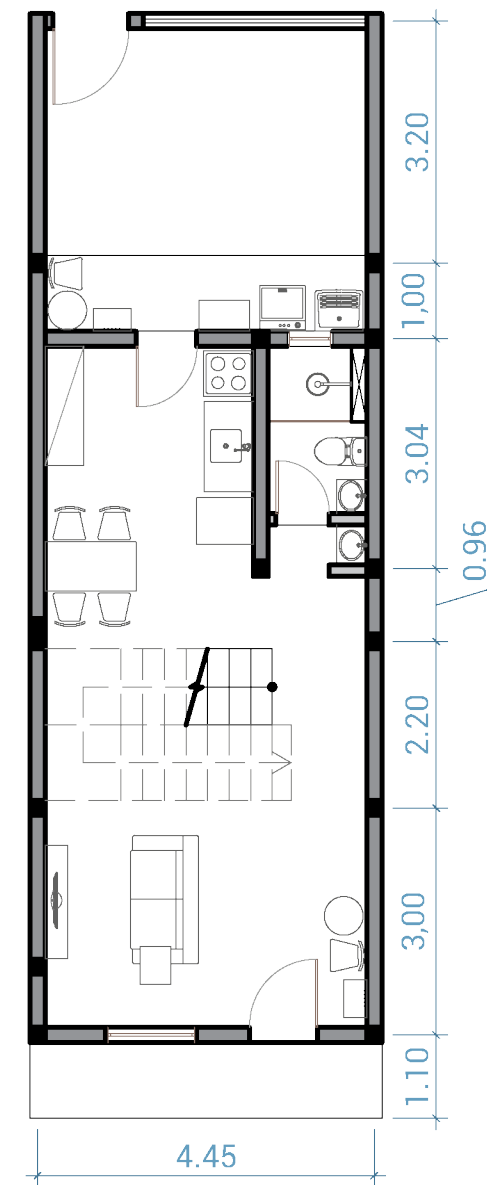


## MATERIALIDADE

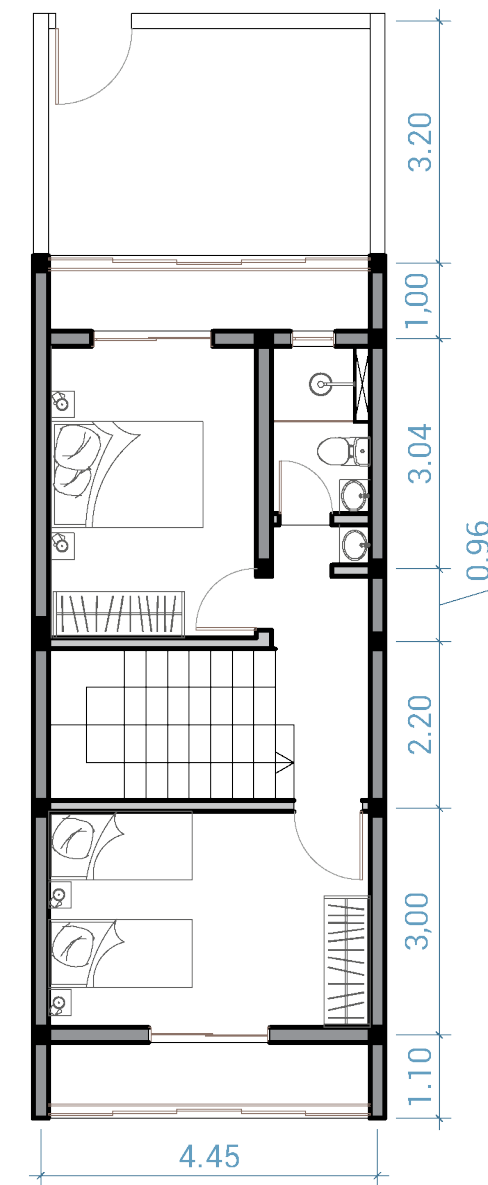


# 9. Desenvolvimento do projeto

## POSSIBILIDADES



TÉRREO  
(ORIGINAL)  
ESCALA 1/100



1º PAV. (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

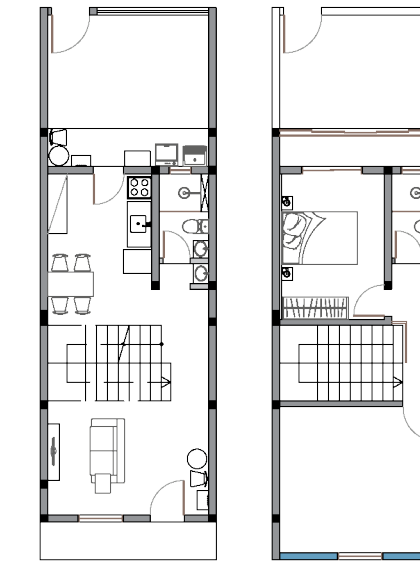
### LEGENDA

Parede existente

Parede nova

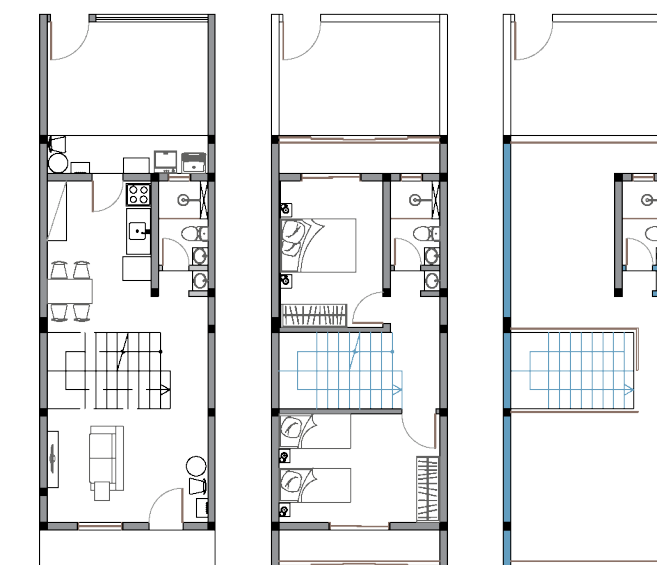
## POSSIBILIDADE 1 - Expansão no 1º pavimento

1.1 - Expansão do  
quarto da fachada 1



TÉRREO 1º PAV.  
ESC. 1/200 ESC. 1/200

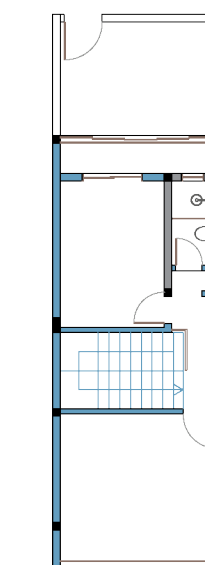
2 - Adição da escada no  
1º Pavimento



TÉRREO 1º PAV. 2º PAV.  
ESC. 1/200 ESC. 1/200 ESC. 1/200

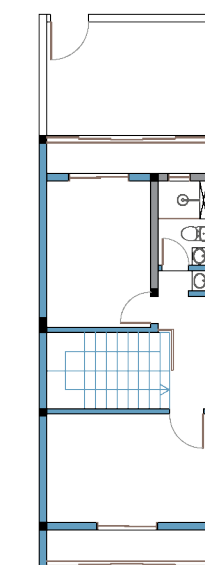
## POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o pavimento 2º Pavimento

2.1 - Adição de 1  
quarto no 2º  
Pavimento



2º PAV.  
ESC. 1/200

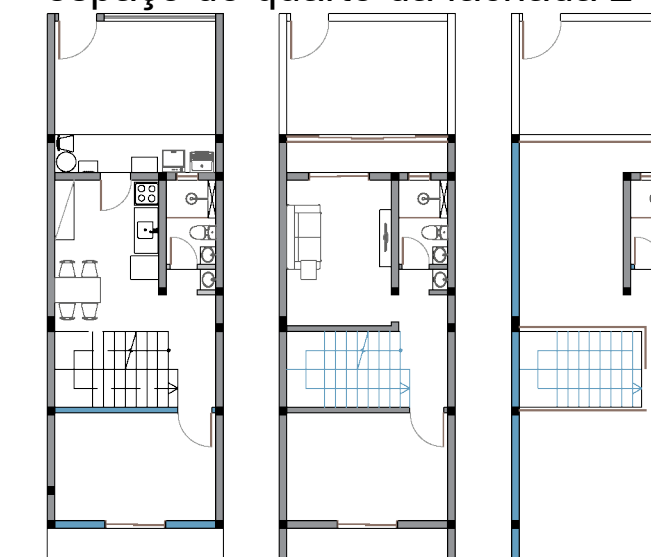
2.2 - Adição de 2  
quartos no 2º  
Pavimento



2º PAV.  
ESC. 1/200

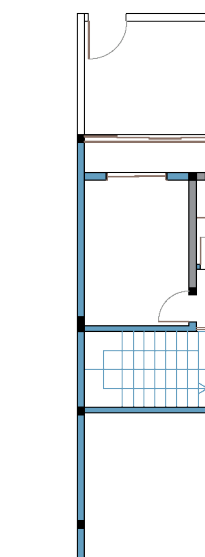
## POSSIBILIDADE 3 - Criação de um espaço de geração de renda no térreo

3 - Utilização do espaço de sala  
no térreo (fachada 1),  
"Transferência" da sala para o  
espaço do quarto da fachada 2



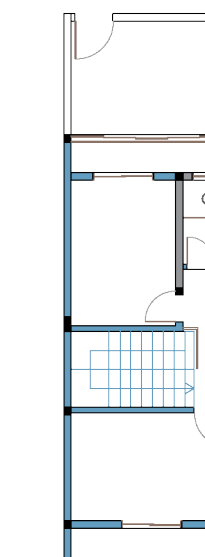
TÉRREO 1º PAV. 2º PAV.  
ESC. 1/200 ESC. 1/200 ESC. 1/200

3.1 - Adição de 1  
quarto no 2º  
Pavimento



2º PAV.  
ESC. 1/200

3.2 - Adição de 2  
quartos no 2º  
Pavimento



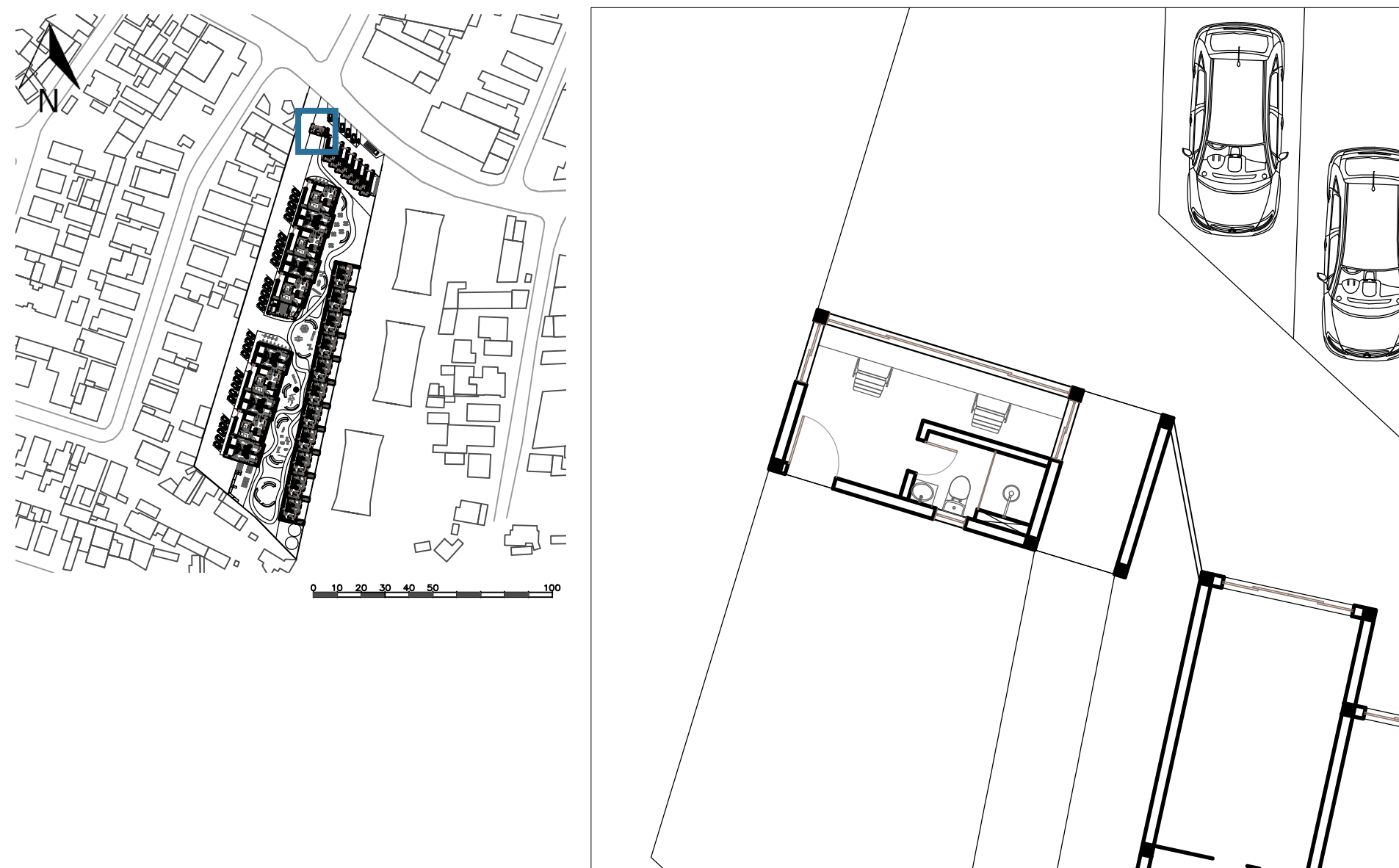
2º PAV.  
ESC. 1/200

2º PAV.  
ESC. 1/200

## 9.3. Desenvolvimento dos espaços administrativos e do comércio

### GUARITA

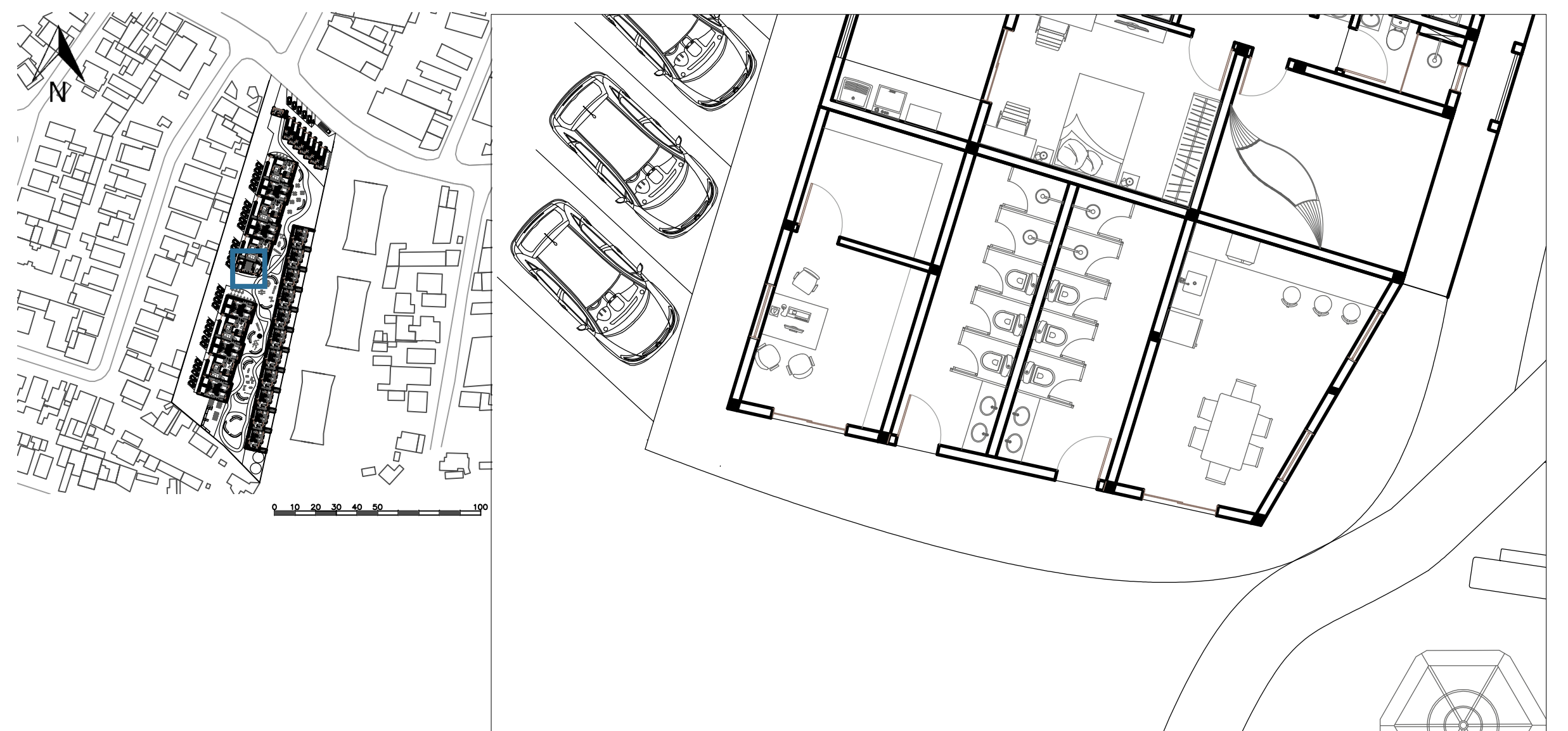
- Área: 15m<sup>2</sup>



ESCALA 1/100

### ADMINISTRAÇÃO, DEPÓSITO, VESTIÁRIO E COPA

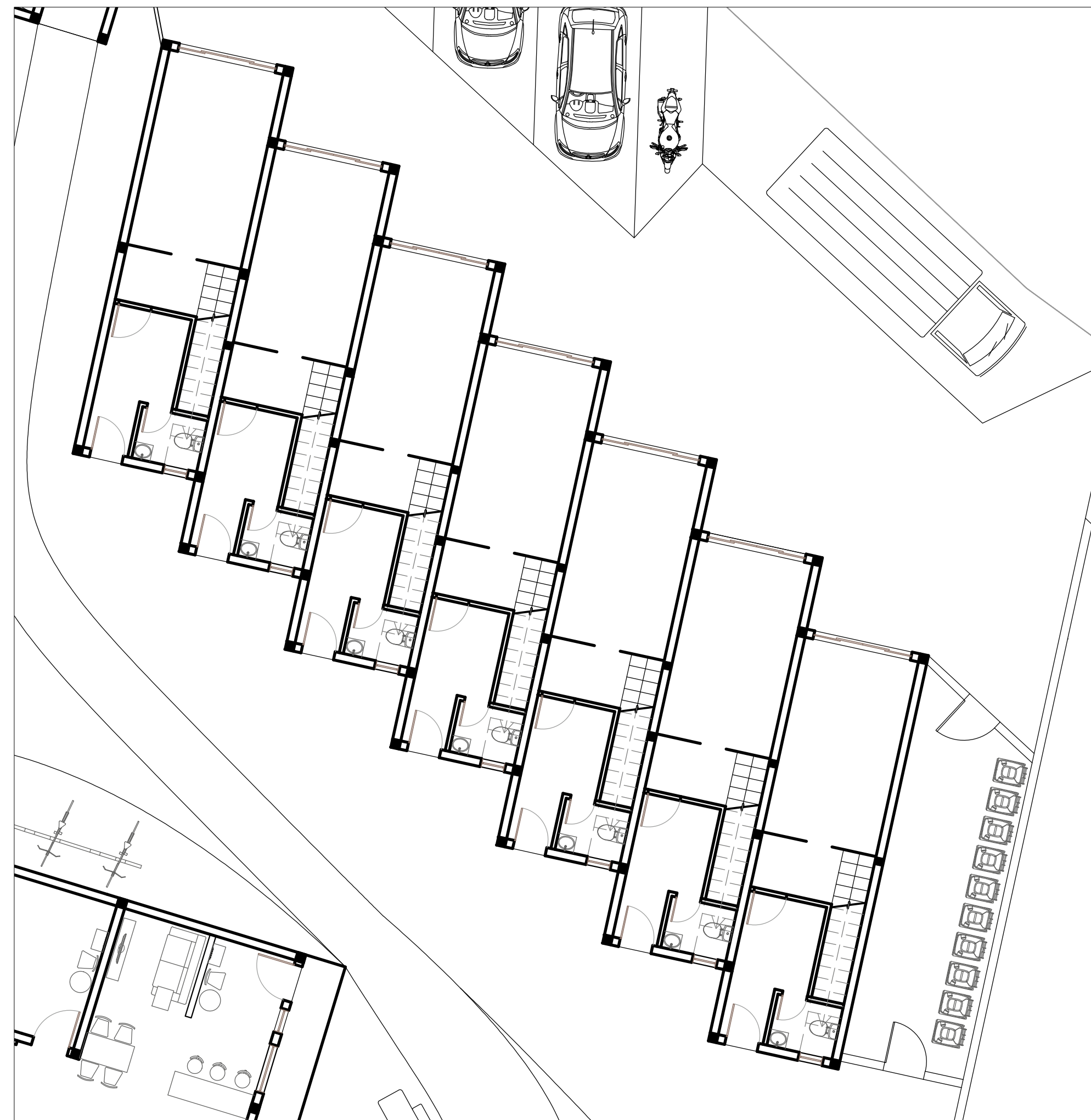
- Área: 73,51m<sup>2</sup>



ESCALA 1/100

## COMÉRCIO

- Área: 287,85m<sup>2</sup>



ESCALA 1/100

## 9.4. Perspectivas do projeto





## 10. Considerações finais

Alguns desafios foram enfrentados durante a realização do trabalho, e o primeiro deles foi a questão dos processos participativos que foram prejudicados devido à Pandemia do COVID-19, ausência de respostas à autora por parte das instituições, além da falta de tempo e recursos.

Outros fatores foram as limitações impostas pelos parâmetros urbanísticos da região, que não foram seguidos, a fim de atender às diretrizes propostas pelo trabalho, principalmente em relação às questões de gênero.

Citando novamente o trecho de Souza (2008):

**O direito à moradia, como tal, não se limita à provisão de unidades habitacionais dentro dos padrões que se têm considerado satisfatórios, mas deve contemplar outros aspectos inerentes às especificidades e necessidades dos seus usuários e às interações desses com o ambiente construído, objetivando a crescente elevação da qualidade de vida. (SOUZA, 2008)**

A autora buscou características qualitativas da habitação como forma de garantia ao direito à moradia e contribuição ao combate do déficit habitacional da cidade de São Gonçalo, e por vezes, foi necessário sacrificar a quantidade de unidades produzidas.

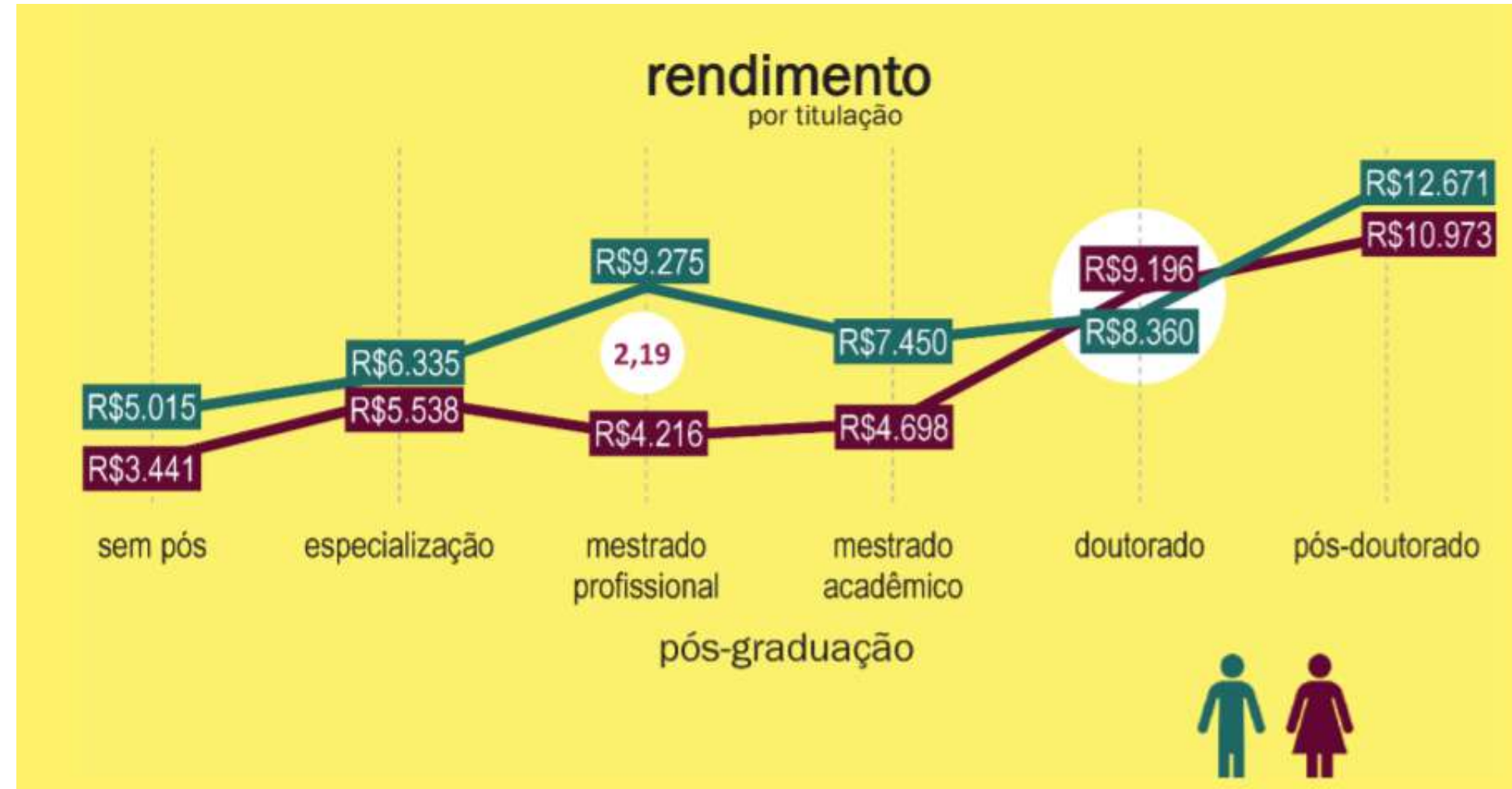
É importante ressaltar também, que segundo o 1º diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, realizado pelo CAU/BR, as arquitetas e urbanistas são em média tão qualificadas quanto os homens, mas têm salários ou rendimentos inferiores (Figura 46). Os números não apresentaram nenhuma diferença substancial na qualificação dos homens e das mulheres, a não ser nos percentuais de profissionais com mestrado profissionalizante (onde o feminino supera o masculino em 85%) e com doutorado (onde o masculino é 56% maior que o feminino).

Além disso, o diagnóstico mostra que 27% das arquitetas negras encontram-se sem emprego (Figura 47), e recebem os salários mais baixos da profissão (Figura 48).

Portanto, que para que haja mudanças na produção habitacional brasileira, além do abrangimento de processos participativos, deve haver a inclusão de diversidade racial, de gênero e social na área profissional da construção civil, pois a partir da representatividade, há maiores possibilidades de compreensão por parte dos profissionais das necessidades dos diferentes tipos de usuários.

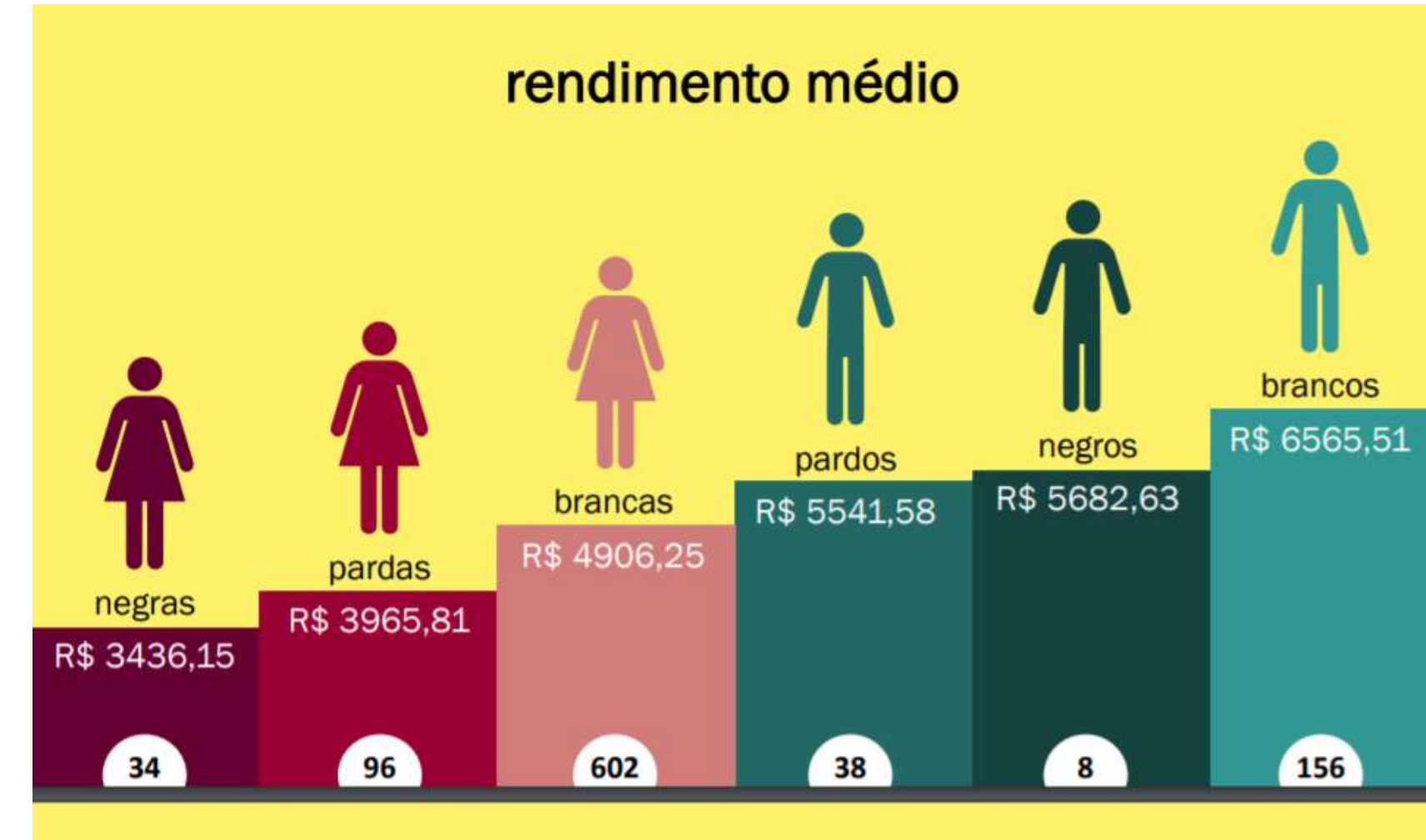


# 10. Considerações finais



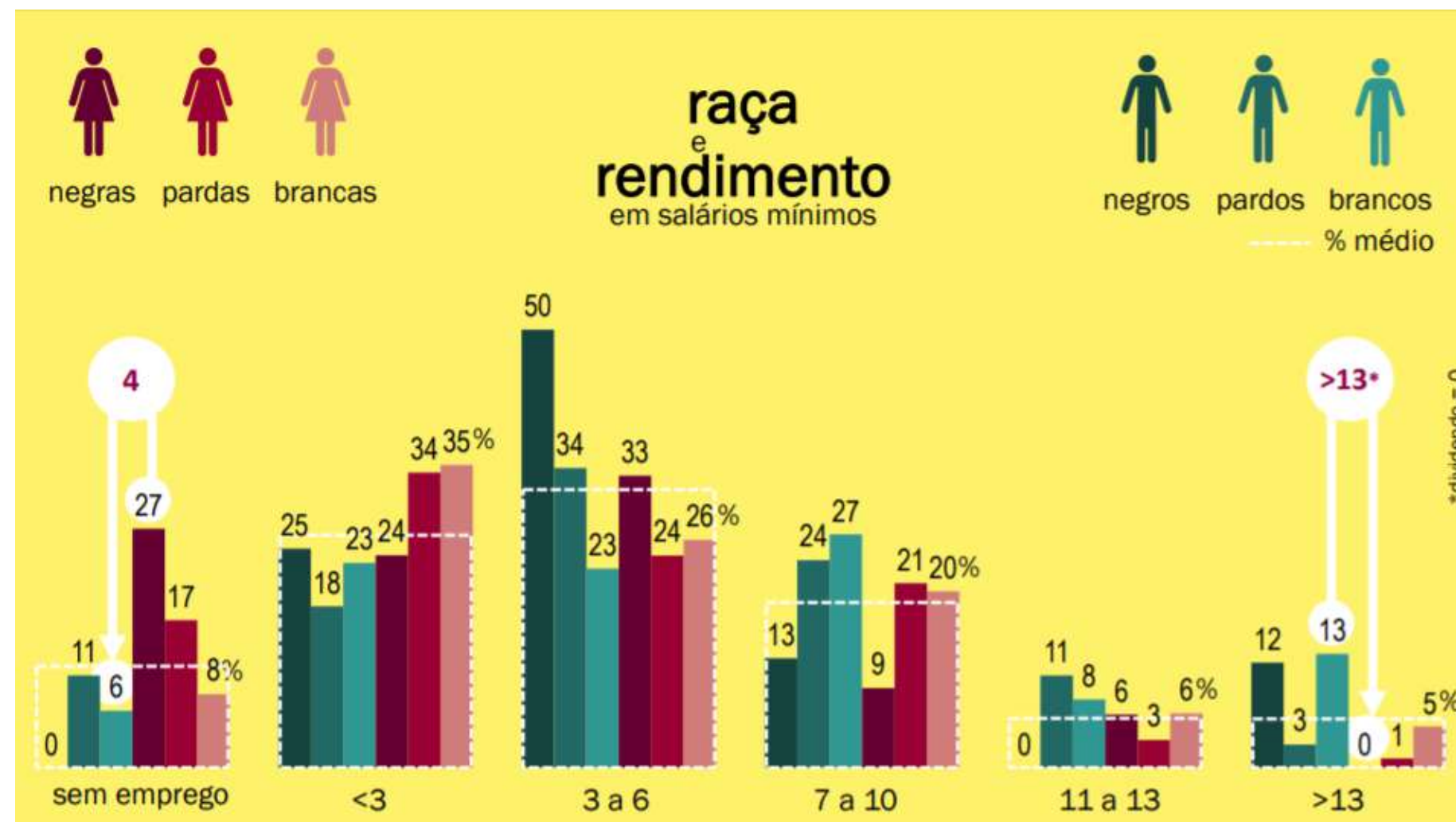
**Figura 46:** Rendimento dos arquitetos por titulação.

Fonte: 1º diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo - CAU/BR




**Figura 48:** Rendimento médio dos arquitetos.

Fonte: 1º diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo - CAU/BR



**Figura 47:** Raça e rendimento dos arquitetos em salários mínimos.

Fonte: 1º diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo - CAU/BR



## 11. Referências bibliográficas

COLLECTIU PUNT 6. Espacios para la vida cotidiana: auditoría de calidad urbana con perspectiva de género. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de Género. 2016. Disponível em: <http://www.punt6.org/wp-content/uploads/2016/08/EspaciosParalaVidaCotidiana.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

COMOLI, Eliane; CANTO, Karen. PANDEMIA IMPACTA MAIS A VIDA DAS MULHERES. 2020. Revista Eletrônica Com Ciência. Disponível em: <https://www.comciencia.br/pandemia-impacta-mais-a-vida-das-mulheres/>. Acesso em: abr. 2021.

CORTES, Agathe. O que a pandemia nos ensina sobre a luta por habitação social digna na América Latina. 2020. El país Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-29/o-que-a-pandemia-nos-ensina-sobre-a-luta-por-habitacao-social-digna-na-america-latina.html>. Acesso em: abr. 2021.

DataSenado. Violência Doméstica Familiar contra a mulher. 2015. Tabela O que leva a mulher a não denunciar uma agressão?. Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/pdf/Relatrio\\_Violncia\\_Mulher\\_v10.pdf](https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/pdf/Relatrio_Violncia_Mulher_v10.pdf). Acesso em: abr. 2021.

DIGIACOMO, Maruzza Carla. Estratégias de projeto para a habilitação social flexível. 2004. 163 f. Dissertação - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FOLZ, Rosana Rita; MARTUCCI, Ricardo. HABITAÇÃO MÍNIMA: discussão do padrão de área mínima aplicado em unidades habitacionais de interesse social. Revista Tópos, [S.L], v. 1, n. 1, p. 23-40. 2007.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência doméstica durante a Pandemia de COVID-19 - Ed. 2. 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: abr 2021.

GAMRANI, Sarah; TRIBOUILLARD, Clementine. Gênero e Cidades: guia prático e interseccional para cidades mais inclusivas. [S.L.]: Banco Internacional de Desenvolvimento, 2021.

# 11. Referências bibliográficas

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. [S.L.]: Perspectiva, 2013. 280 p.

GÊNERO E NÚMERO, ONG; SEMPREVIVA, ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. [S.L.]: Desconhecida, 2020. 54 p.

GOVERNO FEDERAL. Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/denuncias-registradas-pelo-ligue-180-aumentam-nos-quatro-primeiros-meses-de-2020>. Acesso em: abr 2021

HABITAÇÃO SOCIAL - PROJETOS DE UM BRASIL. Direção de André Manfrim. [S.L.]: Pique-Bandeira Filmes, 2019. Son., color.

HELENE, Diana. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. Cadernos Metrópole, [S.L.], v. 21, n. 46, p. 951-974, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4612>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatística de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>. Acesso em: abr. 2021.

IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 2009. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/retrato/infograficos\\_chefia\\_familia.html](https://www.ipea.gov.br/retrato/infograficos_chefia_familia.html). Acesso em: ago. 2021.

ITIKAWA, L. (2015). Mulheres na periferia do urbanismo - Informalidade subordinada, autonomia desarticulada e resistência em Mumbai, São Paulo e Durban. Buenos Aires, Clacso, Ideas, Codesria.

JENCKS, Charles. Theories and Manifestoes of Contemporary Architecture. [S.L.]: Karl Kropf, 1997. 384 p.

JIA, Bei Si. “ To Achieve Adaptability With Simplicity of Design: A Practical Experience of

Adaptable Housing in Switzerland”.1998 Publicado em Hong Kong Papers in Design and Development, Vol.1.Disponível em: <http://arch.hku.hk/jia/jia/pswiss.html>. Acesso: ago. 2021.

LAMOUNIER , Rosamônica da Fonseca. Da auto construção à arquitetura aberta: o Open Building no Brasil. Orientador: Dra. Denise Morado Nascimento. 2017. Tese (Doutorado) -Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MASCARÓ, Juan Luis. O custo das decisões arquitetônicas: como explorar boas idéias com orçamento limitado. 2 ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

OKIN, S. M. (2008). Gênero, o público e o privado. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 16, n. 2.

OLIVEIRA, Natália Coelho de. O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA EM SÃO GONÇALO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: um estudo de caso do conjunto bela vida i. 2013. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Planejamento em Política e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Nova Agenda Urbana. Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III). Sessão 71°, 68° encontro. Quito , 2017.

PECLY, Maria Lucia V. Desenho Urbano Vital: ESCALAS DE ASSOCIAÇÃO NO PROJETO DA HABITAÇÃO SOCIAL. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Urbanismo) PROURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PERIAÑEZ, Manuel. L’Habitat Évolutif: du mythe aux réalités. du Mythe aux Réalités. 2013. Disponível em: <http://mpzga.free.fr/habevol/evolutif2013.html>. Acesso em: ago. 2021.

PINTO, Celi Regina Jardim. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PLATAFORMA, Sienge. Enedina Alves Marques, a primeira engenheira negra do Brasil. [S.d.].

## 11. Referências bibliográficas

Disponível em: <https://www.sience.com.br/blog/enedina-alves-marques/>. Acesso em: ago. 2021.

PRATES, Moira. ENEDINA ALVES MARQUES: a primeira engenheira negra do brasil. A PRIMEIRA ENGENHEIRA NEGRA DO BRASIL. 2021. Disponível em: <http://www.peteletrica.eng.ufba.br/2017/enedina-alves-marques-a-primeira-engenheira-negra-do-brasil/>. Acesso em: ago. 2021.

RAUL, J. (2015). Mulheres negras, movimentos sociais e direito à cidade: uma perspectiva para as políticas públicas. e-metropolis: Revista eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais, v. 1, pp. 46-53.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. O projeto da habitação de interesse social e a sustentabilidade social. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 3., 2010, Porto Alegre. Ambiente construído. Porto Alegre: Ufrs, 2010. v. 10, p. 99-119.

SALES, Alessandra do Amaral; TORRES, Iraídes Caldas. MULHERES NA LUTA POR MORADIA: um olhar sustentável sobre a atuação do movimento orquídeas. In: REDOR, 18., 2014, Recife. Perspectivas Feministas de Gênero; Desafios no Campo da Militância e das Práticas. Recife: Desconhecida, 2014. p. 1888-1900.

SALLES, Ohana Thais Oliveira de. O programa “Minha Casa, Minha Vida”: estruturação e gestão no município de São Gonçalo / Ohana Thais Oliveira de Salles. – Niterói, 2017.

SANTANA, Jorge Luiz. ENEDINA ALVES MARQUES: a trajetória da primeira engenheira do sul do país na Faculdade de Engenharia do Paraná (1940-1945). Revista Vernáculo, [S.L], v. 2, n. 28, p. 42-75, 2011.

SANTORO, Paula Freire. Gênero e planejamento territorial: uma aproximação. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, Minas Gerais: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008. p. 1-16.

SAUGO, Andréia; MARTINS, Marcele Salles. A SUSTENTABILIDADE SOCIAL E OS NOVOS PROJETOS DE EMPREENDIMENTOS HABITACIONAIS. In: OCULUM ENSAIOS, 16., 2012,

Campinas. Oculum ensaios. Campinas: Puc Campinas, 2012. v. 18, p. 102-115.

SERAFIM, Andrea Bier. Sustentabilidade social ou simplesmente pensar coletivamente. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/giro-sustentavel/sustentabilidade-social-ou-simplesmente-pensar-coletivamente/>. Acesso em: maio 2021.

SETRERJ - SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. . Sistema metropolitano de transporte público modal rodoviário Programa de Racionalização: Projeto Ligação Niterói - São Gonçalo: vias urbanas. São Gonçalo, 2001.

SICHE, Raúl et al. ÍNDICES VERSUS INDICADORES: PRECISÕES CONCEITUAIS NA DISCUSSÃO DA SUSTENTABILIDADE DE PAÍSES: precisões conceituais na discussão da sustentabilidade de países. In: AMBIENTE E SOCIEDADE, 2., 2007, Campinas. Ambiente e sociedade. Campinas: Unicamp, 2007. v. 10, p. 137-148.

SOUZA, Ubiratan da Silva Ribeiro de. Arquitetura e direitos humanos: O Desenho universal na promoção do direito à moradia. Orientador: Mauro Santos. 2008. Tese (Doutorado em Ciências em Arquitetura) - FAU - UFRJ, Rio de Janeiro - RJ, 2008.

TOZZI, Giovanna Furlan. Mulheres e a luta por moradia: trajetórias de empoderamento e autonomia na experiência do MST-leste 1. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/952841/mulheres-e-a-luta-por-moradia-trajetorias-de-empoderamento-e-autonomia-na-experiencia-do-mst-leste-1>. Acesso em: abr 2021.

ZERBINATO, Isabel Mayumi Garcia; AVELAR, Laura Melo; GONÇALVES, Raquel Garcia. O Protagonismo Feminino nos Movimentos Sociais de Moradia. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA, INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 5., 2020, Belo Horizonte. VIII Semana da responsabilidade social e extensão universitária. Belo Horizonte: Ufmg, 2020. p. 135-150.



## 12. Anexos

A seguir, encontra-se o anexo da Avaliação Urbana para a avaliação dos 3 terrenos do Item 6.2, retirado do Guia “Espacios para la vida cotidiana - Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de Género” do Col.lectiu Punt 6.



PROXIMIDAD

## Proximidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la distribución y las conexiones de los diferentes usos (espacios de relación, equipamientos y comercios) permiten realizar las actividades de la vida cotidiana priorizando los recorridos peatonales y el transporte público.

### Distribución y distancia a pie entre los diferentes usos

**BRC. 1** Distribución de espacios de relación a **escala de vecindario** que permitan el acceso en un **radio máximo de 300 m a pie con recorrido accesible**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio <b>2</b>	No hay espacios de relación a escala de vecindario con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	--	--

**BRC. 2** Distribución de los espacios de relación a **escala de barrio** que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio <b>2</b>	No hay espacios de relación a escala de barrio con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	--	--

**BRC. 3** Distribución de los espacios de relación a **escala suprabarrrial** que permitan el acceso en un **radio máximo de 20 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio <b>3</b>	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay espacios de relación a escala suprabarrrial con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	---	--

**BRC. 4** Distribución de los **comercios cotidianos** que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio <b>5</b>	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay comercios cotidianos con acceso a pie desde el barrio 1
---	--------------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 5** Distribución de **comercios variados** que permitan el acceso en un **radio máximo de 20 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio <b>4</b>	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay comercios variados con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	---	--------------------------------	---	---

**BRC. 6** Distribución de los equipamientos cotidianos que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad** desde todo el barrio

A todos los equipamientos 5	A la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	A la mitad o a la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud <b>3</b>	A menos de la mitad 2	No hay equipamientos cotidianos con acceso a pie desde el barrio 1
--------------------------------	--	---	--------------------------	---

**BRC. 7** Distribución de los equipamientos cotidianos que permitan el acceso entre ellos en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Entre todos los equipamientos 5	Entre la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	Entre la mitad o entre la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud <b>3</b>	Entre menos de la mitad 2	Los equipamientos cotidianos no tienen una distribución próxima entre sí 1
------------------------------------	--	---	------------------------------	---

**BRC. 8** Distribución de los espacios de relación del barrio en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad** en relación con un equipamiento cotidiano

Todos los espacios de relación 5	La mayoría de los espacios de relación incluyendo jardín de infancia y escuela primaria y personas mayores 4	La mitad o la mayoría de los espacios de relación sin jardín de infancia y escuela primaria y personas mayores 3	Menos de la mitad de los espacios de relación <b>2</b>	Los espacios de relación no tienen una distribución próxima a los equipamientos cotidianos 1
-------------------------------------	---	---	---	---

**BRC. 9** Distribución de las paradas del transporte público en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio <b>5</b>	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay paradas que cumplan esta condición 1
---	--------------------------------------	--------------------------------	---	--

### Conectividad urbana

**BRC. 10** Calles de la red cotidiana sin **condiciones urbanas que dificulten la conectividad a pie**

Todas las calles sin estas condiciones 5	Existen algunas calles con estas condiciones <b>3</b>	La mayoría de calles tienen estas condiciones 1
---	--	--

### Conexión del transporte público

**BRC. 11** El transporte público del barrio conecta con los equipamientos cotidianos que quedan fuera del radio de 10 min a pie, quedando las paradas a un máximo de 5 min a pie del equipamiento

Con todos 5	Con la mayoría <b>4</b>	Con la mitad 3	Con menos de la mitad 2	El transporte público no cumple esta condición 1
----------------	----------------------------	-------------------	----------------------------	---

TOTAL:  $36 \div 11 = 3,27$

Muy alto 5	Alto 4	<b>Medio 3</b>	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	-----------	--------------------	-----------	---------------



DIVERSIDAD

### Diversidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la variedad y mezcla de usos, actividades y modalidades de desplazamiento permiten a las personas con características distintas resolver sus necesidades.

#### Variedad de usos en la red cotidiana

**BRC. 1** Red cotidiana con los **equipamientos cotidianos** considerados básicos, según el perfil de la población del barrio

Dispone de todos los necesarios 5	De la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	De la mitad o de la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 3	De menos de la mitad 2	El barrio no dispone de una red cotidiana con los equipamientos cotidianos necesarios 1
--------------------------------------	---	--	---------------------------	--

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con **comercio variado**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay comercio variado en la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

#### Variedad de usos y de personas en el barrio

**BRC. 3** Tejido urbano del barrio donde se mezclen las viviendas con algún otro uso (equipamientos, comercios, pequeños talleres, oficinas, etc.)

En todas las manzanas 5	En la mayoría de las manzanas 4	En la mitad de las manzanas 3	En menos de la mitad de las manzanas 2	Tejido urbano del barrio sin mezcla de usos 1
----------------------------	------------------------------------	----------------------------------	---	--

**BRC. 4** Distribución homogénea de la población según distintos perfiles en el barrio

Distribución homogénea en todo el barrio 5	Existe un sector minoritario del barrio donde se concentra un perfil específico de población 3	Todo el barrio se divide en sectores según el perfil de la población 1
---	---	---

**BRC. 5** Espacios de relación del barrio con presencia de **diferentes personas**

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad o en la mayoría pero donde no se da es porque se trata de un espacio monopolizado 3	En menos de la mitad 2	Los espacios de relación del barrio no son utilizados por diferentes personas 1
---------------	--------------------	--	---------------------------	--

**BRC. 6** Barrio con **comercio cotidiano**

Varios por tipo de producto y dentro de la red cotidiana 5	Varios por tipo de producto y como mínimo uno de cada tipo dentro de la red cotidiana 4	Varios por tipo de producto pero fuera de la red cotidiana 3	Solo existe uno por tipo de producto 2	No existen comercios cotidianos en el barrio 1
---	--	---	---	---

#### Diferentes opciones de desplazamiento

**BRC. 7** Red cotidiana con calles que permitan la convivencia de **diferentes opciones de desplazamientos**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Las calles de la red cotidiana no permiten esta convivencia 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 8** **Horarios variados del transporte público** que pasa por el barrio

Durante todo el día y servicio nocturno todos los días de la semana 5	Durante todo el día y servicio nocturno excepto fin de semana o festivos 4	Durante todo el día sin servicio nocturno todos los días de la semana 3	Durante todo el día sin servicio nocturno excepto fin de semana o festivos 2	Los horarios del transporte no son variados 1
--	---	--	---	--

**BRC. 9** Bolsa de **aparcamiento público** que permita acceder al barrio

Existe bolsa de aparcamiento público en el barrio 5	No existe bolsa de aparcamiento público en el barrio 1
--	---

#### Disponibilidad de espacio para organizar actividades en el barrio

**BRC. 10** Sala donde sea posible reunirse y organizar actividades variadas relacionadas con la comunidad

Existe el espacio y puede utilizarlo toda la comunidad 5	No existe este tipo de espacio o sí existe pero se encuentra monopolizado por algún grupo 1
---	--

#### Imágenes discriminatorias

**BRC. 11** **Imágenes discriminatorias** en función del género, sexo, edad y origen en el barrio

No existen imágenes discriminatorias 5	Existen imágenes discriminatorias 1
---	--

TOTAL:  $38 \div 11 = 3,45$

Muy alto 5	Alto 4	Medio 3	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	-----------	------------	-----------	---------------



AUTONOMÍA

### Autonomía en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si las calles, las paradas de autobús y los espacios de relación permiten ser utilizados de manera independiente y con percepción de seguridad.

#### Condiciones para el uso peatonal en las calles de la red cotidiana

**BRC. 1** Calles de la red cotidiana con **prioridad peatonal**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Calles de la red sin prioridad peatonal 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con **bancos para el descanso**

En todas las calles a una distancia máxima de 50 m entre ellos 5	En la mayoría de las calles a una distancia máxima de 50 m o en todas pero a 100 m 3	No hay bancos que permitan el descanso en la red cotidiana 1
---	---	---

**BRC. 3** Calles de la red cotidiana con **iluminación peatonal continua**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 3	La iluminación de la red no cumple con esta condición 1
--------------------------	----------------------------------	--

**BRC. 4** Calles de la red cotidiana sin **elementos físicos que generen percepción de inseguridad**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 3	Existen elementos que generan percepción de inseguridad en las calles de la red 1
--------------------------	----------------------------------	--

#### Accesibilidad en las calles del barrio

**BRC. 5** Calles accesibles del barrio

Todas las calles 5	La mayoría de las calles 4	La mitad de las calles 3	Menos de la mitad de las calles 2	Las calles del barrio no son accesibles 1
-----------------------	-------------------------------	-----------------------------	--------------------------------------	--

#### Información y señalización en la red cotidiana

**BRC. 6** Calles de la red cotidiana con **información para ubicarse**

Existe información 5	Existe información pero no es completa 3	No existe información sobre la red cotidiana 1
-------------------------	---	---

**BRC. 7** Calles de la red cotidiana con señalización de **puntos de emergencia** donde se pueda acudir en caso de incidente

Existe señalización 5	No existe este tipo de señalización 1
--------------------------	--

#### Ubicación y condiciones de las paradas de autobús

**BRC. 8** Paradas de transporte público del barrio ubicadas en entornos con **visibilidad**

Todas las paradas 5	La mayoría de las paradas 4	La mitad de las paradas 3	Menos de la mitad de las paradas 2	Las paradas del transporte público del barrio están ubicadas en entornos sin visibilidad 1
------------------------	--------------------------------	------------------------------	---------------------------------------	---

**BRC. 9** Paradas seguras y accesibles del transporte público del barrio

Todas las paradas 5	La mayoría de las paradas 4	La mitad de las paradas 3	Menos de la mitad de las paradas 2	Las paradas del transporte público no son seguras ni accesibles 1
------------------------	--------------------------------	------------------------------	---------------------------------------	--

#### Percepción y autonomía de las personas en el barrio

**BRC. 10** En el conjunto de espacios de relación del barrio, presencia de infantes, personas mayores, con diversidad funcional y mujeres solas

Presencia de todas estas personas 5	Presencia de la mayoría de estas personas 3	Presencia de solo la mitad de estas personas 1
--	--	---

**BRC. 11** Percepción de **seguridad** en el barrio

Percepción de seguridad en todo el barrio 5	Percepción de inseguridad en algún punto del barrio 1
--	--

TOTAL:  $20 \div 11 = 1,81$  → Muy alto 5 | Alto 4 | Medio 3 | **Bajo 2** | Muy bajo 1





VITALIDAD

### Vitalidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la configuración y la actividad de las calles permiten la simultaneidad y continuidad de usos.

#### Diseño de las calles de la red cotidiana

**BRC. 1** Calles de la red cotidiana con espacios y mobiliario que permitan a las personas llevar a cabo actividades de relación, estancia, reunión o juegos y no solo el desplazamiento

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay espacios que permitan otras actividades en las calles de la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con plantas bajas abiertas al espacio público

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Calles con plantas bajas que aíslan el espacio público 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

#### Usos y actividades de las calles de la red cotidiana

**BRC. 3** Concentración de usos públicos como comercios, equipamientos u otros que generen simultaneidad de actividades en el barrio

Existe concentración de usos públicos en el barrio que generan simultaneidad 5	No existe concentración de usos públicos en el barrio 1
---	--

**BRC. 4** Calles de la red cotidiana con continuidad de actividades durante el día

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay continuidad de actividades en las calles de la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 5** Actividades itinerantes que dinamicen las calles dentro del barrio (bibliobús, punto limpio, mercados, fiestas, etc.)

Existen actividades itinerantes que dinamizan el barrio de forma regular 5	Existen actividades itinerantes que dinamizan el barrio de forma esporádica 3	No existen actividades itinerantes que dinamicen el barrio 1
---	--	---

#### Relación de equipamientos y espacios de relación con la calle

**BRC. 6** Equipamientos de la red cotidiana con espacio intermedio que genere actividad hacia la calle

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad 3	En menos de la mitad 2	Los equipamientos no tienen espacio intermedio hacia la calle 1
---------------	--------------------	------------------	---------------------------	--

**BRC. 7** Espacios de relación del barrio con perímetro abierto hacia la calle de forma que se integre con sus actividades

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad 3	En menos de la mitad 2	Espacios de relación con perímetro que lo aísla de la calle 1
---------------	--------------------	------------------	---------------------------	--

#### Cuidado del paisaje urbano en el barrio

**BRC. 8** Cuidado del paisaje urbano en las calles del barrio

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay cuidado del paisaje urbano en las calles del barrio 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

TOTAL:  $33 \div 8 = 2,87$

Muy alto 5 | Alto 4 | Medio 3 | Bajo 2 | Muy bajo 1



REPRESENTATIVIDAD

## Representatividad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar el reconocimiento, la equidad y la participación de la comunidad en el espacio público y en los equipamientos.

### Reconocimiento de la memoria de la comunidad

**BRC. 1** Espacios o elementos que mantengan la memoria de la comunidad como patrimonio social y cultural del barrio

Existencia de espacios o elementos que mantienen la memoria de la comunidad  
5

No existen espacios o elementos que mantengan la memoria de la comunidad  
1

### Equidad en el nomenclador

**BRC. 2** Equidad entre mujeres y hombres en los nombres de calles, plazas, parques y equipamientos el barrio

Repartidos equitativamente en todo el nomenclador o no son nombres sexistas  
5

Repartidos equitativamente en el 75 % del nomenclador  
4

Repartidos equitativamente en el 50 % del nomenclador  
3

No es equitativo pero se ha comenzado a trabajar para cambiarlo  
2

No existe equidad en el nomenclador ni se ha comenzado a trabajar para cambiarlo  
1

### Participación de las personas

**BRC. 3** Participación de la comunidad en la toma de decisiones urbanas del barrio

Existen canales de participación de la comunidad vinculados a todas las decisiones urbanas  
5

Existen canales de participación de la comunidad vinculados a algunas de las decisiones urbanas  
3

No existen canales de participación de la comunidad vinculados a las decisiones urbanas  
1

TOTAL:  $3 \div 3 = 1$



Muy alto  
5

Alto  
4

Medio  
3

Bajo  
2

Muy bajo  
1



## PROXIMIDAD

### Proximidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la distribución y las conexiones de los diferentes usos (espacios de relación, equipamientos y comercios) permiten realizar las actividades de la vida cotidiana priorizando los recorridos peatonales y el transporte público.

#### Distribución y distancia a pie entre los diferentes usos

**BRC. 1** Distribución de espacios de relación a **escala de vecindario** que permitan el acceso en un **radio máximo de 300 m a pie con recorrido accesible**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay espacios de relación a escala de vecindario con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 2** Distribución de los espacios de relación a **escala de barrio** que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay espacios de relación a escala de barrio con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 3** Distribución de los espacios de relación a **escala suprabarrial** que permitan el acceso en un **radio máximo de 20 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay espacios de relación a escala suprabarrial con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 4** Distribución de los **comercios cotidianos** que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay comercios cotidianos con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 5** Distribución de **comercios variados** que permitan el acceso en un **radio máximo de 20 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay comercios variados con acceso a pie desde el barrio 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 6** Distribución de los equipamientos cotidianos que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad** desde todo el barrio

A todos los equipamientos 5	A la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	A la mitad o a la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 3	A menos de la mitad 2	No hay equipamientos cotidianos con acceso a pie desde el barrio 1
--------------------------------	--	--	--------------------------	---

**BRC. 7** Distribución de los equipamientos cotidianos que permitan el acceso entre ellos en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Entre todos los equipamientos 5	Entre la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	Entre la mitad o entre la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 3	Entre menos de la mitad 2	Los equipamientos cotidianos no tienen una distribución próxima entre sí 1
------------------------------------	--	--	------------------------------	---

**BRC. 8** Distribución de los espacios de relación del barrio en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad** en relación con un equipamiento cotidiano

Todos los espacios de relación 5	La mayoría de los espacios de relación incluyendo jardín de infancia y escuela primaria y personas mayores 4	La mitad o la mayoría de los espacios de relación sin jardín de infancia y escuela primaria y personas mayores 3	Menos de la mitad de los espacios de relación 2	Los espacios de relación no tienen una distribución próxima a los equipamientos cotidianos 1
-------------------------------------	---	---	--	---

**BRC. 9** Distribución de las paradas del transporte público en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio 5	Desde la mayor parte del barrio 4	Desde la mitad del barrio 3	Desde menos de la mitad del barrio 2	No hay paradas que cumplan esta condición 1
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---	--

#### Conectividad urbana

**BRC. 10** Calles de la red cotidiana sin **condiciones urbanas que dificulten la conectividad a pie**

Todas las calles sin estas condiciones 5	Existen algunas calles con estas condiciones 3	La mayoría de calles tienen estas condiciones 1
---	---	--

#### Conexión del transporte público

**BRC. 11** El transporte público del barrio conecta con los equipamientos cotidianos que quedan fuera del radio de 10 min a pie, quedando las paradas a un máximo de 5 min a pie del equipamiento

Con todos 5	Con la mayoría 4	Con la mitad 3	Con menos de la mitad 2	El transporte público no cumple esta condición 1
----------------	---------------------	-------------------	----------------------------	---

**TOTAL:**  $44 \div 11 = 3,72$

Muy alto 5	Alto 4	Medio 3	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	-----------	------------	-----------	---------------



DIVERSIDAD

### Diversidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la variedad y mezcla de usos, actividades y modalidades de desplazamiento permiten a las personas con características distintas resolver sus necesidades.

#### Variedad de usos en la red cotidiana

**BRC. 1** Red cotidiana con los **equipamientos cotidianos** considerados básicos, según el perfil de la población del barrio

Dispone de todos los necesarios 5	De la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	De la mitad o de la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 3	De menos de la mitad 2	El barrio no dispone de una red cotidiana con los equipamientos cotidianos necesarios 1
--------------------------------------	---	--	---------------------------	--

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con **comercio variado**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay comercio variado en la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

#### Variedad de usos y de personas en el barrio

**BRC. 3** Tejido urbano del barrio donde se mezclen las viviendas con algún otro uso (equipamientos, comercios, pequeños talleres, oficinas, etc.)

En todas las manzanas 5	En la mayoría de las manzanas 4	En la mitad de las manzanas 3	En menos de la mitad de las manzanas 2	Tejido urbano del barrio sin mezcla de usos 1
----------------------------	------------------------------------	----------------------------------	---	--

**BRC. 4** Distribución homogénea de la población según distintos perfiles en el barrio

Distribución homogénea en todo el barrio 5	Existe un sector minoritario del barrio donde se concentra un perfil específico de población 3	Todo el barrio se divide en sectores según el perfil de la población 1
---	---	---

**BRC. 5** Espacios de relación del barrio con presencia de **diferentes personas**

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad o en la mayoría pero donde no se da es porque se trata de un espacio monopolizado 3	En menos de la mitad 2	Los espacios de relación del barrio no son utilizados por diferentes personas 1
---------------	--------------------	--	---------------------------	--

**BRC. 6** Barrio con **comercio cotidiano**

Varios por tipo de producto y dentro de la red cotidiana 5	Varios por tipo de producto y como mínimo uno de cada tipo dentro de la red cotidiana 4	Varios por tipo de producto pero fuera de la red cotidiana 3	Solo existe uno por tipo de producto 2	No existen comercios cotidianos en el barrio 1
---	--	---	---	---

#### Diferentes opciones de desplazamiento

**BRC. 7** Red cotidiana con calles que permitan la convivencia de **diferentes opciones de desplazamientos**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Las calles de la red cotidiana no permiten esta convivencia 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 8** **Horarios variados del transporte público** que pasa por el barrio

Durante todo el día y servicio nocturno todos los días de la semana 5	Durante todo el día y servicio nocturno excepto fin de semana o festivos 4	Durante todo el día sin servicio nocturno todos los días de la semana 3	Durante todo el día sin servicio nocturno excepto fin de semana o festivos 2	Los horarios del transporte no son variados 1
--	---	--	---	--

**BRC. 9** Bolsa de **aparcamiento público** que permita acceder al barrio

Existe bolsa de aparcamiento público en el barrio 5	No existe bolsa de aparcamiento público en el barrio 1
--	---

#### Disponibilidad de espacio para organizar actividades en el barrio

**BRC. 10** Sala donde sea posible reunirse y organizar actividades variadas relacionadas con la comunidad

Existe el espacio y puede utilizarlo toda la comunidad 5	No existe este tipo de espacio o sí existe pero se encuentra monopolizado por algún grupo 1
---	--

#### Imágenes discriminatorias

**BRC. 11** **Imágenes discriminatorias** en función del género, sexo, edad y origen en el barrio

No existen imágenes discriminatorias 5	Existen imágenes discriminatorias 1
---	--

TOTAL: ~~37~~ ÷ 11 = ~~3,36~~

Muy alto 5	Alto 4	Medio 3	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	-----------	------------	-----------	---------------



AUTONOMÍA

### Autonomía en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si las calles, las paradas de autobús y los espacios de relación permiten ser utilizados de manera independiente y con percepción de seguridad.

#### Condiciones para el uso peatonal en las calles de la red cotidiana

**BRC. 1** Calles de la red cotidiana con **prioridad peatonal**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Calles de la red sin prioridad peatonal 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con **bancos para el descanso**

En todas las calles a una distancia máxima de 50 m entre ellos 5	En la mayoría de las calles a una distancia máxima de 50 m o en todas pero a 100 m 3	No hay bancos que permitan el descanso en la red cotidiana 1
---	---	---

**BRC. 3** Calles de la red cotidiana con **iluminación peatonal continua**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 3	La iluminación de la red no cumple con esta condición 1
--------------------------	----------------------------------	--

**BRC. 4** Calles de la red cotidiana sin **elementos físicos que generen percepción de inseguridad**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 3	Existen elementos que generan percepción de inseguridad en las calles de la red 1
--------------------------	----------------------------------	--

#### Accesibilidad en las calles del barrio

**BRC. 5** Calles accesibles del barrio

Todas las calles 5	La mayoría de las calles 4	La mitad de las calles 3	Menos de la mitad de las calles 2	Las calles del barrio no son accesibles 1
-----------------------	-------------------------------	-----------------------------	--------------------------------------	--

#### Información y señalización en la red cotidiana

**BRC. 6** Calles de la red cotidiana con **información para ubicarse**

Existe información 5	Existe información pero no es completa 3	No existe información sobre la red cotidiana 1
-------------------------	---	---

**BRC. 7** Calles de la red cotidiana con señalización de **puntos de emergencia** donde se pueda acudir en caso de incidente

Existe señalización 5	No existe este tipo de señalización 1
--------------------------	--

#### Ubicación y condiciones de las paradas de autobús

**BRC. 8** Paradas de transporte público del barrio ubicadas en entornos con **visibilidad**

Todas las paradas 5	La mayoría de las paradas 4	La mitad de las paradas 3	Menos de la mitad de las paradas 2	Las paradas del transporte público del barrio están ubicadas en entornos sin visibilidad 1
------------------------	--------------------------------	------------------------------	---------------------------------------	---

**BRC. 9** Paradas seguras y accesibles del transporte público del barrio

Todas las paradas 5	La mayoría de las paradas 4	La mitad de las paradas 3	Menos de la mitad de las paradas 2	Las paradas del transporte público no son seguras ni accesibles 1
------------------------	--------------------------------	------------------------------	---------------------------------------	--

#### Percepción y autonomía de las personas en el barrio

**BRC. 10** En el conjunto de espacios de relación del barrio, presencia de infantes, personas mayores, con diversidad funcional y mujeres solas

Presencia de todas estas personas 5	Presencia de la mayoría de estas personas 3	Presencia de solo la mitad de estas personas 1
--	--	---

**BRC. 11** Percepción de **seguridad** en el barrio

Percepción de seguridad en todo el barrio 5	Percepción de inseguridad en algún punto del barrio 1
--	--

TOTAL:  $23 \div 11 = 2,09$

Muy alto 5	Alto 4	Medio 3	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	-----------	------------	-----------	---------------



VITALIDAD

### Vitalidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la configuración y la actividad de las calles permiten la simultaneidad y continuidad de usos.

#### Diseño de las calles de la red cotidiana

**BRC. 1** Calles de la red cotidiana con espacios y mobiliario que permitan a las personas llevar a cabo actividades de relación, estancia, reunión o juegos y no solo el desplazamiento

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay espacios que permitan otras actividades en las calles de la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con plantas bajas abiertas al espacio público

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Calles con plantas bajas que aíslan el espacio público 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

#### Usos y actividades de las calles de la red cotidiana

**BRC. 3** Concentración de usos públicos como comercios, equipamientos u otros que generen simultaneidad de actividades en el barrio

Existe concentración de usos públicos en el barrio que generan simultaneidad 5	No existe concentración de usos públicos en el barrio 1
---	--

**BRC. 4** Calles de la red cotidiana con continuidad de actividades durante el día

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay continuidad de actividades en las calles de la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 5** Actividades itinerantes que dinamicen las calles dentro del barrio (bibliobús, punto limpio, mercados, fiestas, etc.)

Existen actividades itinerantes que dinamizan el barrio de forma regular 5	Existen actividades itinerantes que dinamizan el barrio de forma esporádica 3	No existen actividades itinerantes que dinamicen el barrio 1
---	--	---

#### Relación de equipamientos y espacios de relación con la calle

**BRC. 6** Equipamientos de la red cotidiana con espacio intermedio que genere actividad hacia la calle

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad 3	En menos de la mitad 2	Los equipamientos no tienen espacio intermedio hacia la calle 1
---------------	--------------------	------------------	---------------------------	--

**BRC. 7** Espacios de relación del barrio con perímetro abierto hacia la calle de forma que se integre con sus actividades

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad 3	En menos de la mitad 2	Espacios de relación con perímetro que lo aísla de la calle 1
---------------	--------------------	------------------	---------------------------	--

#### Cuidado del paisaje urbano en el barrio

**BRC. 8** Cuidado del paisaje urbano en las calles del barrio

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay cuidado del paisaje urbano en las calles del barrio 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

TOTAL:  $13 \div 8 = 1,62$  → Muy alto 5 | Alto 4 | Medio 3 | Bajo 2 | Muy bajo 1



REPRESENTATIVIDAD

## Representatividad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar el reconocimiento, la equidad y la participación de la comunidad en el espacio público y en los equipamientos.

### Reconocimiento de la memoria de la comunidad

**BRC. 1** Espacios o elementos que mantengan la memoria de la comunidad como patrimonio social y cultural del barrio

Existencia de espacios o elementos que mantienen la memoria de la comunidad

5

No existen espacios o elementos que mantengan la memoria de la comunidad

1

### Equidad en el nomenclador

**BRC. 2** Equidad entre mujeres y hombres en los nombres de calles, plazas, parques y equipamientos el barrio

Repartidos equitativamente en todo el nomenclador o no son nombres sexistas

5

Repartidos equitativamente en el 75 % del nomenclador

4

Repartidos equitativamente en el 50 % del nomenclador

3

No es equitativo pero se ha comenzado a trabajar para cambiarlo

2

No existe equidad en el nomenclador ni se ha comenzado a trabajar para cambiarlo

1

### Participación de las personas

**BRC. 3** Participación de la comunidad en la toma de decisiones urbanas del barrio

Existen canales de participación de la comunidad vinculados a todas las decisiones urbanas

5

Existen canales de participación de la comunidad vinculados a algunas de las decisiones urbanas

3

No existen canales de participación de la comunidad vinculados a las decisiones urbanas

1

TOTAL:  $6 \div 3 = 2$



Muy alto  
5

Alto  
4

Medio  
3

Bajo  
2

Muy bajo  
1



## PROXIMIDAD

### Proximidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la distribución y las conexiones de los diferentes usos (espacios de relación, equipamientos y comercios) permiten realizar las actividades de la vida cotidiana priorizando los recorridos peatonales y el transporte público.

#### Distribución y distancia a pie entre los diferentes usos

**BRC. 1** Distribución de espacios de relación a **escala de vecindario** que permitan el acceso en un **radio máximo de 300 m a pie con recorrido accesible**

Desde la totalidad del barrio	Desde la mayor parte del barrio	Desde la mitad del barrio	Desde menos de la mitad del barrio	No hay espacios de relación a escala de vecindario con acceso a pie desde el barrio
5	4	3	2	1

**BRC. 2** Distribución de los espacios de relación a **escala de barrio** que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio	Desde la mayor parte del barrio	Desde la mitad del barrio	Desde menos de la mitad del barrio	No hay espacios de relación a escala de barrio con acceso a pie desde el barrio
5	4	3	2	1

**BRC. 3** Distribución de los espacios de relación a **escala suprabarrrial** que permitan el acceso en un **radio máximo de 20 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio	Desde la mayor parte del barrio	Desde la mitad del barrio	Desde menos de la mitad del barrio	No hay espacios de relación a escala suprabarrrial con acceso a pie desde el barrio
5	4	3	2	1

**BRC. 4** Distribución de los **comercios cotidianos** que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio	Desde la mayor parte del barrio	Desde la mitad del barrio	Desde menos de la mitad del barrio	No hay comercios cotidianos con acceso a pie desde el barrio
5	4	3	2	1

**BRC. 5** Distribución de **comercios variados** que permitan el acceso en un **radio máximo de 20 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio	Desde la mayor parte del barrio	Desde la mitad del barrio	Desde menos de la mitad del barrio	No hay comercios variados con acceso a pie desde el barrio
5	4	3	2	1

**BRC. 6** Distribución de los equipamientos cotidianos que permitan el acceso en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad** desde todo el barrio

A todos los equipamientos	A la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud	A la mitad o a la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud	A menos de la mitad	No hay equipamientos cotidianos con acceso a pie desde el barrio
5	4	3	2	1

**BRC. 7** Distribución de los equipamientos cotidianos que permitan el acceso entre ellos en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Entre todos los equipamientos	Entre la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud	Entre la mitad o entre la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud	Entre menos de la mitad	Los equipamientos cotidianos no tienen una distribución próxima entre sí
5	4	3	2	1

**BRC. 8** Distribución de los espacios de relación del barrio en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad** en relación con un equipamiento cotidiano

Todos los espacios de relación	La mayoría de los espacios de relación incluyendo jardín de infancia y escuela primaria y personas mayores	La mitad o la mayoría de los espacios de relación sin jardín de infancia y escuela primaria y personas mayores	Menos de la mitad de los espacios de relación	Los espacios de relación no tienen una distribución próxima a los equipamientos cotidianos
5	4	3	2	1

**BRC. 9** Distribución de las paradas del transporte público en un **radio máximo de 10 min a pie sin dificultad**

Desde la totalidad del barrio	Desde la mayor parte del barrio	Desde la mitad del barrio	Desde menos de la mitad del barrio	No hay paradas que cumplan esta condición
5	4	3	2	1

#### Conectividad urbana

**BRC. 10** Calles de la red cotidiana sin **condiciones urbanas que dificulten la conectividad a pie**

Todas las calles sin estas condiciones	Existen algunas calles con estas condiciones	La mayoría de calles tienen estas condiciones
5	3	1

#### Conexión del transporte público

**BRC. 11** El transporte público del barrio conecta con los equipamientos cotidianos que quedan fuera del radio de 10 min a pie, quedando las paradas a un máximo de 5 min a pie del equipamiento

Con todos	Con la mayoría	Con la mitad	Con menos de la mitad	El transporte público no cumple esta condición
5	4	3	2	1

TOTAL:  $41 \div 11 = 3,72$

Muy alto	Alto	Medio	Bajo	Muy bajo
5	4	3	2	1





DIVERSIDAD

### Diversidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la variedad y mezcla de usos, actividades y modalidades de desplazamiento permiten a las personas con características distintas resolver sus necesidades.

#### Variedad de usos en la red cotidiana

**BRC. 1** Red cotidiana con los **equipamientos cotidianos** considerados básicos, según el perfil de la población del barrio

Dispone de todos los necesarios <b>5</b>	De la mayoría incluyendo jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 4	De la mitad o de la mayoría sin jardín de infancia y escuela primaria, personas mayores y salud 3	De menos de la mitad 2	El barrio no dispone de una red cotidiana con los equipamientos cotidianos necesarios 1
---	---	--	---------------------------	--

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con **comercio variado**

En todas las calles <b>5</b>	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay comercio variado en la red cotidiana 1
---------------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

#### Variedad de usos y de personas en el barrio

**BRC. 3** Tejido urbano del barrio donde se mezclen las viviendas con algún otro uso (equipamientos, comercios, pequeños talleres, oficinas, etc.)

En todas las manzanas 5	En la mayoría de las manzanas <b>4</b>	En la mitad de las manzanas 3	En menos de la mitad de las manzanas 2	Tejido urbano del barrio sin mezcla de usos 1
----------------------------	---	----------------------------------	---	--

**BRC. 4** Distribución homogénea de la población según distintos perfiles en el barrio

Distribución homogénea en todo el barrio <b>5</b>	Existe un sector minoritario del barrio donde se concentra un perfil específico de población 3	Todo el barrio se divide en sectores según el perfil de la población 1
--	---	---

**BRC. 5** Espacios de relación del barrio con presencia de **diferentes personas**

En todos 5	En la mayoría <b>4</b>	En la mitad o en la mayoría pero donde no se da es porque se trata de un espacio monopolizado 3	En menos de la mitad 2	Los espacios de relación del barrio no son utilizados por diferentes personas 1
---------------	---------------------------	--	---------------------------	--

**BRC. 6** Barrio con **comercio cotidiano**

Varios por tipo de producto y dentro de la red cotidiana <b>5</b>	Varios por tipo de producto y como mínimo uno de cada tipo dentro de la red cotidiana 4	Varios por tipo de producto pero fuera de la red cotidiana 3	Solo existe uno por tipo de producto 2	No existen comercios cotidianos en el barrio 1
--	--	---	---	---

#### Diferentes opciones de desplazamiento

**BRC. 7** Red cotidiana con calles que permitan la convivencia de **diferentes opciones de desplazamientos**

En todas las calles <b>5</b>	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Las calles de la red cotidiana no permiten esta convivencia 1
---------------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 8** **Horarios variados del transporte público** que pasa por el barrio

Durante todo el día y servicio nocturno todos los días de la semana <b>5</b>	Durante todo el día y servicio nocturno excepto fin de semana o festivos 4	Durante todo el día sin servicio nocturno todos los días de la semana 3	Durante todo el día sin servicio nocturno excepto fin de semana o festivos 2	Los horarios del transporte no son variados 1
---	---	--	---	--

**BRC. 9** Bolsa de **aparcamiento público** que permita acceder al barrio

Existe bolsa de aparcamiento público en el barrio 5	No existe bolsa de aparcamiento público en el barrio <b>1</b>
--	--

#### Disponibilidad de espacio para organizar actividades en el barrio

**BRC. 10** Sala donde sea posible reunirse y organizar actividades variadas relacionadas con la comunidad

Existe el espacio y puede utilizarlo toda la comunidad 5	No existe este tipo de espacio o sí existe pero se encuentra monopolizado por algún grupo <b>1</b>
---	---

#### Imágenes discriminatorias

**BRC. 11** **Imágenes discriminatorias** en función del género, sexo, edad y origen en el barrio

No existen imágenes discriminatorias <b>5</b>	Existen imágenes discriminatorias 1
--	--

TOTAL:  $15 \div 11 = 1,36$

Muy alto 5	<b>Alto</b> 4	Medio 3	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	------------------	------------	-----------	---------------



AUTONOMÍA

### Autonomía en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si las calles, las paradas de autobús y los espacios de relación permiten ser utilizados de manera independiente y con percepción de seguridad.

#### Condiciones para el uso peatonal en las calles de la red cotidiana

**BRC. 1** Calles de la red cotidiana con **prioridad peatonal**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Calles de la red sin prioridad peatonal 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con **bancos para el descanso**

En todas las calles a una distancia máxima de 50 m entre ellos 5	En la mayoría de las calles a una distancia máxima de 50 m o en todas pero a 100 m 3	No hay bancos que permitan el descanso en la red cotidiana 1
---	---	---

**BRC. 3** Calles de la red cotidiana con **iluminación peatonal continua**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 3	La iluminación de la red no cumple con esta condición 1
--------------------------	----------------------------------	--

**BRC. 4** Calles de la red cotidiana sin **elementos físicos que generen percepción de inseguridad**

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 3	Existen elementos que generan percepción de inseguridad en las calles de la red 1
--------------------------	----------------------------------	--

#### Accesibilidad en las calles del barrio

**BRC. 5** Calles accesibles del barrio

Todas las calles 5	La mayoría de las calles 4	La mitad de las calles 3	Menos de la mitad de las calles 2	Las calles del barrio no son accesibles 1
-----------------------	-------------------------------	-----------------------------	--------------------------------------	--

#### Información y señalización en la red cotidiana

**BRC. 6** Calles de la red cotidiana con **información para ubicarse**

Existe información 5	Existe información pero no es completa 3	No existe información sobre la red cotidiana 1
-------------------------	---	---

**BRC. 7** Calles de la red cotidiana con señalización de **puntos de emergencia** donde se pueda acudir en caso de incidente

Existe señalización 5	No existe este tipo de señalización 1
--------------------------	--

#### Ubicación y condiciones de las paradas de autobús

**BRC. 8** Paradas de transporte público del barrio ubicadas en entornos con **visibilidad**

Todas las paradas 5	La mayoría de las paradas 4	La mitad de las paradas 3	Menos de la mitad de las paradas 2	Las paradas del transporte público del barrio están ubicadas en entornos sin visibilidad 1
------------------------	--------------------------------	------------------------------	---------------------------------------	---

**BRC. 9** Paradas seguras y accesibles del transporte público del barrio

Todas las paradas 5	La mayoría de las paradas 4	La mitad de las paradas 3	Menos de la mitad de las paradas 2	Las paradas del transporte público no son seguras ni accesibles 1
------------------------	--------------------------------	------------------------------	---------------------------------------	--

#### Percepción y autonomía de las personas en el barrio

**BRC. 10** En el conjunto de espacios de relación del barrio, presencia de infantes, personas mayores, con diversidad funcional y mujeres solas

Presencia de todas estas personas 5	Presencia de la mayoría de estas personas 3	Presencia de solo la mitad de estas personas 1
--	--	---

**BRC. 11** Percepción de **seguridad** en el barrio

Percepción de seguridad en todo el barrio 5	Percepción de inseguridad en algún punto del barrio 1
--	--

TOTAL:  $24 \div 11 = 2,18$  →

Muy alto 5	Alto 4	Medio 3	Bajo 2	Muy bajo 1
---------------	-----------	------------	-----------	---------------



VITALIDAD

### Vitalidad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar si la configuración y la actividad de las calles permiten la simultaneidad y continuidad de usos.

#### Diseño de las calles de la red cotidiana

**BRC. 1** Calles de la red cotidiana con espacios y mobiliario que permitan a las personas llevar a cabo actividades de relación, estancia, reunión o juegos y no solo el desplazamiento

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay espacios que permitan otras actividades en las calles de la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

**BRC. 2** Calles de la red cotidiana con plantas bajas abiertas al espacio público

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	Calles con plantas bajas que aíslan el espacio público 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

#### Usos y actividades de las calles de la red cotidiana

**BRC. 3** Concentración de usos públicos como comercios, equipamientos u otros que generen simultaneidad de actividades en el barrio

Existe concentración de usos públicos en el barrio que generan simultaneidad 5	No existe concentración de usos públicos en el barrio 1
---	--

**BRC. 4** Calles de la red cotidiana con continuidad de actividades durante el día

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay continuidad de actividades en las calles de la red cotidiana 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	--

**BRC. 5** Actividades itinerantes que dinamicen las calles dentro del barrio (bibliobús, punto limpio, mercados, fiestas, etc.)

Existen actividades itinerantes que dinamizan el barrio de forma regular 5	Existen actividades itinerantes que dinamizan el barrio de forma esporádica 3	No existen actividades itinerantes que dinamicen el barrio 1
---	--	---

#### Relación de equipamientos y espacios de relación con la calle

**BRC. 6** Equipamientos de la red cotidiana con espacio intermedio que genere actividad hacia la calle

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad 3	En menos de la mitad 2	Los equipamientos no tienen espacio intermedio hacia la calle 1
---------------	--------------------	------------------	---------------------------	--

**BRC. 7** Espacios de relación del barrio con perímetro abierto hacia la calle de forma que se integre con sus actividades

En todos 5	En la mayoría 4	En la mitad 3	En menos de la mitad 2	Espacios de relación con perímetro que lo aísla de la calle 1
---------------	--------------------	------------------	---------------------------	--

#### Cuidado del paisaje urbano en el barrio

**BRC. 8** Cuidado del paisaje urbano en las calles del barrio

En todas las calles 5	En la mayoría de las calles 4	En la mitad de las calles 3	En menos de la mitad de las calles 2	No hay cuidado del paisaje urbano en las calles del barrio 1
--------------------------	----------------------------------	--------------------------------	---	---

TOTAL:  $27 \div 8 = 3,375$

Muy alto 5 | Alto 4 | Medio 3 | Bajo 2 | Muy bajo 1



REPRESENTATIVIDAD

## Representatividad en el barrio y en la red cotidiana

**Objetivo:** Evaluar el reconocimiento, la equidad y la participación de la comunidad en el espacio público y en los equipamientos.

### Reconocimiento de la memoria de la comunidad

**BRC. 1** Espacios o elementos que mantengan la memoria de la comunidad como patrimonio social y cultural del barrio

Existencia de espacios o elementos que mantienen la memoria de la comunidad  
5

No existen espacios o elementos que mantengan la memoria de la comunidad  
1

### Equidad en el nomenclador

**BRC. 2** Equidad entre mujeres y hombres en los nombres de calles, plazas, parques y equipamientos el barrio

Repartidos equitativamente en todo el nomenclador o no son nombres sexistas  
5

Repartidos equitativamente en el 75 % del nomenclador  
4

Repartidos equitativamente en el 50 % del nomenclador  
3

No es equitativo pero se ha comenzado a trabajar para cambiarlo  
2

No existe equidad en el nomenclador ni se ha comenzado a trabajar para cambiarlo  
1

### Participación de las personas

**BRC. 3** Participación de la comunidad en la toma de decisiones urbanas del barrio

Existen canales de participación de la comunidad vinculados a todas las decisiones urbanas  
5

Existen canales de participación de la comunidad vinculados a algunas de las decisiones urbanas  
3

No existen canales de participación de la comunidad vinculados a las decisiones urbanas  
1

TOTAL:  $3 \div 3 = 1...$



Muy alto  
5

Alto  
4

Medio  
3

Bajo  
2

Muy bajo  
1



Habitação de interesse social em São Gonçalo:  
a moradia como meio de promoção da independência para mulheres





# Objetivo

## Objetivo geral

Projetar uma **Habitação de Interesse Social** com o propósito de que a moradia se torne um instrumento para a promoção da independência das mulheres

## Objetivos específicos

1. Utilizar estratégias de projeto que incentivem a autonomia e independência dos moradores, sobretudo, das mulheres;
2. Inserir estratégias de projeto considerando questões sanitárias atuais levantadas pela pandemia do COVID-19;
3. Contribuir para o combate do alto déficit habitacional existente na cidade de São Gonçalo.



# Definição das diretrizes do projeto

**1. Escolha do terreno em área central, e projeto integrado ao desenho urbano;**

**2. Variedade de tipologias habitacionais;**

**3. Consideração de questões sanitárias:**

- adoção de áreas verdes nos espaços coletivos;
- implantação e unidades habitacionais que favoreçam a ventilação e iluminação adequadas;

**4. Consideração das questões de gênero:**

- entradas e saídas do conjunto conectadas;
- janelas das áreas sociais voltadas para os espaços onde as crianças brincam;

**5. Flexibilidade das unidades habitacionais:**

- possibilidade de alteração ao longo do tempo;
- possibilidade de criação de espaço para exercício físico e trabalho.

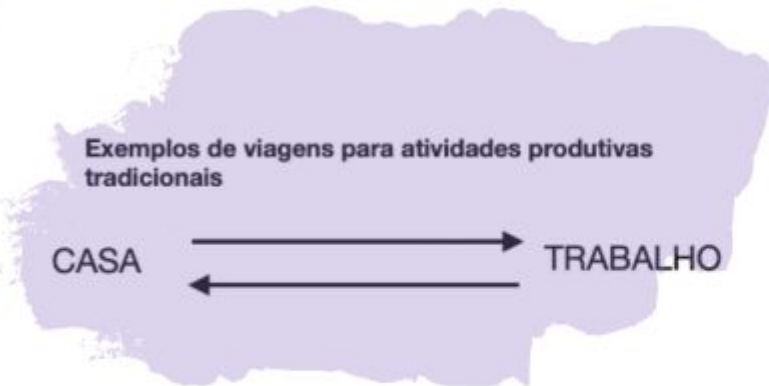




# Escolha do local de intervenção

- Divisão sexual do trabalho - os homens são responsáveis pelo trabalho produtivo e as mulheres pelo produtivo e reprodutivo

## DINÂMICA MASCULINA







## DINÂMICA FEMININA



Fonte: GAMRANI; TRIBOUILLARD, 2021

# A escolha do terreno

## LEGENDA

-  BR-101
-  RJ-104
-  Ponte Rio-Niterói
-  Principal corredor viário em São Gonçalo



# Terreno 3 - Mutondo

PROXIMIDADE

DIVERSIDADE

AUTONOMIA

VITALIDADE

REPRESENTATIVIDADE

Alto

4

Alto

4

Baixo

2

Médio

3

Muito Baixo

1

## LEGENDA

- Rua Dr. Alfredo Backer
- Av. José Mendonça de Campos
- Terreno 3
- Ponto de ônibus
- Mercado
- Academia
- Posto de Gasolina
- Comércio/serviço relacionado a automóveis
- Escritório de advocacia
- Hospital/Clinica/ Consultório
- Condomínio Residencial
- Comércio relacionado à comida ou bebida
- Escola
- Farmácia
- Igreja
- Pet shop
- Comércio/Serviço relacionado à beleza
- Loja de móveis/Material de construção



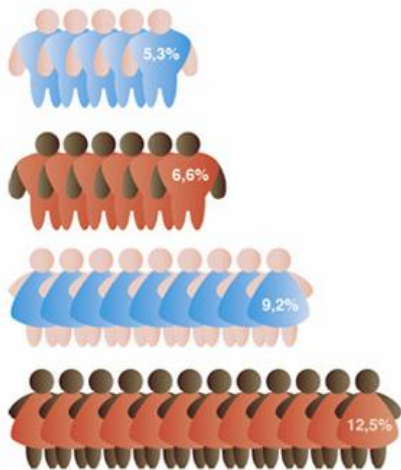


# Definição do público a ser atendido

- as dificuldades de acesso à moradia são mais agressivas quando se é mulher e pior ainda quando se é uma mulher negra

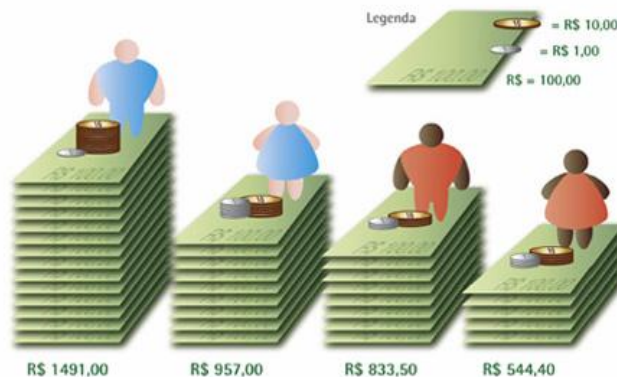
## Mercado de trabalho

Taxa de desemprego da população de 16 anos ou mais de idade, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.



## Pobreza, distribuição e desigualdade de renda

Renda média da população, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 2009.



Fonte: IPEA, 2009.

- O projeto pretende atender, principalmente, o público de mulheres negras, grupo historicamente mais prejudicado na apropriação do espaço urbano e do acesso à moradia



Fonte: Instagram FOSG.



Fonte: Instagram Niyara.



# A escolha do nome para o conjunto



- O nome será Conjunto Enedina Alves Marques



Fonte: PRATES, 2021.



# Definição do método construtivo

- Alvenaria tradicional com blocos de cerâmica para as paredes externas e áreas molhadas



Fonte: Escola Engenharia.

- Painéis de Drywall para as paredes internas



Fonte: Tarjab



# Desenvolvimento do projeto

# Zoneamento

## LEGENDA



Acesso



Comércio



Espaços coletivos (parquinho, academia, permanência)



Residencial



# Implantação

## LEGENDA

- ① Guarita
- ② Estacionamento/ área de carga e descarga do comércio
- ③ Comércio
- ④ Lixo
- ⑤ Bicletário
- ⑥ Residencial
- ⑦ Área de permanência com mesas
- ⑧ Parque infantil
- ⑨ Administração/depósito/Vestiário/Refeitório
- ⑩ Academia ao ar livre
- ⑪ Horta comunitária
- ⑫ Área de permanência com bancos
- ⑬ Estacionamento
- ⑭ Reservatório



0 10 20 30 40 50 100



# Desenvolvimento das unidades habitacionais

# Implantação

## LEGENDA

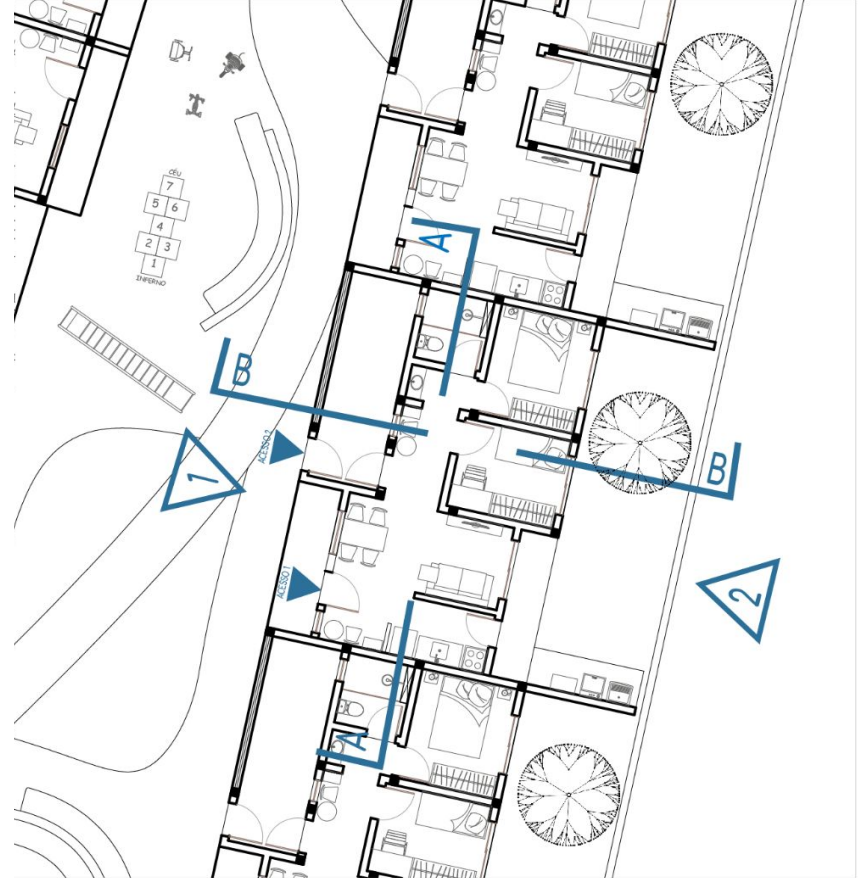
-  Unidade 1
-  Unidade 2
-  Unidade 3

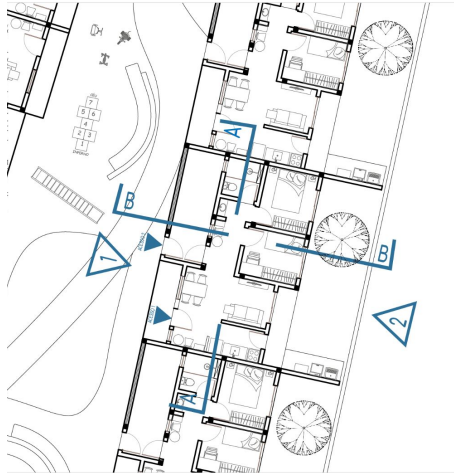




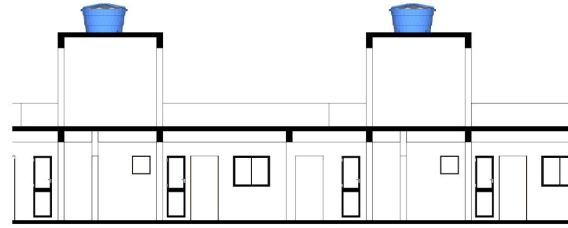
# Unidade 1

- Área inicial: 46,64m<sup>2</sup>
- Originalmente uma casa térrea de dois quartos.

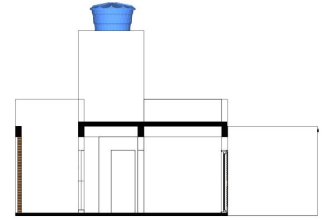




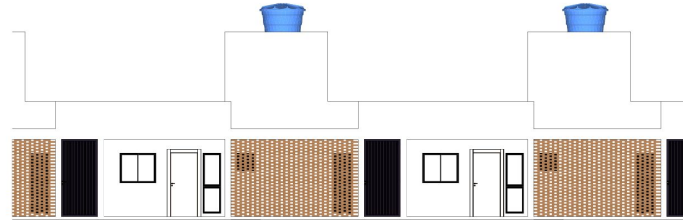
CORTE AA



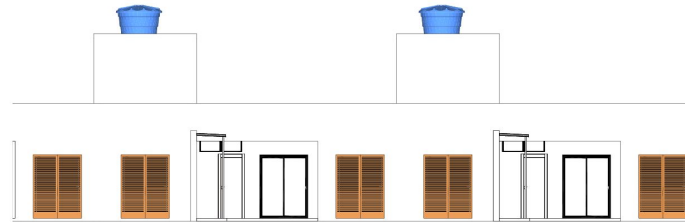
CORTE BB



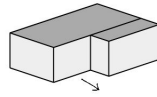
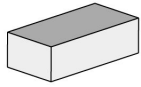
FACHADA 1



FACHADA 2



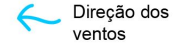
## VOLUMETRIA



## VENTILAÇÃO





### LEGENDA



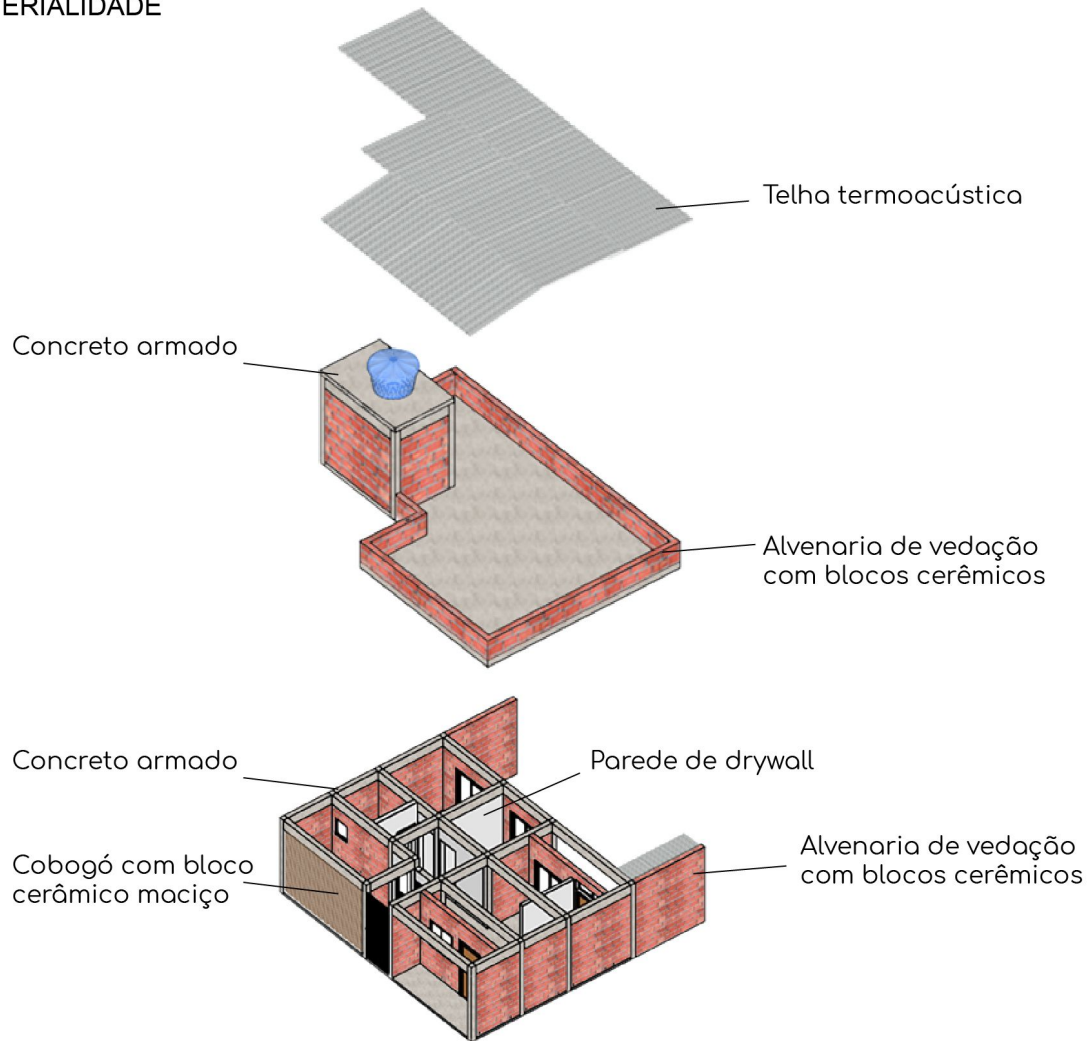
## DIRETRIZES

### LEGENDA

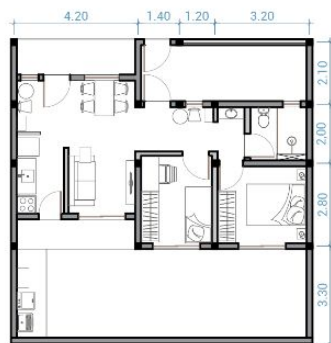
-  Visão para os espaços coletivos
-  Lavatório externo
-  Área de transição
-  Área privativa



# MATERIALIDADE



## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

## POSSIBILIDADE 1 - Expansões no pavimento térreo

1.1 - Expansão  
das áreas  
sociais

1.2 - Criação de um novo cômodo  
- que pode ser um espaço de  
geração de renda



TÉRREO

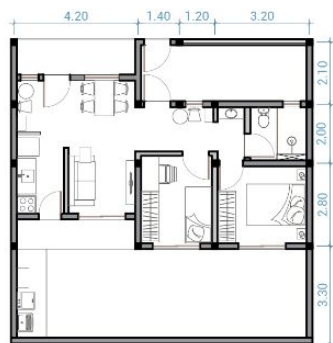


TÉRREO

### LEGENDA

- Parede existente
- Parede nova

## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

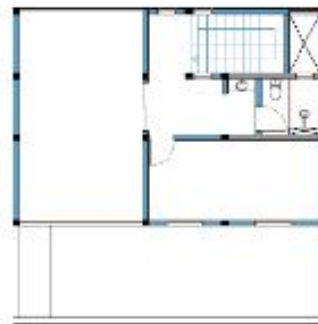
## POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o pavimento superior

### 2 - Adição da escada e fechamento da fachada



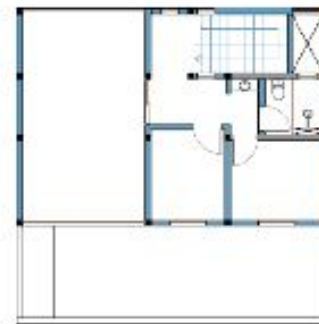
TÉRREO

### 2.1 - Adição de um cômodo no pavimento superior





1º PAV.

### 2.2 - Adição de 2 quartos no pavimento superior

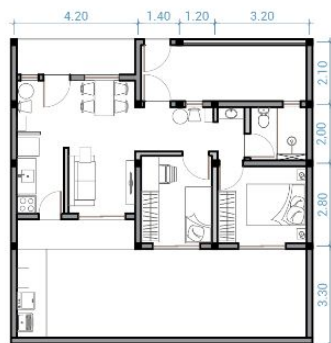


1º PAV.

## LEGENDA



-  Parede existente
-  Parede nova

## POSSIBILIDADES



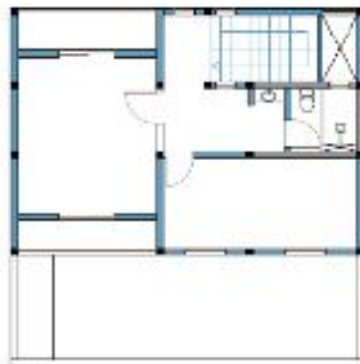
TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

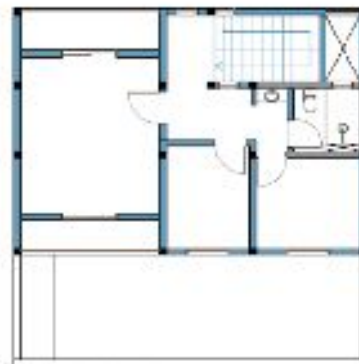
## POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o pavimento superior

### 2.3 - Adição de 2 quartos no pavimento superior



1º PAV.

### 2.4 - Adição de 3 quartos no pavimento superior



1º PAV.

## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

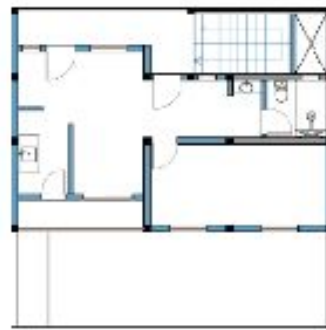
**POSSIBILIDADE 3 -**  
Criação de uma outra unidade  
no pavimento superior, com  
acessos independentes

**3 - Adição da  
escada sem  
alterações na  
fachada**





**TÉRREO**  
**ESC. 1/200**

**3.1 - Unidade  
superior com 1  
quarto**



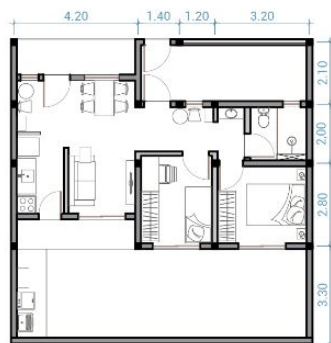
**1° PAV.**  
**ESC. 1/200**

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova





## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

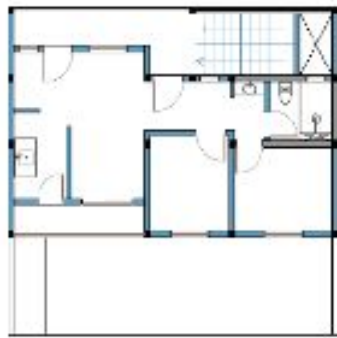
### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

## POSSIBILIDADE 3 -

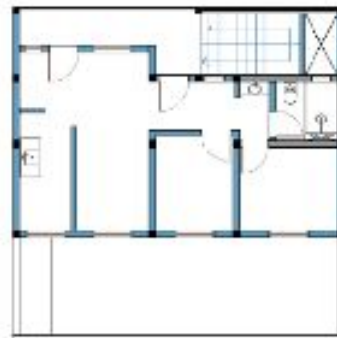
Criação de uma outra unidade no pavimento superior, com acessos independentes

### 3.2 - Unidade superior com 2 quartos



1º PAV.

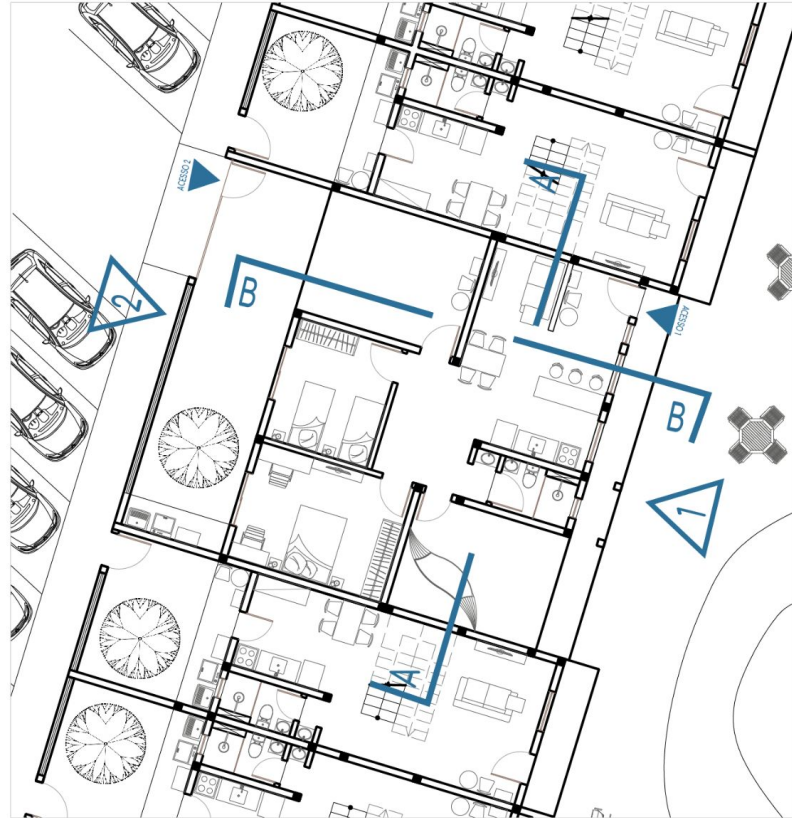
### 3.3 - Unidade superior com 2 quartos e expansão das áreas sociais

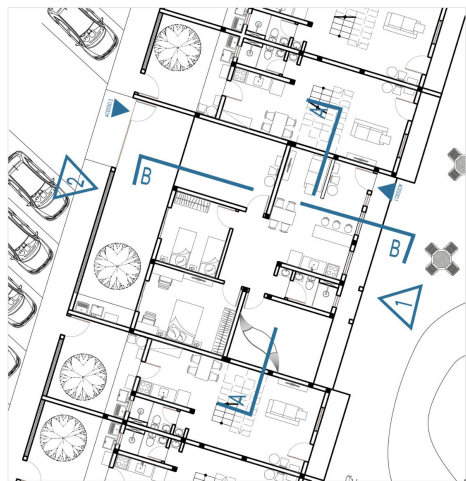


1º PAV.

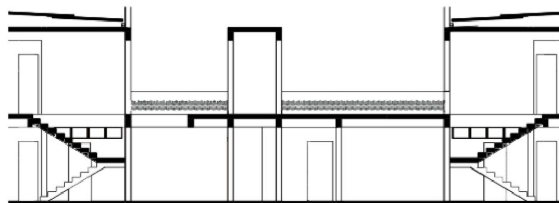
# Unidade 2

- Área inicial: 68,10m<sup>2</sup>
- Originalmente uma casa térrea de dois quartos.

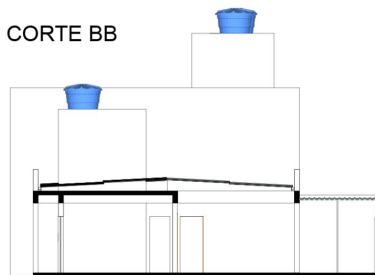




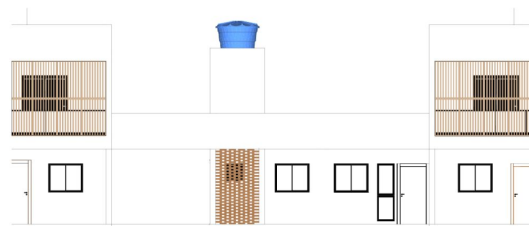
CORTE AA



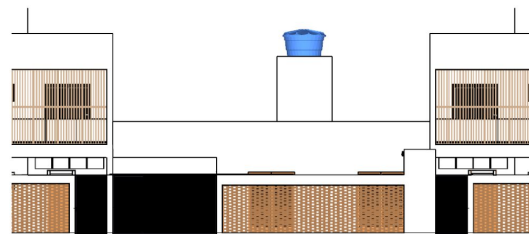
CORTE BB



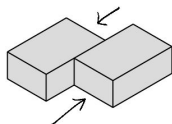
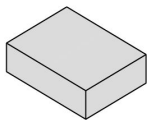
FACHADA 1



FACHADA 2

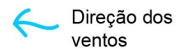


## VOLUMETRIA




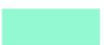


## VENTILAÇÃO

### LEGENDA



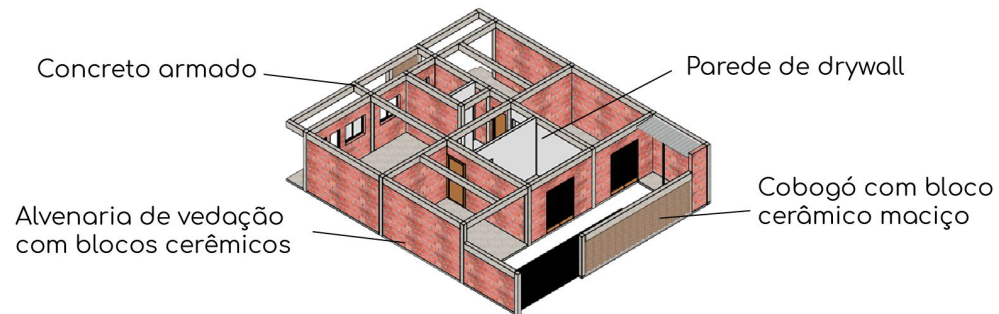
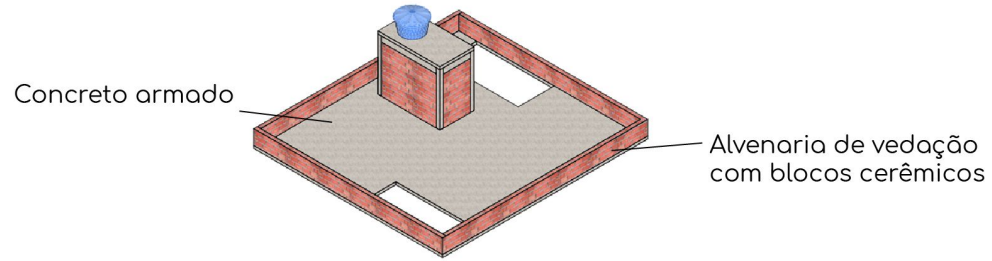
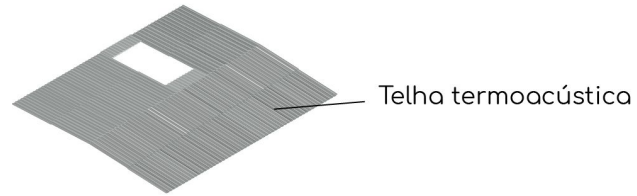
## DIRETRIZES

### LEGENDA

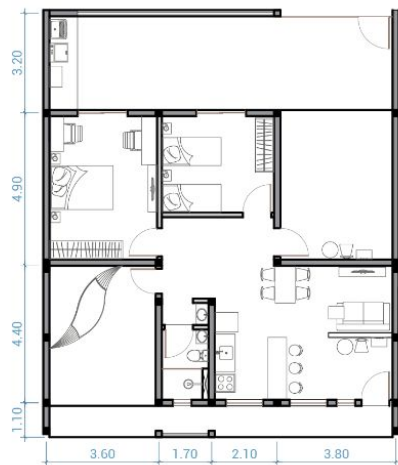
-  Visão para os espaços coletivos
-  Lavatório externo
-  Área de transição
-  Área privativa



## MATERIALIDADE



## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

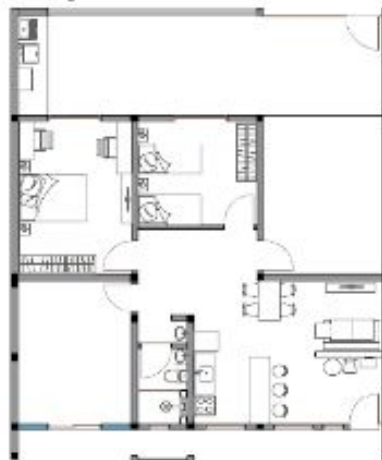
## POSSIBILIDADE 1 - Expansões no pavimento térreo

1.1 - Utilização do  
espaço de expansão  
para garagem



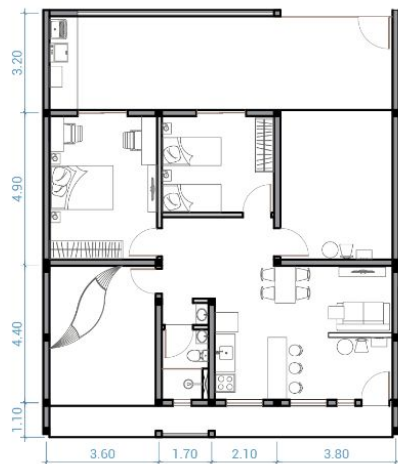
TÉRREO

1.2 - Expansão de um  
cômodo na fachada 1 -  
pode ser usado para  
geração de renda



TÉRREO

## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

## POSSIBILIDADE 1 - Expansões no pavimento térreo

1.3 - Expansão de um  
cômodo na fachada 2 -  
pode ser usado para  
geração de renda



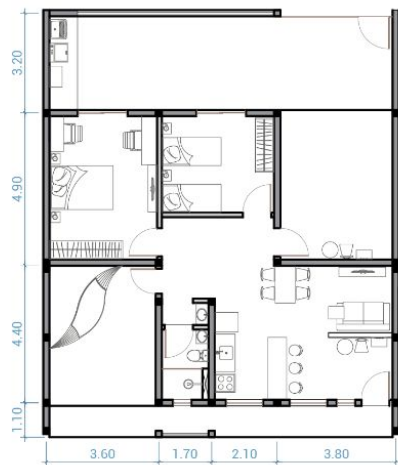
TÉRREO

1.4 - Expansão de 2  
cômodos nas fachada 1 e 2



TÉRREO

## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

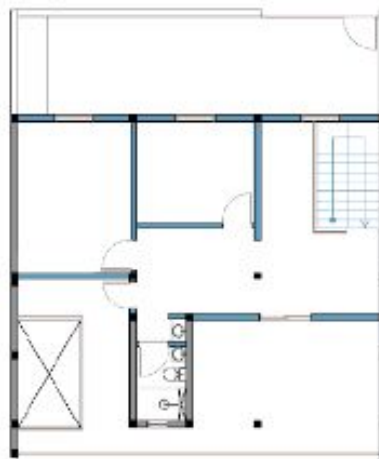
## POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o pavimento superior

### 2 - Adição da escada no espaço de expansão da fachada 1



TÉRREO

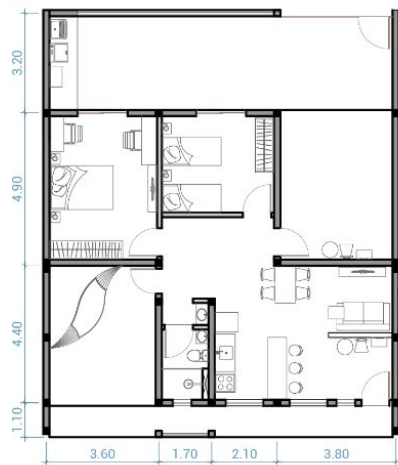
### 2.1 - Adição de 2 quartos no pavimento superior



1º PAV.



## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

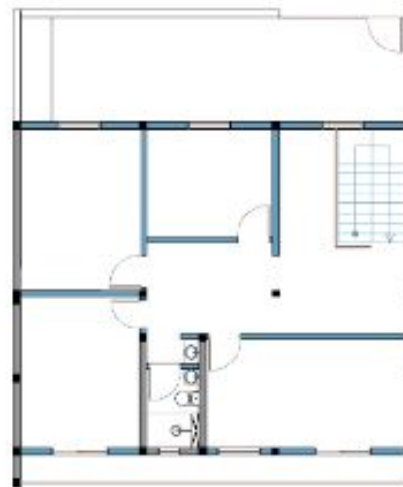
## POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o pavimento superior

### 2.2 - Adição de 3 quartos no pavimento superior



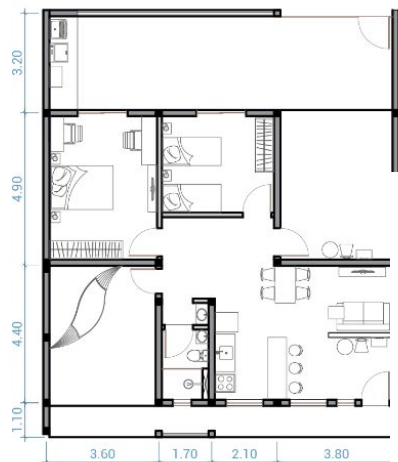
1º PAV.

### 2.3 - Adição de 4 quartos no pavimento superior



1º PAV.

## POSSIBILIDADES



TÉRREO (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

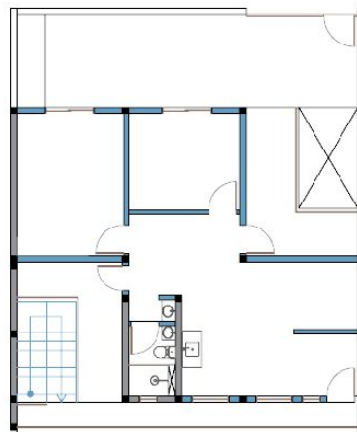
## POSSIBILIDADE 3 - Criação de uma outra unidade no pavimento superior, com acessos independentes

3 - Adição da escada no  
espaço de expansão da  
fachada 2



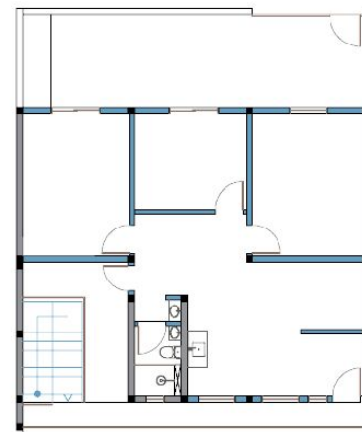
TÉRREO

3.1 - Criação de  
unidade com 2 quartos



1º PAV.

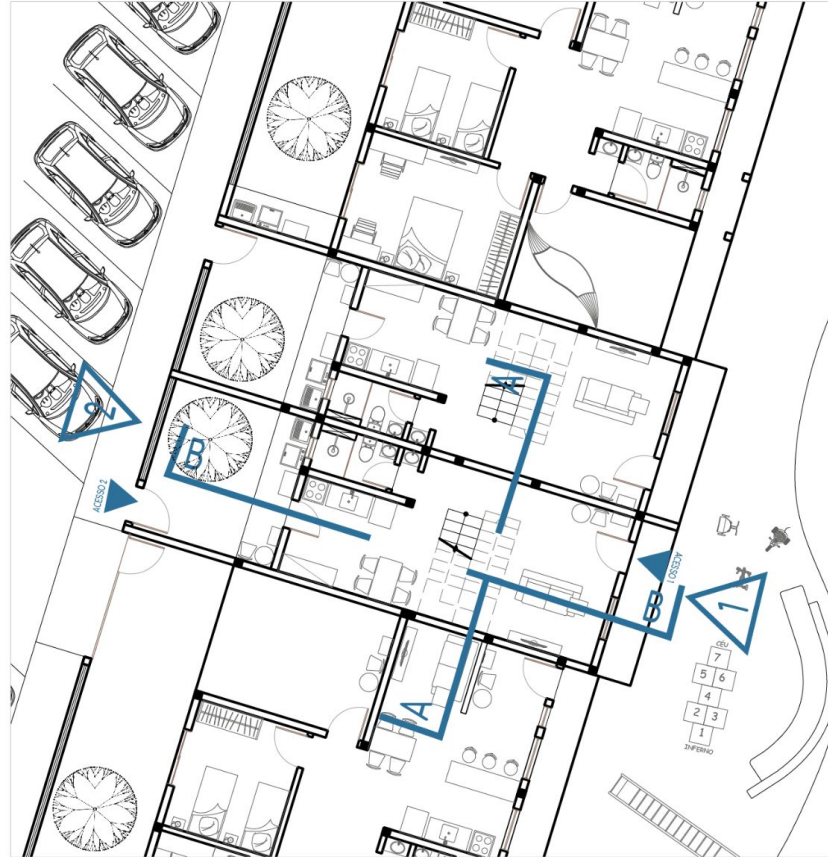
3.2 - Criação de  
unidade com 3 quartos

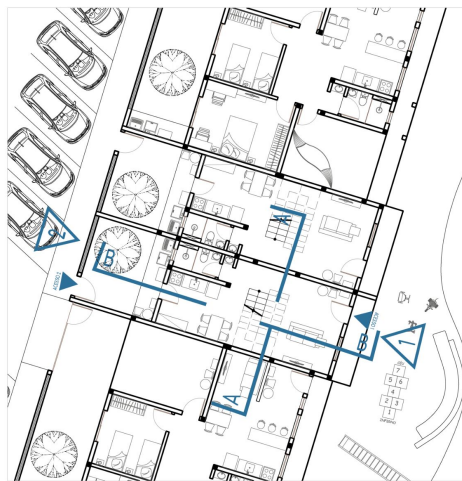


1º PAV.

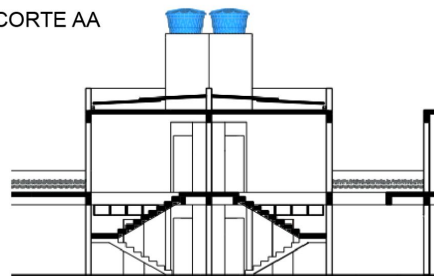
# Unidade 3

- Área inicial: 83,66m<sup>2</sup>
- Originalmente uma casa de dois pavimentos com 2 quartos.

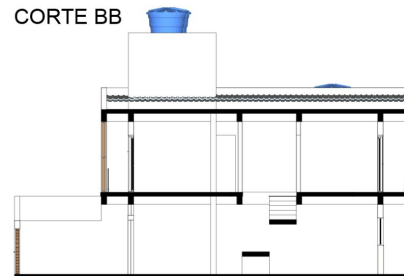




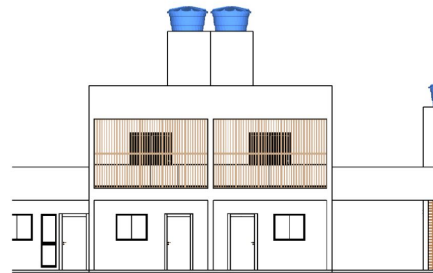
CORTE AA



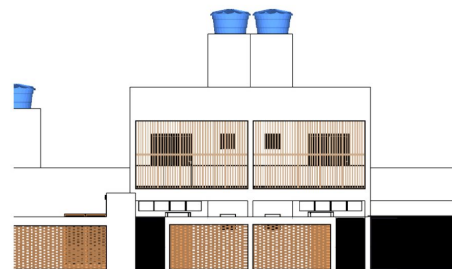
CORTE BB



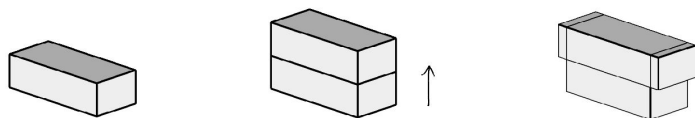
FACHADA 1



FACHADA 2

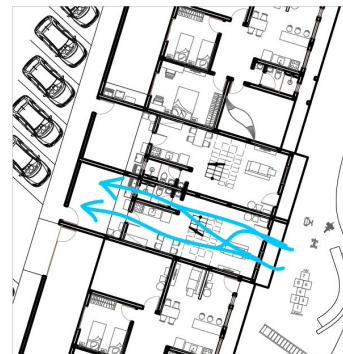
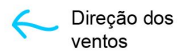


## VOLUMETRIA



## VENTILAÇÃO

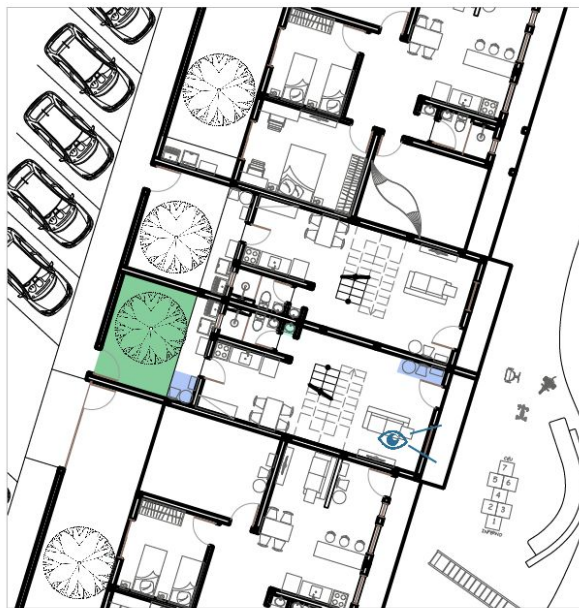
### LEGENDA



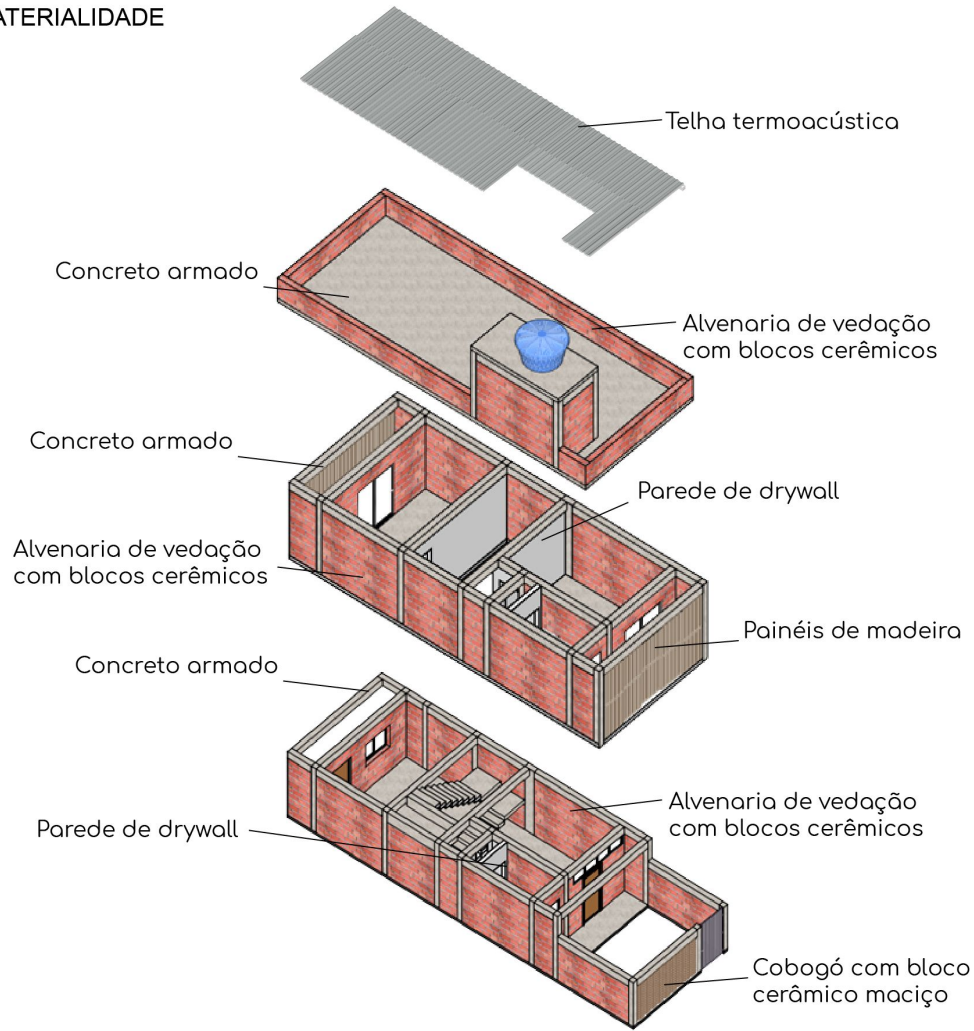
## DIRETRIZES

### LEGENDA

-  Visão para os espaços coletivos
-  Lavatório externo
-  Área de transição
-  Área privativa

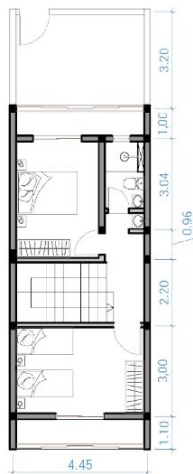


## MATERIALIDADE







TÉRREO  
(ORIGINAL)  
ESCALA 1/100



1º PAV. (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova

## POSSIBILIDADE 1 - Expansão no 1º pavimento

### 1.1 - Expansão do quarto da fachada 1



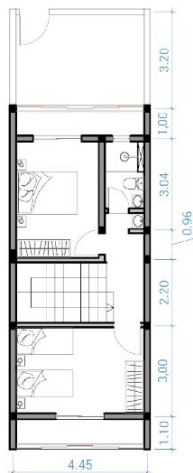
TÉRREO

1º PAV.

## POSSIBILIDADE 2 - Expansão da unidade para o 2º Pavimento



TÉRREO  
(ORIGINAL)  
ESCALA 1/100



1º PAV. (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

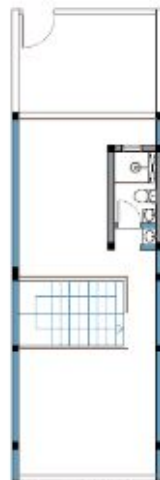
### 2 - Adição da escada no 1º Pavimento



TÉRREO



1º PAV.



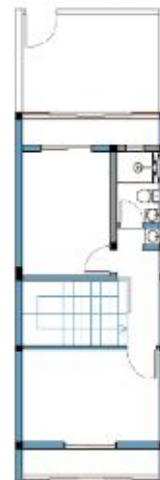
2º PAV.

### 2.1 - Adição de 1 quarto no 2º Pavimento



2º PAV.

### 2.2 - Adição de 2 quartos no 2º Pavimento



2º PAV.

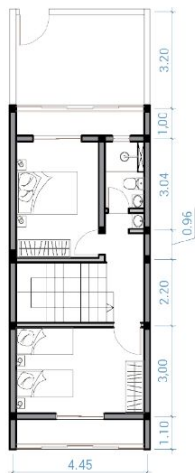
LEGENDA

-  Parede existente
-  Parede nova





TÉRREO  
(ORIGINAL)  
ESCALA 1/100



1º PAV. (ORIGINAL)  
ESCALA 1/100

### POSSIBILIDADE 3 - Criação de um espaço de geração de renda no térreo

3 - Utilização do espaço de sala  
no térreo (fachada 1),  
"Transferência" da sala para o  
espaço do quarto da fachada 2

3.1 - Adição de 1  
quarto no 2º  
Pavimento

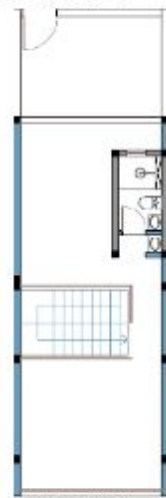
3.2 - Adição de 2  
quartos no 2º  
Pavimento



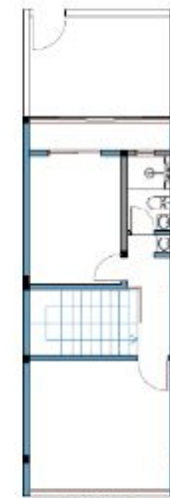
TÉRREO



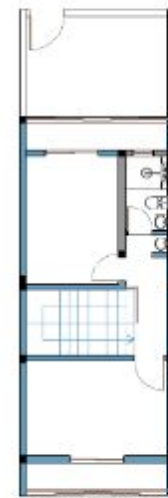
1º PAV.



2º PAV.



2º PAV.



2º PAV.

LEGENDA

- Parede existente
- Parede nova



FACHADA DO TERRENO



ACESSO DE VEÍCULOS



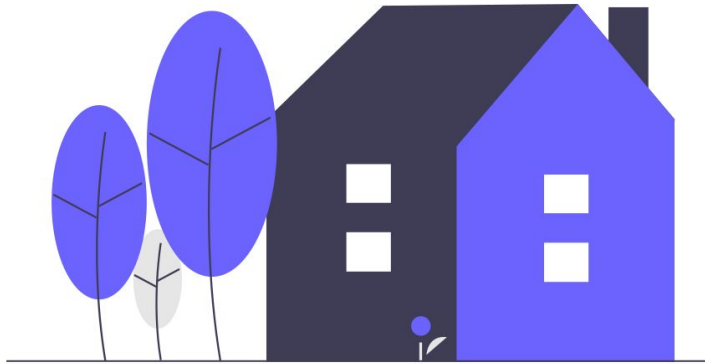
PARQUINHO



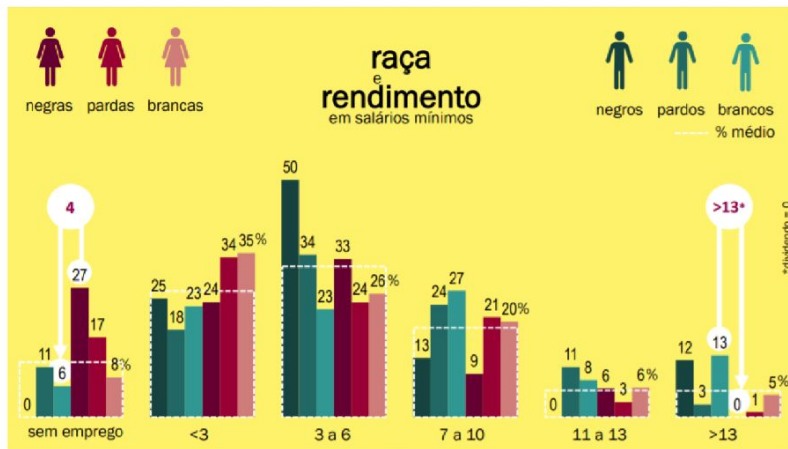
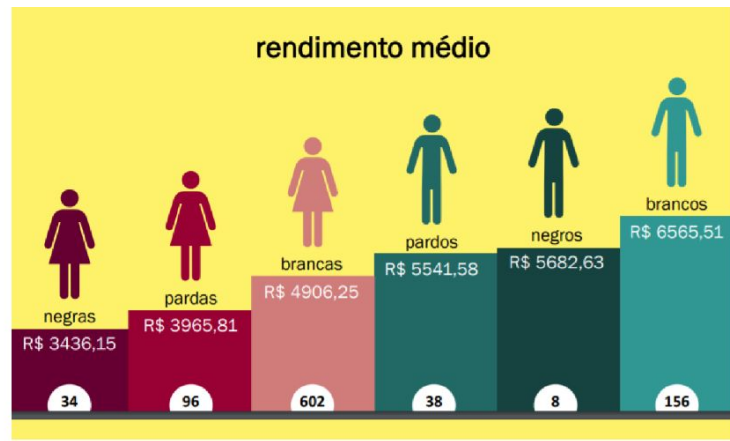
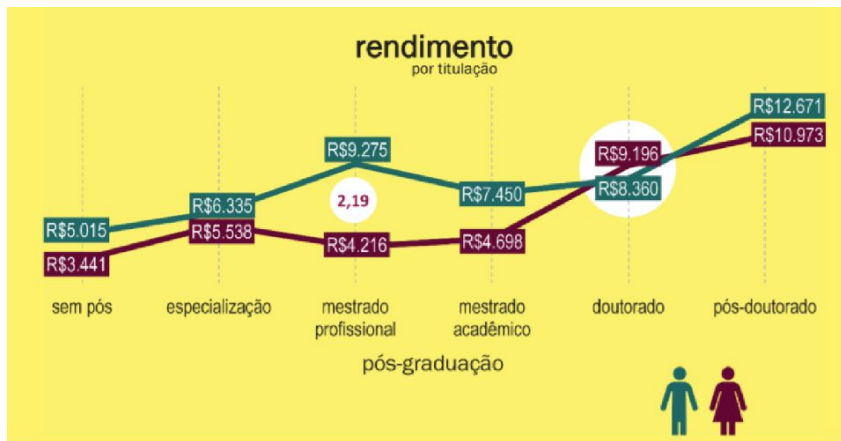
**HORTA COMUNITÁRIA**



# Considerações finais



**O direito à moradia, como tal, não se limita à provisão de unidades habitacionais dentro dos padrões que se têm considerado satisfatórios, mas deve contemplar outros aspectos inerentes às especificidades e necessidades dos seus usuários e às interações desses com o ambiente construído, objetivando a crescente elevação da qualidade de vida. (SOUZA, 2008)**



Fonte: CAU/BR





OBRIGADA!